



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

Jornal Nacional: a nova cara do telejornalismo da Globo

Ingrid Borges Duarte Pereira

Brasília-DF

Dezembro/2015



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

Jornal Nacional: a nova cara do telejornalismo da Globo

Ingrid Borges Duarte Pereira

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, sob orientação do Professor Dr. David Renault.

Brasília-DF

Dezembro/2015

Jornal Nacional: a nova cara do telejornalismo da Globo

Ingrid Borges Duarte Pereira

Orientador: Prof. Dr. David Renault da Silva

Brasília, dezembro de 2015

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Professor Dr. David Renault da Silva

Professor. Professor Dr. Gilberto Costa

Dra. Renata Giraldi Dias

Suplente: Me. Paulo José Araújo da Cunha

AGRADECIMENTO

Aos meus pais, Maria Helena e Iremar, pela força e apoio de sempre. Vocês foram imprescindíveis neste processo. Obrigada por tudo.

À minha irmã, Isabelly, por aguentar o meu mau-humor durante este período.

A meu orientador, professor David Renault, pela paciência, tempo e ensinamentos cedidos.

À diretora da Central Globo de Jornalismo, Silvia Faria, por possibilitar que as entrevistas fossem feitas.

A Fernando Castro e à Zileide Silva, por terem disponibilizado tempo para sanar as (muitas) dúvidas desta graduanda.

À Renata Giraldi, pela dedicação dada a mim e a este trabalho.

Às minhas amigas incondicionais, sem as quais eu não teria seguido em frente: Daniela Ferreira de Paula, Nadjara Martins e Mariana Nascimento.

À Janaina Bolonezi, por sempre me dizer que eu conseguiria.

À Raila Spindola, por dizer que eu deveria seguir em frente. Obrigada, de verdade.

À Alessandra Aguiar, pela valiosa ajuda com a formatação deste trabalho.

A Lucas Ludgero e a João Victor Gusmão, por terem pegado os livros na biblioteca para mim.

A Gabriel Luiz, meu grande parceiro nesta jornada.

Por fim, ao Colégio Galois, ao qual serei eternamente grata. Aquele concurso de bolsas, em 2006, mudou os rumos da minha vida.

Não importa o que fizeram com você. O que importa é o que você faz com aquilo que fizeram com você.

Jean-Paul Sartre

RESUMO

Este trabalho buscou analisar as mudanças no Jornal Nacional, da Rede Globo, o telejornal de maior audiência do Brasil, implantadas a partir de 27 de abril e que incluem desde uma nova linguagem, até a forma de apresentação, participação de novos repórteres, cenários e arte, entre outros. Para isso, dois períodos foram analisados, antes e depois da mudança, que ocorreu no período de comemoração dos 50 anos de criação da emissora. Escolhidos aleatoriamente, o primeiro compreende as três primeiras semanas de abril, entre os dias 1 e 18 e, o segundo, as três semanas iniciais de setembro, entre os dias 1 e 19, mês em que o noticioso completou 46 anos. Os telejornais coletados no site institucional do noticiário foram analisados utilizando princípios da Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin. De forma complementar ao *corpus* principal da pesquisa foram realizadas entrevistas com profissionais da TV Globo. O trabalho traz ainda uma retrospectiva histórica da televisão no País, da Rede Globo e do Jornal Nacional.

Palavras-chave: telejornalismo, informalidade, Jornal Nacional, Análise de Conteúdo

ABSTRACT

This study proposed to analyze the changes in Jornal Nacional, from Rede Globo, the most watched news in Brazil, deployed from April 27 and ranging from a new language to the presentation, as also the participation of new reporters of the News, scenario, art, among others. Two periods were analyzed before and after the change, that happened when the 50th Anniversary of the Station was celebrated. Randomly chosen, the first period includes the first three weeks of April, between 1 and 18 and the second, the first three weeks of September, between 1 and 19, when the News completed 46 years. The TV news, collected in the institutional news site, were analyzed using principles of Content Analysis proposed by Laurence Bardin. So complementary to the main corpus of research interviews were conducted with professionals from TV Globo. The work also brings a historical retrospective of television in Brazil, Rede Globo and Jornal Nacional.

Keywords: television news, informality, Jornal Nacional, content analysis

SUMÁRIO

1.Introdução.....	1
1.1. Objeto e objetivos.....	2
1.2. Justificativa.....	3
1.3. Metodologia.....	3
2.Televisão e Telejornalismo.....	5
2.1. TV no Brasil.....	5
2.2. Rede Globo.....	14
2.2.1. Como tudo começou.....	14
2.2.2. Caso Time-Life.....	16
2.2.3. Década de 1960.....	19
2.2.4. Década de 1970.....	19
2.2.5. Década de 1980.....	22
2.2.6. Década de 1990.....	23
2.2.7. Década de 2000.....	25
2.2.8 Década de 2010.....	26
2.3. Telejornalismo Pioneiro.....	27
2.4. Jornal Nacional.....	29
2.4.1. Jornalistas como apresentadores.....	37
2.4.2. Diretas Já.....	41
2.4.3. Eleições de 1989.....	42
3. Referencial Teórico- Metodológico.....	42
3.1. <i>Newsmaking</i>.....	42
3.1.1. Valores – Notícia.....	43
3.2. <i>Gatekeeper</i>.....	45
3.3. Análise de Conteúdo.....	47
4.<i>Corpus</i> da Pesquisa.....	48
5.Análise.....	49
5.1. Mapa-Tempo.....	51
5. 1.1 Racismo.....	58
5.2. Link.....	59
5.3. Arte.....	62
5.4. Forma de apresentar.....	75

5.5. Cenário.....	78
5.6. Repórteres.....	84
6.Considerações finais.....	87
Referências Bibliográficas.....	89
Fontes Eletrônicas e <i>Sites</i> Pesquisados.....	92
Anexos.....	93
Entrevista Fernando Castro.....	93
Entrevista Zileide Silva.....	105

1. INTRODUÇÃO

Em 27 de abril deste ano entrou no ar um Jornal Nacional (JN) totalmente reformulado. O cenário ganhou cara nova, ficou mais moderno e, pela primeira vez, foi possível ver os apresentadores de corpo inteiro. De repente, a previsão do tempo, agora ao vivo, passou a ser um dos atrativos do telejornal. Descontraída e esbanjando carisma, a nova garota do tempo, Maria Júlia Coutinho, trouxe uma linguagem mais popular e mais próxima do telespectador. Linguagem essa que dá o tom no novo Jornal Nacional.

Para chegar ao formato atual do JN, em que predomina uma linguagem mais próxima da falada, um longo caminho foi percorrido pela televisão no Brasil. O primeiro telejornal, que teve sua estreia em 19 de setembro de 1950, na TV Tupi de São Paulo, tinha uma linguagem radiofônica. Como o rádio era o veículo que prevalecia na época, seguia-se esse modelo. Ao longo dos anos, os profissionais da televisão foram encontrando uma linguagem mais apropriada. O primeiro noticiário de sucesso do país, o *Repórter Esso*, lançado em 17 de junho de 1953, também na Tupi em São Paulo, já apresentava uma linguagem mais televisiva (PATERNOSTRO, 1999, p.35).

Em 1963, o *Jornal de Vanguarda*¹, na TV Excelsior, inovou o telejornalismo brasileiro, ao romper com a linguagem tradicional dos telejornais e imprimir um tom coloquial ao discurso de seus apresentadores, em contraposição à formalidade estabelecida até então. Também abriu espaço na televisão para jornalistas da imprensa escrita, em um período em que o telejornalismo era quase que exclusivamente realizado por profissionais vindos do rádio.

Na TV Globo, o primeiro telejornal estreou em abril de 1965, o *Tele Globo*, exibido em duas edições diárias com cobertura de assuntos nacionais e internacionais. No ano seguinte, a emissora passou a exibir o *Jornal da Verdade*. Ambos traziam variedade de comentaristas e apresentadores. Dois anos depois, foi criado o *Jornal da Globo*, apresentado por Luís Jatobá e Hilton Gomes, a partir das 19h30, tendo como editor-chefe José Ramos Tinhorão. O telejornal saiu do ar em 31 de agosto de 1969, substituído pelo *Jornal Nacional* (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.18).

Primeiro telejornal do Brasil transmitido em rede, o *Jornal Nacional* entrou no ar às 19h45 do dia 1º de setembro de 1969. Inspirados no modelo de telejornal norte-americano, Armando Nogueira, então diretor da Central Globo de Jornalismo (CGJ), e Alice-Maria, edi-

¹ Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-de-vanguarda.htm> Acesso em 1/11/15

tora nacional, conseguiram fazer um noticiário que se afastasse da linguagem radiofônica, ainda predominante na época (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.12). Egresso da imprensa escrita, Armando Nogueira se preocupava com a elaboração dos textos de todos os programas jornalísticos da emissora e, em 1975, juntamente com Alice-Maria criou um manual com algumas normas básicas de redação. Havia, por exemplo, a recomendação de moderar no uso do plural para evitar o chiado característico do sotaque carioca (Idem, p.63).

O rigor estilístico do então diretor da Central Globo de Jornalismo se manteve na década seguinte, incluindo a preocupação com a qualidade de texto nos telejornais, a renovação dos profissionais e o aumento do contingente de repórteres que não tinham conhecimento das normas de redação adotadas pela TV Globo. Foi realizado então uma espécie de curso de “atualização na arte de escrever notícia para televisão” dirigido aos jornalistas do Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, Belo Horizonte e Recife. Em documento em que tratou do assunto Nogueira afirmou: “A direção da CGJ propõe a todos os colegas que o ano de 1984 seja, entre outras coisas, o ano do texto no telejornalismo” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.63). Nessa mesma época um novo manual de redação foi feito, com versão impressa e, nos anos 1990, a publicação funcionou como um guia prático para os jornalistas da emissora (Idem).

Com o objetivo de “mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia, com isenção, pluralidade, clareza e correção”, o Jornal Nacional tenta manter uma linguagem que permita a todos os telespectadores entenderem o que está sendo noticiado, segundo o atual editor chefe e apresentador William Bonner (BONNER, 2009, p.17). Em tempos de ampla concorrência com a TV fechada e com a internet, neste ano, com o novo formato, percebe-se um uso mais frequente da chamada linguagem oral, mais próxima da falada. Neste trabalho mostraremos como essa informalidade foi incorporada ao telejornal de maior alcance do país.

1.1. Objeto e Objetivos

O objeto deste trabalho é o *Jornal Nacional*. O objetivo principal foi tentar entender o processo de mudanças no telejornal, implantadas a partir de 27 de abril de 2015, em seus vários aspectos. Entre os objetivos estão o de explicar como a informalidade se aplica a um telejornal tradicional, com audiência consolidada entre os vários extratos da sociedade. Há um limite para essa informalidade e até que ponto ela pode prejudicar ou não o conteúdo do noticiário? Outros objetivos são os de analisar as inovações na linguagem verbal (texto) e não-

verbal (postura) de repórteres e apresentadores, cenário, recursos gráficos e reportagens. Este trabalho não se propõe a estudar a recepção do telejornal, mesmo com as novas mudanças.

1.2. Justificativa

Mesmo tendo surgido depois do rádio e bem depois de jornais e revistas, a televisão é hoje, de longe, o meio de comunicação através do qual o brasileiro mais se informa. O *Jornal Nacional* é o telejornal com maior alcance em todo o País – chegando a marcar 23,5 pontos no dia 14 de novembro deste ano, segundo dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope). São fatos que, por si só, justificam o desenvolvimento de um estudo aprofundado sobre a área como trabalho final de um curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

O tema televisão é de grande interesse para a pesquisa acadêmica no campo da Comunicação no Brasil quando se sabe que o País conta com cinco redes com abrangência nacional - Globo, Bandeirantes, SBT, Record e Rede TV – além de centenas de emissoras regionais e locais. São canais abertos, que, por sua vez, investem nos próprios canais fechados, pagos, que concorrem com outros grupos empresariais dessa área, em um processo de expansão que deve se acelerar nos próximos anos, com a incorporação de novas tecnologias, aparelhos e equipamentos de recepção.

Esta pesquisa é uma ótima oportunidade para tentar entender, por meio de um produto específico, o *Jornal Nacional*, o que está acontecendo no telejornalismo brasileiro, assunto sobre o qual desenvolvi um grande interesse em minha vida acadêmica, que se encerra no segundo semestre de 2015, com a apresentação deste trabalho. Acredito que os estudos, entrevistas, análises e redação do material recolhido, além de fortalecer minha formação, será de extrema utilidade no desenvolvimento da futura vida profissional.

1.3. Metodologia

A definição do objeto deste estudo ocorreu quando o *Jornal Nacional* implantou profundas mudanças em sua estrutura, em abril de 2015. Imaginei que um estudo comparativo entre os formatos antigo e o novo, além de um trabalho acadêmico relevante, permitiria dei-

xar para o leitor uma contribuição para melhor entender essas modificações e seus reflexos no telejornal.

O procedimento metodológico para o desenvolvimento deste projeto de final de curso envolveu um trabalho de leituras e pesquisas para fazer uma retrospectiva histórica da televisão brasileira, da TV Globo e, especialmente, do *Jornal Nacional*, fundamentais para se entender como se chegou ao estágio atual. Diversas leituras foram realizadas também para buscar referenciais teóricos do campo jornalístico, relativos a questões como *Newsmaking* e Valores Notícia, e sobre Análise de Conteúdo que embasaram as análises sobre os telejornais selecionados.

Para formar o corpus principal da pesquisa foram gravados telejornais de três semanas antes das mudanças no JN, em abril de 2015, e três semanas no período posterior a essas mudanças, em setembro. Degravados, os conteúdos dos telejornais foram classificados em categorias e analisados, como se disse, tendo como base a Análise do Conteúdo. Nessa análise, buscou-se verificar questões como as inovações na linguagem verbal (texto) e não-verbal (postura) de repórteres e apresentadores, cenário, recursos gráficos e reportagens.

Para complementar o *corpus* da pesquisa foram realizadas duas entrevistas exclusivas com profissionais da Rede Globo. Uma repórter de rede Nacional, Zileide Silva, que tem sua base em Brasília, uma das cinco emissoras do próprio grupo Globo, e o editor-chefe adjunto do *Jornal Nacional*, Fernando Castro, que trabalha na sede da emissora no Rio de Janeiro. Zileide foi entrevistada na Capital Federal em 24 de setembro e Castro, no Rio, em 28 de setembro, na Central Globo de Jornalismo. A íntegra dessas entrevistas estão em anexo.

A etapa conclusiva do processo metodológico foi a redação final e edição dos textos, com a editoração eletrônica do material, que contou com o apoio de Alessandra Aguiar, minha querida amiga, graduada pelo curso de Comunicação Organizacional, na Universidade de Brasília.

2. TELEVISÃO E TELEJORNALISMO

2.1. TV no Brasil

Mesmo com a democratização da internet, a televisão continua sendo o meio de comunicação predominante no Brasil, segundo estudo encomendado pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom) ² para compreender como o brasileiro se informa. A Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, realizada pelo Ibope com mais de 18 mil entrevistados, verificou que 95% deles assistem tevê. Desse número, 79% afirmaram que veem para se informar. A forte presença deste equipamento na casa do brasileiro também é comprovada pelo IBGE. De acordo com o censo de 2010, 95,1% das residências têm o aparelho, enquanto as geladeiras estão presentes em 93,7%. Ou seja, tem casa que tem TV, mas não tem geladeira.

A televisão brasileira foi inaugurada³ oficialmente no dia 18 de setembro de 1950, pelo jornalista Assis Chateaubriand⁴, em estúdios precários instalados no Palácio do Rádio, em São Paulo. Como havia poucos televisores, Chateaubriand mandou instalar 200 aparelhos em bares e lojas da cidade, para que o público pudesse assistir ao acontecimento. O programa de estreia da TV Tupi Difusora, *TV na Taba*, foi ao ar por quase duas horas, na base do improviso. Com apresentação de Homero Silva, participação de artistas como Mazzaroppi, Hebe Camargo, Walter Foster, Lima Duarte, Lolita Rodrigues e Wilma Bentivegna, textos de Dervival Costa Lima e direção de Cassiano Gabus Mendes, enfim, a televisão era uma realidade (PATERNOSTRO, 1999, p.29).

²Íntegra da pesquisa em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acesso em 20/05/15

³ Informações encontradas em: <http://www.centrocultural.sp.gov.br/tvano50/dec50.htm> Acesso em 30/10/2015

⁴ Filho de Francisco Chateaubriand Bandeira de Melo e de Maria Carmem Guedes Gondim Bandeira de Melo, o jornalista, empresário e político brasileiro Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo nasceu em 4 de outubro de 1892, em Umbuzeiro, na Paraíba. Seu avô paterno, José Bandeira de Melo, era admirador do poeta e pensador francês François-René de Chateaubriand, e acrescentou Chateaubriand ao sobrenome dos filhos. Ainda criança, mudou-se com a família para Recife, Pernambuco. Começou a carreira no *O Correio da Manhã*, em 1917. Anos mais tarde, em 1924, assumiu a direção de *O Jornal*, iniciando assim o primeiro império da comunicação do país: os Diários Associados, empresa que chegou a ter 28 jornais, 16 estações de rádio, cinco revistas e uma agência telegráfica. Faleceu em São Paulo, em 4 de abril de 1968. Mais informações em: <http://www.academia.org.br/academicos/assis-chateaubriand/biografia> Acesso em 30/10/2015



Figura 1: Lolita Rodrigues, Homero Silva e Assis Chateaubriand na inauguração da TV Tupi em São Paulo

Fonte: <https://portogente.com.br/colunistas/laire-giraud/60-anos-nas-ondas-da-teve-31107>

A TV Tupi-Difusora foi a primeira emissora da América Latina, e a sexta do mundo, ficando atrás apenas de veículos da Inglaterra, Estados Unidos, França, Alemanha e Holanda (JAMBEIRO, 2002, p. 51). Aprendizagem e experimentação marcaram os primeiros anos do canal.⁵ Eram poucos recursos técnicos e o equipamento mínimo para manter uma programação diária de cinco horas – das 18h às 22h. Em uma época em que o rádio era o veículo de comunicação mais popular do país, a televisão brasileira aproveitou sua experiência, conhecimentos e a mesma estrutura e formato de programação (MATTOS, 1990).

Os cariocas conheceram a televisão poucos meses após a criação da TV de São Paulo, quando, em 20 de janeiro de 1951, Chateaubriand criou a TV Tupi- Rio. O novo meio não

⁵Informações encontradas em:

<http://www.centrocultural.sp.gov.br/cadernos/lightbox/lightbox/pdfs/Historia%20da%20TV%20brasileira.pdf>
Acesso em 30/10/2015

parou de se expandir até o final da década de 1950. De 1955 a 1961 foram inauguradas 21 novas emissoras. (RIBEIRO, ROXO, SACRAMENTO; 2010, p.21)

Em 1955, começa a funcionar a TV Itacolomi (de Belo Horizonte). Quatro anos depois é a vez da TV Piratini (de Porto Alegre) e a TV Cultura (de São Paulo). Em 1960, são inauguradas a TV Itapoan (de Salvador), TV Brasília, TV Rádio Clube (de Recife), TV Paraná, TV Ceará, TV Goiânia, TV Mariano Procópio (de Juiz de Fora), Tupi-Difusora (de São José do Rio Preto). E, no ano seguinte, seria a vez da tv Vitória, TV Coroados, TV Borborema (de Campina Grande), TV Alterosa (de Belo Horizonte), TV Baré, TV Uberaba, TV Florianópolis, TV Aracaju, TV Campo Grande e TV Corumbá (RIBEIRO, ROXO, SACRAMENTO; 2010, p.21)

Na tentativa de encontrar uma linguagem televisiva, a programação⁶ dos anos 1950 exibiu diferentes gêneros. O teleteatro foi um grande laboratório para a teledramaturgia. O dinheiro destinado às produções era pouco e, na falta de cenários grandiosos e figurinos pomposos, a criatividade dos profissionais envolvidos tinha de ir além. O telejornalismo era mais lido que ilustrado. A telenovela, apesar de constante no ar desde 1951, não tinha a duração nem a importância de hoje. O primeiro folhetim foi *Sua Vida me Pertence*, de Walter Forster, na TV Tupi São Paulo. Os capítulos tinham apenas 15 minutos e só eram exibidos duas vezes por semana. Segundo Paternostro (1999, p.29), muitos programas radiofônicos ganharam versão televisiva, entre eles os musicais – gênero bastante usado nessa época.

Com a ampliação da televisão, as agências publicitárias começaram a fazer pesquisas de opinião para conhecer os hábitos de consumo do público e saber qual seria a melhor hora para veicular seus produtos. Para a medição da audiência, em 1954, foi criado o Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisa (IBOPE).⁷

Nos primeiros anos da televisão, as programações das emissoras eram focadas nas áreas de alcance de suas transmissões. Foi com o esporte que o veículo começou a conquistar novos públicos e conseguiu um feito: a primeira transmissão a longa distância. A façanha foi da TV Record de São Paulo, em 1956, que transmitiu, da cidade de Campinas (SP) para a cidade de São Paulo, um jogo de futebol. Depois disso, outras transmissões a distância foram feitas, inclusive pela mesma TV Record, que fez a primeira transmissão interestadual, ao exibir o grande prêmio do Jôquei Clube do Rio de Janeiro para o público paulista.

⁶Informações encontradas em:

<http://www.centrocultural.sp.gov.br/cadernos/lightbox/lightbox/pdfs/Historia%20da%20TV%20brasileira.pdf>
Acesso em 30/10/2015

⁷Página do IBOPE na internet: <http://www.ibope.com.br/pt-br/Paginas/home.aspx> Acesso em 30/10/2015

No fim da metade do século XX, as emissoras iniciaram a veiculação de seriados norte-americanos. Nesse período, a programação já alcançava quase todo o dia. Começava ao meio-dia e se estendia madrugada adentro. Jambeiro define os anos 1950 como uma fase de experimentação e dá à década seguinte os créditos da consolidação como meio de comunicação:

Embora a era da TV no Brasil comece oficialmente em 1950, somente nos anos 60 o novo meio de comunicação vai se consolidar e adquirir os contornos de indústria. Nos anos 50 a televisão era operada como uma extensão do rádio, de quem herdou os padrões de produção, programação e gerência, envolvidos num modelo de uso privado e exploração comercial. Nos anos 60 a televisão começou a procurar seu próprio caminho, a adquirir processos de produção mais adequados às suas características enquanto meio e transformou-se assim no poderoso veículo de transmissão de ideias e de venda de produtos e serviços que é hoje (JAMBEIRO, 2002, p. 53).

Nos anos 1960, a televisão assumiu definitivamente seu caráter comercial, dando início a uma guerra por verbas publicitárias (PATERNOSTRO, 1999, p.30). Também nesta década, foi instaurado o videoteipe⁸ o que, segundo Mattos, revolucionou a televisão.

O uso do VT possibilitou não somente as novelas diárias como também a implantação de uma estratégia de programação horizontal. A veiculação de um mesmo programa em vários dias da semana criou o hábito de assistir televisão rotineiramente, prendendo a atenção do telespectador e substituindo o tipo de programação em voga até então, de caráter vertical, com programas diferentes todos os dias (MATTOS, 2002, p. 87).

O videoteipe permitiu que as fitas dos programas fossem enviadas para outros centros televisivos brasileiros, o que deu início à industrialização do entretenimento.⁹ Dessa maneira, 80% das produções do eixo Rio-São Paulo eram enviadas as outras emissoras. Neste cenário, surgiu a TV Excelsior¹⁰, inaugurada em São Paulo, no dia 9 de julho de 1960. A emissora inovou e restabeleceu padrões que ecoam ainda hoje, como a criação de conteúdos voltados para a venda e a formação de rede nacional. Ao perceber o êxito das telenovelas, o canal começou a produzir folhetins diários, que até então eram exibidos duas ou três vezes por semana, o que aumentou consideravelmente a audiência. A primeira a ser transmitida diariamente foi *2-5499-Ocupado*, de Alberto Migré, com Glória Menezes e Tarcísio Meira como protagonistas.

Vendo o sucesso da concorrente, a TV Tupi São Paulo não quis ficar atrás e, em 1964, produziu *O Direito de Nascer*, novela que obteve um sucesso estrondoso. Com o tempo, o

⁸ Fita magnética usada para gravação, edição e reprodução e imagens.

⁹ Informações encontradas em: http://www.centrocultural.sp.gov.br/tvano50/dec50_2.htm Acesso em 30/10/2015

¹⁰ Informações em <http://www.centrocultural.sp.gov.br/tvano50/excelsior.htm> Acesso em 30/10/2015

gênero caiu no gosto dos telespectadores, iniciando sua massificação entre os brasileiros. Mais tarde, em 1968, a estrutura narrativa do gênero foi totalmente renovada com o lançamento do anti-herói, na telenovela *Beto Rockfeller*, na TV Tupi. Segundo Mattos (1990) o folhetim é considerado como um marco da televisão brasileira. Daí em diante, as telenovelas passaram a receber um maior investimento, o que resultou no declínio da produção dos teleteatros – grandes atrações dos anos 1950.



Figura 2: Eleonor Bruno, Luiz Gustavo, Irene Ravache e Joffre Soares na novela *Beto Rockfeller*, em 1968 Fonte: Arquivo Multimeios/ CCSP

Foi também na década de 1960 que surgiram os programas de auditório e, com eles, os comunicadores de massa. Chacrinha, Sílvio Santos, Hebe Camargo e Flávio Cavalcanti caíram no gosto do público. Foi nessa época que a TV Excelsior explodiu com os grandes festivais de música popular. Nomes Elis Regina, Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Edu Lobo, Geraldo Vandré, Gilberto Gil, Milton Nascimento começaram a ganhar espaço neste período. Simultaneamente, na TV Record, Roberto Carlos comandava o *Jovem Guarda*, programa que deu visibilidade a jovens do rock brasileiro.

A fim de reforçar a identidade nacional, levando notícias do governo, os militares investiram na radiodifusão (JAMBEIRO, 2002, p.79). Em 1965, implantaram a Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações), que “foi encarregada dos serviços telefônicos de longa distância, tendo assegurados o controle absoluto e o monopólio na área” (Idem, p.80). No mesmo ano, aderiram ao consórcio internacional para utilização de satélites de comunicação, o Intelsat. Desta forma, “estava criada a estrutura para as redes nacionais de televisão” (PATERNOSTRO, 1999, p.31). Nesse período, o número de televisores aumentou fortemente.

Quando os militares tomaram o poder, em 1964, o Brasil tinha cerca de dois milhões de aparelhos de TV. A partir de 1968, a recém instalada indústria de eletroeletrônicos, associada a políticas de incentivos a ela concedidos pelo governo, e à lei de compra a crédito promulgada em 1968, fez aquele número crescer rapidamente: em 1969 havia quatro milhões e um ano depois cinco milhões de aparelhos de TV. Em 1974 esse número tinha crescido para cerca de nove milhões e os aparelhos de TV estavam presentes, então, em 43% dos lares brasileiros (JAMBEIRO, 2002, p. 80).

A grande conquista da década de 1970 foi a chegada da cor. A primeira transmissão em cores produzida no Brasil foi feita na inauguração da Festa da Uva, na cidade de Caxias, no Rio Grande do Sul, pela TV Difusora de Porto Alegre, em 10 de fevereiro de 1972.¹¹ Com a compra de equipamentos novos, vários programas passaram a ser gravados, editados e exibidos em cores. Em 1973, foi produzida a primeira telenovela colorida, *O Bem Amado*, na Rede Globo.

Devido à censura política da ditadura militar, não houve grandes mudanças na programação. Os humoristas continuaram sendo Chico Anysio, Ronald Golias, Consuelo Leandro, Jô Soares. Agora, o humor era limitado. Os Trapalhões, grupo criado desde os anos 1960, consagrou-se na década de 1970, obtendo maior sucesso na televisão e no cinema.

Com a possibilidade de noticiar com imediatismo de qualquer lugar do planeta – por meio dos satélites –, o jornalismo passou a ser mais vigiado e controlado. Só era mostrado o que interessava ao regime militar vigente. “Poucos profissionais conseguiram êxito na tentativa de informar e experimentar a mídia como fator de mobilização da opinião pública. Algumas, inclusive, acabaram tragicamente, como a do telejornal da TV Cultura de São Paulo, cujo redator-chefe, o jornalista Wladimir Herzog, foi morto pela polícia militar”¹².

A telenovela continuou sendo o programa de maior sucesso e se concretizou como “fenômeno cultural”¹³. Com alto investimento, a Rede Globo se consolidou como a principal realizadora do gênero. Seus folhetins foram consumidos não em todos os estados do Brasil, mas também por cerca de 70 países.

¹¹Informações encontradas em: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-1970/a-chegada-da-cor.htm> Acesso em 30/10/2015

¹²Informações encontradas em: <http://www.centrocultural.sp.gov.br/cadernos/lightbox/lightbox/pdfs/Historia%20da%20TV%20brasileira.pdf> Acesso em 30/10/2015

¹³<http://www.centrocultural.sp.gov.br/cadernos/lightbox/lightbox/pdfs/Historia%20da%20TV%20brasileira.pdf>

Nos anos 1980 ¹⁴, a abertura política e o fim do Regime Militar, em 1985, proporcionaram uma renovação na grade das emissoras. Os programas femininos abandonaram a exclusividade da figura da dona da casa e passaram a discutir os diferentes papéis da mulher na sociedade. Destaque para TV Mulher, da Rede Globo. Os telejornais começaram a discutir ideias e opiniões, e todos os canais iniciaram criaram programas de entrevistas e debates. Um dos mais importantes do gênero foi o *Canal Livre*, criado ainda em 1980, da Rede Bandeirantes.

Uma das novidades da década foi a cessão de horário das emissoras a produtoras independentes. Grupos empresariais, como o da Gazeta Mercantil ou da Editora Cultural, por exemplo, alugaram horários fixos na Bandeirantes e na TV Gazeta para exibir suas produções.

Houve diminuição do número de rede de emissoras. A mais antiga, a Rede Tupi, faliu e perdeu sua concessão, saindo do ar em 14 de julho de 1980. Sua imensa cadeia espalhada pelo país foi dividida basicamente entre duas novas redes: o grupo empresarial Sílvio Santos, que criou o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), e o grupo empresarial Bloch, que fundou a Rede Manchete de Televisão.

O SBT inaugurou uma programação essencialmente popular (PATERNOSTRO, 1999, p.34). A variedades de shows, os programas de auditório e as telenovelas mexicanas fizeram com que a emissora alcançasse a vice-liderança já no fim dos anos 1980. Enquanto isso, a Rede Manchete apresentou uma programação mais erudita, com musicais, programas jornalísticos, shows e filmes. Como o canal não conseguiu os índices de audiência esperados, acabou se lançando à produção de telenovelas, contratando atores famosos da Rede Globo.

Depois do término de uma associação com o grupo de Sílvio Santos, a Rede Record, de São Paulo - o canal mais antigo em atividade -, foi vendida para uma empresa religiosa controlada pela Igreja Universal do Reino de Deus, do Bispo Edir Macedo. Na tentativa de fazê-la voltar a ser uma emissora de sucesso, a nova proprietária investiu em tecnologia. Pelo final da década, surgiram as primeiras TVs a cabo, com sinal pago.

A televisão continuou se expandindo na última década do século XX¹⁵. Outras redes surgiram e o sistema de TV a cabo cresceu. Em 10 de novembro de 1991 foi lançada a Globo-

¹⁴Informações encontradas em: <http://www.centrocultural.sp.gov.br/tvano50/dec80.htm> Acesso em 30/10/2015

¹⁵Informações encontradas em: <http://www.centrocultural.sp.gov.br/tvano50/dec90.htm> Acesso em 30/10/2015

sat, programadora e operadora do Grupo Globo, em São Paulo e no Rio de Janeiro (PATER-NOSTRO, 1999, p.42).

Na dramaturgia, Pantanal, de autoria de Benedito Rui Barbosa, exibida em 1990, inovou o gênero, colocando a natureza do Mato Grosso como elemento de grande importância dramática na trama. Além disso, lançou jovens atores e atrizes, trazendo cara nova à televisão. Pela primeira vez, a Rede Manchete obteve ótimos índices de audiência. Os programas de auditório mantiveram o formato, com Hebe Camargo e Sílvio Santos. Augusto Liberato, o Gugu, no SBT, e Fausto Silva, o Faustão, na Rede Globo, se consolidaram nas tardes de domingo. Pelo final da década, a Rede Record lançou o *Programa Raul Gil*, que deu espaço a calouros de alto nível musical, propiciando o surgimento de novos artistas ao mercado.

Na Rede Cultura, no início da década, surgiu Serginho Groissman, com o programa *Matéria Prima*. Dirigido a adolescentes e universitários, a atração exibia músicas e entrevistas. O apresentador introduziu um estilo de comunicação ágil com o auditório, que o consagrou e o levou, mais tarde, a trabalhar no SBT e depois na Rede Globo. No SBT, surgiu Carlos Massa, o Ratinho, comunicador de auditório com um estilo mais agressivo. Os anos 1990 também foram marcados pela criação de canais com conteúdo religioso. A Rede Vida de Televisão voltada para o público católico, e a Rede Família, para o evangélico.

Nos anos 1990, a televisão foi transformada também em um veículo de comercialização de bens e serviços diversos.¹⁶ Foi nesta década que aparecem os programas em que os telespectadores concorriam a prêmios. Milhares de pessoas ligavam diariamente, tentando a sorte, mas dando dinheiro às emissoras.

Não houve grandes mudanças no conteúdo oferecido ao público no novo século. Alguns apresentadores, como Gugu Liberato, e, mais recentemente, Xuxa Meneghel abandonaram suas antigas “casas”. Ambos foram para a Rede Record. A Rede Globo se manteve líder¹⁷ de audiência, mas teve sua hegemonia ameaçada em determinados períodos. Em 2003, a tevê de Edir Macedo comprou novos estúdios, adquiriu equipamentos modernos e investiu na

¹⁶Informações encontradas em: http://www.centrocultural.sp.gov.br/tvano50/dec90_3.htm Acesso em 30/10/2015

¹⁷ Informações encontradas em: <http://www.centrocultural.sp.gov.br/cadernos/lightbox/lightbox/pdfs/Historia%20da%20TV%20brasileira.pdf> Acesso em 30/10/2015

contratação de profissionais de outras emissoras. Desde então, vem produzindo novelas que agradam ao telespectador e que incomoda a concorrência.¹⁸

A relação televisão-internet cresceu de maneira que, atualmente, todos os canais possuem sites, nos quais veiculam a programação que produzem, informações, dados técnicos, fotos e entrevistas. Agora o telespectador tem a possibilidade de interagir com a emissora, fazendo comentários no *twitter*¹⁹ e usando *hashtags*.²⁰ Programas como o The Voice Brasil, na Globo, utilizam esse recurso. A interatividade, característica da década de 2010, é estratégica para atrair o público e tentar garantir uma boa audiência.

A TV Digital²¹ é outra mostra do avanço tecnológico. Após o surgimento nos Estados Unidos – em 1997 –, deu-se início a um debate a respeito de sua utilização. Com qualidade de imagem e som muito superiores e com possibilidades de conexão do aparelho televisor à internet, a TV digital é uma importante conquista técnica para o aprimoramento da televisão brasileira. A interatividade da TV Digital permite que a população tenha acesso a serviços públicos tais como consulta ao saldo no banco, marcação de consultas médicas na rede pública, declaração do IR etc. A partir de abril de 2016, as cidades no Brasil passarão a ter somente a TV Digital Aberta, que substituirá o sinal de TV Analógica Aberta. Atualmente, as emissoras investem em maior ou menor grau em novas tecnologias para disponibilizar suas programações para diversos tipos de aparelhos.

¹⁸ Na noite do dia 29 de outubro de 2015, OS Dez Mandamentos bateu o Jornal Nacional em São Paulo. A novela registrou média de 22,1 pontos, contra 21,3 da Globo. No confronto com o “Jornal Nacional”, entre 20h40 e 21h30, pela primeira vez, “Os Dez Mandamentos” venceu, por 21,6 a 21. Já contra “A Regra do Jogo”, entre 21h31 e 21h48, a vitória foi de 23,5 a 22,1. Informações encontradas em: <http://mauriciostyler.blogosfera.uol.com.br/2015/10/29/ibope-previo-pela-1a-vez-dez-mandamentos-bate-jn-e-regra-do-jogo-em-sp/> Acesso em 30/10/2015

¹⁹ Rede social que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos. Os textos, que só podem ter até 140 caracteres, são conhecidos como *tweets*

²⁰ Expressão bastante comum entre os usuários das redes sociais, na internet. É uma espécie de palavra-chave antecedida pelo símbolo #. São usadas para categorizar os conteúdos publicados nas redes sociais

²¹ Mais informações em: <http://www.dtv.org.br/> Acesso em 30/10/2015

2.2. Rede Globo

O conglomerado que representa a Rede Globo de Televisão é formado por cinco emissoras próprias – TV Globo Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Minas e Recife – e 117 afiliadas. Atualmente a Rede cobre 98,44% do território nacional, atingindo 5.485 municípios e 99,50% da população. No total são 28 grupos de comunicação – há grupos que possuem mais de uma emissora – com 9.600 profissionais distribuídos por dezenas de sucursais e micros sucursais. Cerca de 90% da programação é produção própria. A maior produção é jornalística, com um pouco mais de 62 mil horas por ano (média de 5.167 horas por mês), mas há cerca de outros 90 programas locais, em 12 gêneros diferentes (entrevista, culinário, educativo, rural, saúde, show, esporte e turismo), somando mais de 3 mil horas de exibição. São cerca de 650 equipes de reportagem nas emissoras e afiliadas. É a maior equipe de jornalistas do país, com mais de 3.000 profissionais.²²

2.2.1. Como tudo começou

Eram 11 horas da manhã do dia 26 de abril de 1965, quando a ZYD-81, TV Globo, canal 4, entrou no ar ao som do Hino Nacional (SOUTO MAIOR, 2006, p.20). A televisão de Roberto Marinho²³ foi inaugurada em um prédio no bairro do Jardim Botânico, na zona sul da cidade. O diretor-geral, Rubens Amaral, foi o primeiro a aparecer na tela da Globo, com a missão de apresentar a emissora aos telespectadores da cidade do Rio de Janeiro e do estado da Guanabara.²⁴

²² Informações encontradas em:

http://redegloboglobo.com/Portal/institucional/foldereletronico/g_globo_brasil.html Acesso em 26/10/15

²³ Roberto Pisani Marinho nasceu em 3 de dezembro de 1904, no bairro do Estácio, na cidade do Rio de Janeiro. Foi o primeiro dos cinco filhos de Irineu Marinho Coelho de Barros e de Francisca Pisani Barros Marinho. Seu pai fundou os jornais “A Noite”, em 1911, e O GLOBO, em 1925. Aos 26 anos, assumiu o cargo de diretor-redator-chefe do GLOBO. Em 1944, inaugurou a Rádio Globo do Rio de Janeiro, com foco no jornalismo. Mais tarde, em 1965, Roberto Marinho fundou a TV Globo, Canal 4, no Rio de Janeiro. Morreu em 6 de agosto de 2003, deixando três filhos -- Roberto Irineu Marinho, João Roberto Marinho, e José Roberto Marinho--, 12 netos e sete bisnetos.

²⁴ O Estado da Guanabara foi criado com o território da cidade do Rio de Janeiro, quando a capital da República foi transferida para Brasília, em 1960. As demais cidades pertenciam ao estado do Rio de Janeiro, cuja capital era Niterói. Em 1974 houve a fusão dos dois estados, permanecendo o nome Rio de Janeiro, com a transferência da capital para a cidade do mesmo nome.



Figura 3: A primeira sede da emissora, no Jardim Botânico

Fonte: Arquivo TV Globo/Divulgação

A primeira atração²⁵ foi o programa infantil *Uni-Duni-Tê*, apresentado pela professora Fernanda Barbosa Teixeira, a Tia Fernanda. O cenário era uma típica sala de aula, com quadro-negro, giz e carteiras escolares de madeira. Crianças podiam participar enviando cartas e desenhos ao show. Entre os destaques do dia estavam, ainda, o infantil *Capitão Furacão*, o noticiário *Tele Globo* (exibido em duas edições), e o jornalístico *Se a Cidade Contasse* – uma espécie de programa voltado para o jornalismo humano, que apresentava casos diários –, seriado *Rua da Matriz* e a novela *Ilusões Perdidas*. O público sintonizado no canal 4 neste dia também pôde assistir a *Romance na Tarde*, *Festa em Casa*, *Sempre Mulher Musicalíssima* e *Show da Noite*.

²⁵ Informações encontradas em: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/inauguracao/detalhes-do-topico-2.htm> Acesso em 26/10/2015

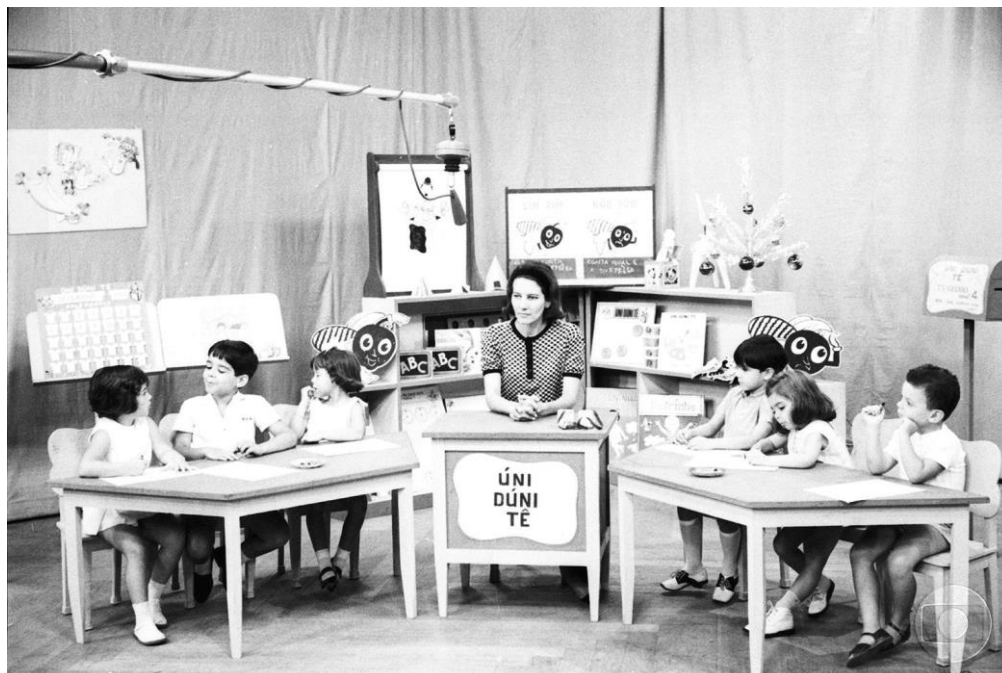


Figura 4: No dia 26 de abril de 1965 a TV Globo entra no ar com o programa infantil 'Uni Duni Tê'

Fonte: Fonte: Arquivo TV Globo/Divulgação

2.2.2. Caso Time-Life²⁶

Muito se fala a respeito da origem do maior conglomerado de comunicações do Brasil. No livro *A história secreta da Rede Globo*, de 1987, Daniel Herz traz documentos oficiais e relatos que mostram como foi o processo de investigação do acordo que a Globo fez com o grupo Time-Life, dos Estados Unidos.²⁷

Dois meses após a inauguração da TV Globo, o jornalista e político Carlos Lacerda denunciou como ilegais as relações da emissora com o grupo norte-americano. Segundo o então governador da Guanabara, os acordos firmados pela Globo com a Time-Life feriam o artigo 160 da Constituição brasileira, que proibia a participação de capital estrangeiro na gestão ou propriedade de empresas de comunicação. Com a denúncia, a Globo passou a ser pressionada pelo deputado João Calmon, presidente da Abert (Associação Brasileira de Empresas de Rádio e Televisão) e um dos condôminos-proprietários dos Diários e Emissoras.²⁸

²⁶ Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/caso-time-life.htm> Acesso em 10/11/15

²⁷ *A História Secreta da Rede Globo* foi publicado originalmente pela editora Tchê!, em 1986. Adotando uma metodologia de jornalismo investigativo, o livro se baseia em documentos oficiais para adquirir confiabilidade.

²⁸ Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/caso-time-life.htm> Acesso em 10/11/15

Em junho de 1965 o Conselho Nacional de Telecomunicações (Contel) abriu um processo para investigar o assunto e em outubro o deputado Eurico de Oliveira apresentou um requerimento à Câmara dos Deputados para instaurar uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI).

No dia 30 de março de 1966 foi criada a CPI que investigou as ligações do Grupo Globo – então Organizações Globo – com o grupo norte-americano, na qual depôs, em 20 de abril, Roberto Marinho. Em seu depoimento, o presidente da empresa afirmou que sempre respeitou a proibição de que estrangeiros fossem proprietários ou participassem da gestão de meios de comunicação. Explicou que dois contratos haviam sido firmados com o Time-Life: um contrato de assistência técnica e uma conta de participação. Disse que a TV Globo, em seus primórdios, ainda pertencia à Rádio Globo, que obtivera a concessão, e tinha um terreno na Gávea, no Rio de Janeiro, que os técnicos consideravam ideal para a instalação de um estúdio de TV, com projeto de construção e até planos de trabalho para a futura emissora.²⁹

Foi neste momento que duas organizações americanas, a NBC e a Time-Life, nos procuraram para participarem conosco do empreendimento que íamos levar a efeito. Embora os dois grupos tivessem chegado quase simultaneamente, as nossas preferências se voltaram para a organização do Time-Life, não só porque se tratava de uma grande organização jornalística como porque essa organização se lançara há alguns anos, com grande êxito, na televisão, passando o seu Departamento de Televisão a ser talvez o mais importante departamento daquela grande organização internacional. (Idem)³⁰

Roberto Marinho explicou que a empresa e advogados estudaram o assunto, especialmente o artigo 160 da Constituição, que “veda a propriedade e a direção das empresas jornalísticas e de radiodifusão, o que se pode entender, por analogia, à televisão, a estrangeiros”, sendo essas prerrogativas de brasileiros natos. A conclusão, segundo Marinho, foi de que poderiam, sem ferir a legislação, assinar com a Time-Life um contrato de assistência técnica e uma conta de participação “*joint venture*”, que, em sua visão, “é um contrato de financiamento aleatório, uma vez que não dá nenhum direito de direção ou de propriedade a uma empresa, apenas participando o financiador dessa empresa dos seus lucros e prejuízos” (Idem).³¹

No entanto, na prática, a Time-Life possuía grande influência dentro da Globo. Uma das cláusulas de um dos contratos dizia que o grupo Time-Life poderia visitar e inspecionar qualquer parte da propriedade, além de ter acesso direto a todos os livros de contabilidade

²⁹ Depoimento pode ser conferido em: <http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/caso-time-life.htm> Acesso em 10/11/15

³⁰ Depoimento poder ser conferido em: <http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/caso-time-life.htm> Acesso em 10/11/15

³¹ Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/caso-time-life.htm> Acesso em 10/11/15

(HERZ, 1987, p.130). Outra evidência era o fato de Joseph Wallach, o ex-diretor do grupo norte-americano na Califórnia, ser mais um diretor executivo do que um mero assessor para implantação da emissora, inclusive impondo diretrizes aos diretores locais, como ele próprio demonstrou em 1976, em sua primeira entrevista concedida no Brasil desde que aqui chegara, diz Herz.

Ninguém acreditava num orçamento, as previsões eram para três meses, diziam: 'Como você vai ter um orçamento se a Excelsior paga quarenta para o Chacrinha e, se você o contrata por sessenta, a TV Rio vai tirá-lo por oitenta? Todo o mundo olhava administração mais como um apêndice porque o negócio era produzir novelas, shows ao vivo... Dois anos para implantar a empresa. Foi uma luta tentar convencer o Walter Clark, o Boni - que sempre foram sensacionais na criação, mas planejamento não existia. Então nos estabelecemos planejamento para o futuro, quanto ia custar uma novela, fomos pondo ordem (HERZ, 1987, p.198)

Os trabalhos da CPI – que foi presidida pelo então deputado Roberto Saturnino Braga, do então MDB, e teve como relator o deputado Djalma Marinho, da Arena, – terminaram em setembro de 1966, com um parecer desfavorável à Globo. Os parlamentares consideraram que os contratos firmados com o Time-Life feriam a Constituição, alegando que a empresa norte-americana estaria participando da orientação intelectual e administrativa da emissora.³²

Em fevereiro de 1967, o governo federal mudou a legislação sobre concessões de telecomunicações, criando efetivas restrições aos empréstimos de origem externa e à contratação de assistência técnica do exterior. Contudo, a lei não tinha efeito retroativo, e os contratos do Time-Life com a TV Globo eram de 1962 e 1965.³³

Em outubro de 1967, o consultor-geral da República Adroaldo Mesquita da Costa emitiu um parecer sobre o caso Globo/Time-Life considerando que não havia sociedade entre as duas empresas. Segundo ele, a modalidade jurídica adotada não atribuía ao grupo norte-americano qualquer interferência na gestão da emissora e era legal na época de sua assinatura. Com o parecer, a situação da TV Globo ficou oficialmente legalizada. Roberto Marinho pôs fim ao acordo com o Time-Life em julho de 1971.³⁴

³² Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/caso-time-life.htm> Acesso em 10/11/15

³³ Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/caso-time-life.htm> Acesso em 10/11/15

³⁴ Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/caso-time-life.htm> Acesso em 10/11/15

2.2.3. Década de 1960

Para o ex-diretor de Jornalismo da TV Globo Evandro Carlos de Andrade, o idealizador da Rede Globo, Roberto Marinho, era, acima de tudo, um jornalista: “Dr. Roberto era um homem da notícia. Ele era um jornalista voltado para a cobertura dos fatos...”. A preocupação com o jornalismo da emissora fez com que ele mesmo desse as diretrizes dos telejornais e programas jornalísticos.

O jornalismo da emissora nesta década ficou marcado pela cobertura das enchentes do Rio de Janeiro, em fevereiro de 1966. A TV Globo interrompeu a programação durante três dias. O apresentador Hilton Gomes chegou a entrar ao vivo de uma escada do lado de fora da emissora, mostrando imagens do alagamento da rua onde estava localizado o prédio do canal.³⁵

No dia 1º de setembro de 1969, estreou o *Jornal Nacional*, o primeiro telejornal do país de rede nacional. Transmitido regularmente, ao vivo, para todo o país, inicialmente o programa era apresentado por Cid Moreira e Hilton Gomes.³⁶

Na dramaturgia, carro chefe da TV Globo, a década de 1960 serviu para definir que tipo de produto seria oferecido ao público nos anos seguintes. O gênero capa e espada – melodramas e histórias fantásticas com referência em romances da literatura estrangeira—foi substituído por tramas que retratavam o cotidiano do telespectador brasileiro. *Véu de Noiva*, de Janete Clair, e *Verão Vermelho*, de Dias Gomes, exibidas em 1969, marcaram uma aposta da emissora. Nesta época, as coberturas esportivas ainda não eram comuns na programação da Globo.

2.2.4. Década de 1970

Foi na década de 1970 que a Globo definiu sua grade de programação e se consolidou como rede de televisão no Brasil. O jornalismo da emissora se firmou e criou uma linguagem que se distanciava cada vez mais do formato radiofônico, até então existente no país.³⁷ Na

³⁵ Transmissões ao vivo não eram muito comuns na época, por conta do tamanho e do peso das câmeras.

³⁶ <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/evolucao.htm>. Acesso em 27/10/15

³⁷ <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-1970/jornalismo.htm>. Acesso em 27/10/2015

teledramaturgia³⁸, a produção de novelas que se aproximavam da realidade do público-, com diálogos coloquiais conquistou os telespectadores.

Em 1972 a Globo exibiu o primeiro programa da televisão brasileira gravado inteiramente em cores, o *Caso Especial Meu Primeiro Baile*, adaptação de Janete Clair.³⁹ No ano seguinte, o Brasil teve sua primeira telenovela transmitida em cores, *O Bem-Amado*, de Dias Gomes. A cor foi incorporada definitivamente a toda a programação da TV Globo em 1977.

Ao longo dos anos 1970, mudanças tecnológicas significativas ajudaram a aprimorar o jornalismo. Uma delas foi a utilização do *teleprompter* em telejornais e programas jornalísticos. O dispositivo, formado por um jogo de espelhos acoplado à câmera de TV, permitiu aos apresentadores lerem os textos das notícias olhando diretamente para a câmera.

O jornalismo da Globo ganhou outra cara com a criação de novos telejornais. O *Jornal Hoje* é exibido no horário do almoço até hoje, combinando coberturas locais, nacional e internacional, retratando variedade de assuntos culturais. O *Jornal da Globo*, último noticiário da programação diária da emissora, começou a mostrar matérias mais analíticas e a apresentar comentaristas sobre os principais assuntos do dia. O primeiro telejornal local matutino da Globo, o *Bom Dia São Paulo*, deu origem a telejornais similares em outros estados e ao próprio *Bom Dia Brasil*, exibido nacionalmente desde dia 3 de janeiro de 1983⁴⁰.

No mesmo ano, em 1973, ainda foram criados programas jornalísticos que também são exibidos até hoje: o *Globo Repórter*, formato que permitia o aprofundamento das reportagens através da produção de documentários; e o *Fantástico*, revista eletrônica que unia jornalismo e entretenimento, misturando reportagens, musicais, humor, quadros de magia e dramaturgia.

Na década de 1970, foi inaugurado o escritório da Globo em Londres, um reforço à cobertura do noticiário internacional. A equipe inicial era formada pela repórter Sandra Passarinho e pelo cinegrafista Orlando Moreira. Outro fato que merece ser destacado foi o espaço

³⁸ <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-1970/dramaturgia.htm>. Acesso em 27/10/2015

³⁹ A primeira transmissão oficial em cores, em rede nacional, na televisão brasileira aconteceu na Festa da Uva, na cidade de Caxias, no Rio Grande do Sul, em 10 de fevereiro de 1972. A responsabilidade pela geração das Imagens foi da TV Difusora, com a colaboração técnica da TV Rio e o apoio das TVs Gaúcha, Piratini e de Caxias. Informações encontradas no site: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-1970/a-chegada-da-cor.htm> Acesso em 27/10/2015

⁴⁰ <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2010/04/conheca-historia-do-bom-dia-brasil-desde-estreia.html> Acesso em 27/10/2015

nos telejornais de rede que Brasília ganhou, em 1974, após a posse do presidente Ernesto Geisel. Surgiu assim o noticiário político e a cobertura do Congresso Nacional, do Palácio do Planalto e dos ministérios.

O jornalismo esportivo ⁴¹começou a ganhar espaço na TV Globo nesta época. Com a criação da Divisão de Esportes, em 1973, a emissora passou a ter equipes dedicadas exclusivamente à cobertura esportiva, com recursos e equipamentos para a realização de reportagens e transmissões de eventos. A primeira transmissão da Globo no exterior foi a cobertura do Grande Prêmio de Fórmula 1 da Argentina, disputado em Buenos Aires, e a transmissão da Copa do Mundo de 1974, na Alemanha, a primeira experiência de cobertura jornalística em equipe feita pela emissora. Outras coberturas de destaque vieram a seguir, como as Olimpíadas de Montreal, em 1976, e a Copa do Mundo da Argentina, em 1978. A década de 1970 marcou, ainda, a criação do *Esporte Espetacular*, em 1973, e do *Globo Esporte*, em 1978.

No entretenimento ⁴², a produção caminhava a todo vapor. A novelista Janete Clair se consagrou como autora do horário nobre. Entre seus grandes sucessos estão: *Irmãos Coragem*, de 1970, novela que teve com um de seus capítulos mais audiência do que a final da Copa de 1970, entre Brasil e Itália; *Selva de Pedra*, de 1972; e *Pecado Capital*, de 1975. Outro momento que merece destaque foi a exibição da novela *Gabriela* (1975), livre adaptação de Walter George Durst do romance *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), de Jorge Amado, produzida para comemorar os dez anos da Globo.

A partir dos anos 1970, com a consolidação da telenovela como um de seus principais produtos, a emissora instituiu horários fixos para exibi-las, partindo de uma avaliação do perfil do público. O horário das 18h voltou-se para histórias leves e românticas, além de muitas tramas de época, baseadas em romances da literatura nacional. O horário das 19h foi ocupado com comédias românticas – inaugurado com *Pigmalião 70*, de Vicente Sesso. E às 20h, hoje 21h, eram exibidos os enredos mais densos.

Foi nos anos 1970, ainda, que a Globo passou a produzir séries. Entre os destaques estão *Caso Especial*, de 1971; *A Grande Família*, de 1972 – primeira comédia de costumes da

⁴¹ Informações do site: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-1970/esporte.htm> Acesso em 27/10/2015

⁴² Informações no site: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-1970/entretenimento.htm> Acesso em 27/10/2015

emissora, escrita por Oduvaldo Vianna Filho e Armando Costa; *Malu Mulher*, *Carga Pesada* e *Plantão de Polícia*, as três de 1979. Outros programas criados foram: os infantis *Vila Sésamo*, 1972, *Sítio do Picapau Amarelo* – baseado nas histórias de Monteiro Lobato, *O Planeta dos Homens*, de 1976, e *Os Trapalhões*, de 1977.

2.2.5. Década de 1980

A década de 1980 ficou marcada não só na história da TV Globo, como na do Brasil. A democracia voltou ao país e, com ela, a voz do povo. Manifestações formaram o movimento das Diretas Já, que não alcançou seu objetivo de retomar as eleições diretas para Presidente do País. Em sua esteira assegurou, porém, a eleição indireta, em colégio eleitoral, de Tancredo Neves, em oposição ao candidato governista, Paulo Maluf. Tancredo morreu antes da posse e assumiu o vice José Sarney, antigo aliado dos militares. A constituição de 1988 garantiu a realização da primeira eleição para a presidência da República após 29 anos. A quantidade de notícias geradas pela fase vivida no Brasil fez com que, em 1985, fossem criadas editorias especializadas no *Jornal Nacional*.

Com o objetivo de dar mais espaço e identidade ao jornalismo regional,⁴³ em 1983, estrearam os chamados Praças TV: *SPTV* (de São Paulo), *RJTV* (Rio de Janeiro), *NETV* (Região Nordeste), *MGTV* (Minas Gerais) e *DFTV* (Distrito Federal). Além das notícias locais, os telejornais apresentam reportagens ao vivo e matérias de serviço. Outras novidades da época foram: o *Bom Dia Brasil*, primeiro telejornal diurno exibido em rede nacional pela Globo; e o *Globo Rural*, primeiro programa jornalístico voltado para o homem do campo.

No esporte⁴⁴, os Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980, definiram a abordagem do esporte olímpico no Brasil. Em 1982, na Copa do Mundo da Espanha, pela primeira vez os jogos foram transmitidos ao vivo para todas as regiões do país. Na Olimpíada de Los Angeles, em 1984, a emissora usou um satélite exclusivo, ligando Los Angeles ao Rio de Janeiro durante 15 horas diárias. As corridas de Fórmula 1 também continuaram a ter destaque na programação. E foi em 1981 que o narrador Galvão Bueno entrou para o time da Globo.

⁴³ Informações no site: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-1980/detalhes-do-topico.htm> Acesso em 27/10/2015

⁴⁴ Informações no site: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-1980/esporte.htm> Acesso em 27/10/2015

A teledramaturgia nesta década ficou marcada pelo surgimento das minisséries.⁴⁵ Estas introduziram o formato de histórias com no máximo 60 capítulos, com enredos adaptados de obras literárias ou baseados em períodos ou personalidades do Brasil. A estreia aconteceu em 1982, com *Lampião e Maria Bonita*, de Aguinaldo Silva e Doc Comparato. Outra minissérie que se destacou no período foi *Grande Sertão: Veredas*, de Walter George Durst, baseada no romance de Guimarães Rosa, e dirigida por Walter Avancini. Entre as novelas, marcaram época: *Roque Santeiro*, de 1985, nova versão de Dias Gomes para sua trama que havia sido censurada em 1975; e *Vale Tudo*, de 1988, assinada por Gilberto Braga.

Ainda nos anos 1980, foram criados programas⁴⁶ que marcaram a história da televisão brasileira: *Viva o Gordo*, de 1981, primeiro humorístico comandado exclusivamente por Jô Soares; *Chico Total*, em 1981, atração em que Chico Anysio chegou a interpretar cerca de 33 personagens; *Som Brasil*, de 1981, programa que abordava a música brasileira; *Cassino do Chacrinha*, de 1982, que voltava à emissora após dez anos; *Xou da Xuxa*, de 1986; *TV Pirata*, de 1988; e *Domingão do Faustão*, que estreou em 1989, sob o comando do apresentador Fausto Silva.

2.2.6. Década de 1990

O jornalismo dos anos 1990 deu maior relevância às reportagens investigativas.⁴⁷ A chegada do ex-diretor de redação do jornal O Globo Evandro Carlos de Andrade para dirigir a Central Globo de Jornalismo, em 1995, fez o telejornalismo da emissora seguir novos rumos. Sua gestão ficou marcada pela intensificação das matérias de denúncias e fortalecimento do telejornalismo local e comunitário.

Com o objetivo de oferecer ao público uma abordagem mais profunda dos assuntos, a emissora apostou na produção de séries de reportagens. Foram vários temas tratados: contrabando de armas, uso de agrotóxicos, reciclagem de lixo, situação do idoso, menores infratores, casas de jogos ilegais e drogas nas escolas. Um dos destaques foi série *Caminhos do Bra-*

⁴⁵ Informações encontradas em: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/detalhes-de-verbete-7.htm>
Acesso em 27/10/2015

⁴⁶ Informações no site: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-1980/detalhes-do-topico-1.htm>
Acesso em 27/10/2015

⁴⁷ Informações no site: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-1990/jornalismo.htm>
Acesso em 28/10/2015

sil, exibida em 1996, no *JN*, em que Míriam Leitão percorreu diferentes lugares do país para mostrar como a estabilização da economia tinha impactado a vida das pessoas.⁴⁸ A cobertura internacional também cresceu e fez com que aumentasse a participação dos correspondentes no exterior. Uma das coberturas de maior destaque foi a da Guerra do Golfo, em 1991.

No esporte⁴⁹, a morte do piloto Ayrton Senna causou comoção nacional. O tricampeão mundial de Fórmula 1 morreu no dia 1º de maio de 1994, durante o Grande Prêmio de San Marino, realizada no autódromo de Ímola, em Bolonha, na Itália. Coube ao repórter Roberto Cabrini a difícil tarefa de anunciar a morte de Senna.

Eu sabia que era como anunciar a morte de um parente próximo de cada um dos brasileiros. Era preciso manter a precisão das informações e, ao mesmo tempo, passar emoção. Esta era a forma de se demonstrar todo o apreço e respeito que o Brasil tinha pelo Senna. Então eu disse: ‘Morreu Ayrton Senna da Silva, uma notícia que a gente jamais gostaria de dar’ (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.256)

A cobertura da tragédia teve destaque em toda a programação jornalística, com intensa participação das equipes do Rio de Janeiro, de São Paulo e dos correspondentes da emissora na Europa. A conquista do tetracampeonato na Copa do Mundo de Futebol, nos Estados Unidos, em 1994, também teve cobertura completa do jornalismo da Globo.

Na dramaturgia⁵⁰, a emissora ganhou outro patamar com a inauguração da Central de Produção, o Projac, em 1995, com as gravações de *Explode Coração*, de Gloria Perez. A década também foi marcada pelo lançamento de novos formatos de programas, como *Malhação*, novela *teen* que estreou em 24 de abril de 1995 e que está no ar até hoje, e humorístico *Sai de Baixo*, de 1996, gravado ao vivo em um teatro de São Paulo, com a presença de uma plateia. As novelas e minisséries acompanhavam os assuntos que pautavam debates na sociedade e trataram de temas como preconceito racial, gravidez precoce, homossexualismo e conflito entre latifundiários e sem-terra –tema da trama de Benedito Ruy Barbosa, *O Rei do Gado*, de 1996.

⁴⁸ A estabilização surgiu a partir da implantação do Plano Real e a sua moeda, o Real, que começou a circular em primeiro de julho de 1994.

⁴⁹ Informações no site: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-1990/esporte.htm> Acesso em 28/10/2015

⁵⁰ Informações no site: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/detalhes-de-verbete-16.htm> Acesso em 28/10/2015

2.2.7. Década de 2000

Na primeira década de 2000, o jornalismo da Globo fez um maior investimento em grandes coberturas no Brasil e no mundo.⁵¹ Com a morte de Evandro Carlos de Andrade, em 2001, Carlos Henrique Schroder tornou-se diretor da Central Globo de Jornalismo e Ali Kamel assumiu o cargo de diretor executivo. A emissora ampliou o número de escritórios, com correspondentes na Argentina, em Israel e no Japão. Uma das maiores coberturas da emissora no novo século foi a dos atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos. A participação do público nos telejornais aumentou com a consolidação da internet⁵². Pelas redes sociais, os telespectadores passaram a mandar sugestões de pautas.

Nas eleições presidenciais de 2002, que elegeram Luiz Inácio Lula da Silva, a emissora realizou entrevistas ao vivo nas bancadas dos telejornais. Primeiro, no *Jornal Nacional*, depois nos outros jornais da casa. Também neste ano, o Brasil ganhou conquistou o pentacampeonato na Copa do Mundo. Fátima Bernardes, então apresentadora e editora-assistente do *JN*, acompanhou os principais momentos da seleção brasileira. Também neste ano, aconteceu um crime que marcou a imprensa brasileira: o jornalista Tim Lopes foi assassinado durante a apuração de uma reportagem sobre abuso de menores e tráfico de drogas em um baile funk no bairro da Penha, do Rio de Janeiro.

Novos programas foram lançados: o telejornal *Globo Notícia*, de 2005, exibido diariamente, em rede nacional, em duas edições curtas; o Radar, de 2007, boletim que vai ao ar em algumas capitais brasileiras com informações sobre o trânsito e a meteorologia; e o *Profissão Repórter*, de 2008, apresentado pelo jornalista Caco Barcellos, que mostra os bastidores da notícia ao lado de jovens repórteres.

Em julho de 2009, a Globo implantou a Direção-Geral de Jornalismo e Esporte (DGJE). Com a novidade, o jornalista Ali Kamel assumiu a direção da Central Globo de Jornalismo, e Luiz Fernando Lima foi indicado para comandar a recém-criada Central Globo de

⁵¹ Informações no site: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-1990/jornalismo.htm> Acesso em 28/10/2015

⁵² Em 2000, o Grupo Globo lançou o portal e provedor de internet [Globo.com](http://www.globo.com). Nele, estão os portais dos jornais O Globo e Extra, das rádios CBN e Globo, da revista Época e dos canais Globosat (Multishow, GNT, Gloob, Telecine, SporTV). Além dos sites: *GI*, *GloboEsporte.com* e *Gshow*, que contêm notícias, esportes e programas de entretenimento que vão ao ar na TV Globo. Informações no site: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-2000/detalhes-do-topico.htm> Acesso em 28/10/2015

Esportes (CGESP). Ambos passaram a se reportar a Carlos Henrique Schroder, que assumiu a DGJE.

Em 2002, a emissora entrou para o Guinness, o livro dos recordes, como a maior produtora de novelas do mundo.⁵³ Nesta década os folhetins intensificaram as campanhas sociais. *Laços de Família*, trama de Manoel Carlos exibida 2000, estimulou a doação de medula óssea. Em *O Clone*, de 2001, foram discutidas as mazelas das drogas. Já em *Mulheres Apaixonadas*, de 2003, também de Manoel Carlos, figuraram temas como a denúncia de maus-tratos contra idosos, a violência contra a mulher, e o desarmamento. No entretenimento, o *Big Brother Brasil*, que já teve 16 temporadas, criou raízes na emissora.

2.2.8. Década de 2010

Houve nova alteração⁵⁴ no comando da emissora de Roberto Marinho: Octávio Florisbal deixou a direção geral em dezembro de 2012 e passou a fazer parte do Conselho de Administração do Grupo Globo. Carlos Henrique Schroder, até então diretor geral de Jornalismo e Esportes, assumiu o cargo de diretor geral da Globo. Ali Kamel se tornou diretor geral de Jornalismo e Esportes. a Central Globo de Jornalismo (CGJ) passou a ser comandada por Silvia Faria, e a Central Globo de Esportes (CGESP), por Renato Ribeiro.

Atualmente o jornalismo ocupa cerca de 20% do espaço da grade da TV Globo e está presente na programação da manhã, tarde e noite. A abdicação do papa Bento XVI; a eleição do Papa Francisco e sua visita ao Brasil para participar da Jornada Mundial da Juventude; a Copa das Confederações; e a Copa do Mundo de 2014 foram coberturas de destaque nesses últimos anos.

Na dramaturgia, deu-se início a era dos remakes.⁵⁵ A emissora constatou que refazer sucessos antigos agradava os telespectadores. Foram feitas versões de *Tititi*, em 2010, de *O Astro*, em 2011, de *Gabriela*, em 2012, *Saramandaia*, em 2013, e *O Rebu*, em 2014. O entre-

⁵³ Informações no site: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-2000/dramaturgia.htm>. Acesso em 28/10/15

⁵⁴ Informações no site: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-2010/jornalismo.htm>. Acesso em 28/10/2015

⁵⁵ Informações no site: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/detalhes-de-verbete-11.htm>. Acesso em 28/10/2015

tenimento⁵⁶ fez novas aquisições. Programas como *Encontro com Fátima Bernardes*, *Esquentta!*, com Regina Casé, *Na Moral*, comandado pelo jornalista Pedro Bial, e *The Voice Brasil*, apresentado por Tiago Leifert são atrações que estrearam na década e que ganham nova temporada a cada ano.

2.3. Telejornalismo Pioneiro

O primeiro telejornal da televisão brasileira nasceu apenas um dia após a inauguração do veículo. Segundo Paternostro (1999), *Imagens do Dia* estreou na TV Tupi de São Paulo em 19 de setembro de 1950.

Com locução em off, um texto em estilo radiofônico, pois o rádio era o modelo que se tinha na época. Entrava no ar entre as nove e meia e dez da noite, sem qualquer preocupação com a pontualidade. O formato era simples: Rui Resende era o locutor, produtor e redator das notícias, e algumas notas tinham imagens feitas em filme preto e branco, sem som. (PATERNOSTRO, 1999, p. 35)

O telejornal foi exibido por pouco mais de um ano, sendo substituído, em 1952, pelo *Telenotícias Panair*. No entanto, de acordo com Vera Íris Paternostro, o primeiro noticiário de sucesso do país foi o *Repórter Esso*. No início da televisão brasileira, os anunciantes compravam espaços, e os programas recebiam o nome do patrocinador, como é o caso desse ícone do rádio, lançado em São Paulo, em 17 de junho de 1953, apresentado por Kalil Filho. Um ano depois, foi a vez do Rio de Janeiro ganhar uma versão, com Gontijo Teodoro. O jornal seguia a versão americana chamada de *Your Esso Reporter* e já trazia uma linguagem mais televisiva. Às oito da noite, o telejornal começava com a antológica frase: “Aqui fala o seu *Repórter Esso*” (PATERNOSTRO, 1999, p.35). O jornalístico ficou no ar até 1970.

Mais tarde, estreou o primeiro telejornal vespertino, o *Edição Extra*. Comandado por Maurício Loureiro Gama, na TV Tupi de São Paulo, lançou o primeiro repórter de vídeo da televisão brasileira: José Carlos de Moraes (PATERNOSTRO, 1999, p.35).

⁵⁶ Informações no site: <http://www.robetomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-2010/entretenimento.htm>
Acesso em 28/10/2015

Em 1963, o jornalista Fernando Barbosa Lima criou, na TV Excelsior, o *Jornal de Vanguarda*⁵⁷. O programa ficou marcado na história do telejornalismo brasileiro pela criatividade, inovação e dinamismo – eram vários apresentadores. Além de romper com a linguagem tradicional ao dar um tom mais coloquial aos apresentadores – que interpretavam personagens –, abriu espaço para profissionais da imprensa escrita, entre eles, Villas-Boas Corrêa, Tarcísio Holanda, João Saldanha, Sérgio Porto e Millôr Fernandes. O telejornal ainda introduziu o colunismo na televisão, com comentaristas para diversos assuntos. (PATER-NOSTRO, 1999, p.35).

A partir de abril de 1966, o *Jornal de Vanguarda* passou a ser exibido na TV Globo, de segunda a sexta, às 22h, ficando na emissora até dezembro do mesmo ano, quando o criador do programa deixou a TV Globo e voltou à antiga casa. Parte da equipe permaneceu na emissora e deu início ao *Jornal de Verdade*, que estreou em 26 de dezembro daquele ano, preservando algumas características do antecessor, como a variedade de colunistas e apresentadores. Em 13 de dezembro de 1968, quando o Ato Institucional nº 5 foi decretado, as dificuldades criadas pela censura aumentaram e Fernando Barbosa Lima preferiu retirá-lo do ar. Seguindo a mesma linha inovadora do *Jornal de Vanguarda*, entre 1963 e 1964, a TV Excelsior exibiu o *Show de Notícia*, telejornal dirigido pelo jornalista Fernando Pacheco Jordão (Idem).

Em 1965, a TV Globo lançou seu primeiro telejornal: o *Tele Globo*⁵⁸. O programa, de meia hora de duração, criado pelo então diretor de jornalismo da emissora Mauro Salles e dirigido por Rubens Amaral, diretor-geral da Globo da época, fazia cobertura nacional e internacional. Exibido em duas edições diárias, uma à tarde e outra à noite, “o programa era patrocinado pelas empresas Ultragaz e Ultralar e produzido pela agência de publicidade McCann Erickson” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, P.18). A primeira edição tinha um tom mais leve, com assuntos de cultura e de entretenimento. Na edição noturna⁵⁹, Hilton Gomes lia o noticiário internacional, a atriz Nathália Timberg apresentava notícias dirigidas às mulheres e Teixeira Heizer fazia a parte de esportes. No final de agosto de 1966, a edição diurna do *Tele*

⁵⁷ Informações no site: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-de-vanguarda.htm> Acesso em 01/11/2015

⁵⁸ Informações no site: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/tele-globo/formato.htm> Acesso em 01/11/2015

⁵⁹ Informações no site: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/tele-globo/formato.htm> Acesso em 01/11/2015

Globo foi substituída pelo *Show da cidade*,⁶⁰ – boletim informativo sobre os problemas urbanos, dividido em vários quadros temáticos intervalados por vinhetas musicais. À noite, de agosto a setembro, durante algumas semanas, foi ao ar no seu lugar um noticiário intitulado *Manchetes*⁶¹

Em janeiro de 1966, o telejornal passou a ter apenas uma edição, às 13h. Neste ano, foi lançado o *Ultranotícias*, também em duas edições. O noticiário chegou ao fim em março de 1967, devido à grande interferência de agências de publicidade. Em seguida, foi criado o *Jornal da Globo*. Apresentado por Luís Jatobá e Hilton Gomes, era exibido às 19h30 e tinha como editor-chefe José Ramos Tinhorão. O telejornal saiu do ar em 31 de agosto de 1969, sendo substituído pelo *Jornal Nacional* (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.18).

2.4. Jornal Nacional

Para Roberto Marinho, fundador da Rede Globo, a notícia só tinha credibilidade se fosse ao ar no *Jornal Nacional*. “Isso ele dizia com todas as letras, não era folclore”, afirma Carlos Henrique Schroder, diretor-geral de jornalismo da emissora. “Jornalismo ele conhecia profundamente. Talvez não a dinâmica da televisão, do telejornalismo, mas a da informação. Para ele, a relevância da informação era muito clara. E a relação que ele tinha com o *Jornal Nacional* era muito forte”, acrescenta Schroder⁶².

O *Jornal Nacional* (JN), primeiro telejornal do Brasil transmitido em rede, entrou no ar às 19h45 do dia 1º de setembro de 1969. Inspirados no modelo norte-americano, Armando Nogueira, então diretor da Central Globo de Jornalismo, e Alice-Maria, editora nacional, conseguiram fazer um noticiário que se afastasse da linguagem radiofônica, predominante na época (MEMÓRIA GLOBO, p.12, 2004). Segundo consta no livro Memória Globo, não houve reunião para discutir a escolha do nome do novo telejornal. “*Jornal Nacional* surgiu naturalmente, uma decorrência do fato de que seria um programa jornalístico para alcançar todo o país” (MEMÓRIA GLOBO, p.29, 2004).

⁶⁰ Informações no site: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/show-da-cidade.htm> Acesso em 01/11/2015

⁶¹ Informações no site: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/tele-globo/mudancas-de-formato.htm> Acesso em 01/11/2015

⁶²Entrevista conferida em: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-1990/jornalismo.htm> Acesso em 08/11/2015

A manchete da estreia era a respeito de uma reviravolta política. O país seria entregue a uma junta militar, por causa de um problema de saúde do presidente Costa e Silva. Já o noticiário internacional registrava a morte do campeão mundial dos pesos pesados Rocky Marciano. Para encerrar, Pelé havia acabado de garantir a classificação do Brasil para a Copa de 1970, com o gol de número 979 da carreira (MEMÓRIA GLOBO, p.25, 2004).

Idealizado para competir com o *Repórter Esso*, que deixava a notícia mais impactante para o fim, o *JN* abria com informações mais quentes, factuais. Os editores também criaram o “boa noite”, uma espécie de despedida dos apresentadores, na época Hilton Gomes e Cid Moreira, com textos e reportagens leves e poéticas. Durante 27 anos – período pelo qual esteve na bancada – Cid Moreira se despediu com a clássica saudação que viria a se repetir cerca de 8 mil vezes (MEMÓRIA GLOBO, p.34, 2004).

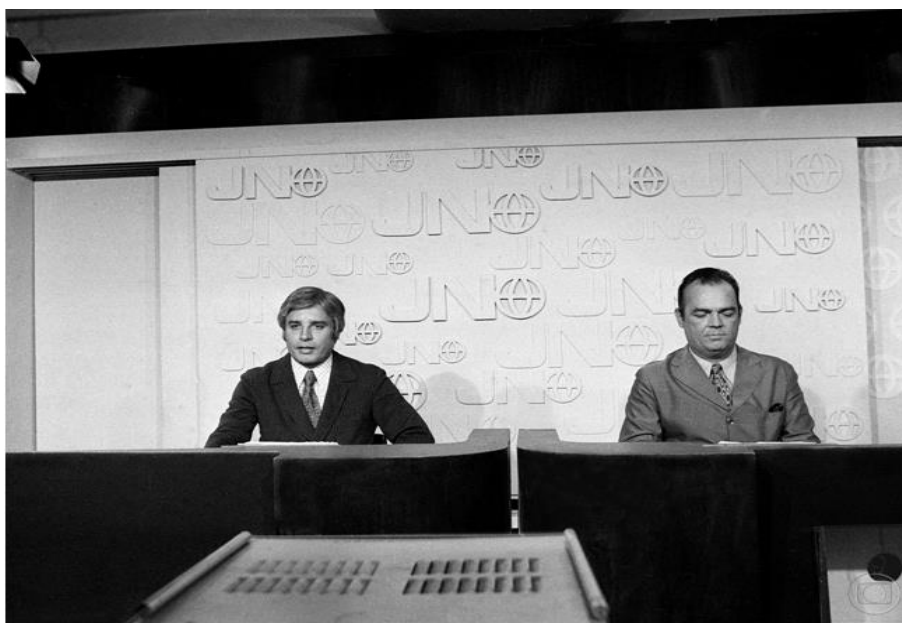


Figura 5: Primeiros apresentadores do Jornal Nacional, Cid Moreira e Hilton Gomes na bancada do Jornal Nacional, 1971.

Fonte: Arquivo TV Globo/ Divulgação

O conceito de noticiário que deveria interessar a todo o país foi criado pela Globo com a estreia do *Jornal Nacional*. Os assuntos precisavam atrair a atenção de todos os telespectadores, de Norte a Sul. Um exemplo das dificuldades de lidar com as diversidades regionais era a meteorologia. Nas primeiras exibições do *Jornal Nacional*, usava-se o adjetivo na previsão do tempo. “Tempo bom” para afirmar que faria sol e “mau tempo” para dizer que choveria.

Até que alguns telespectadores queixaram-se, dando um exemplo: no Nordeste castigado pela seca, sol não representava tempo bom, mas o contrário. A partir de então, o adjetivo caiu.⁶³

Segundo William Bonner, atual editor-chefe e apresentador do telejornal, “o *Jornal Nacional* tem por objetivo mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia, com isenção, pluralidade, clareza e correção” (2009, p.17).

Cada profissional envolvido no processo de produção de material jornalístico para o JN precisa ter em mente que aquilo será mostrado para cidadãos de todas as regiões brasileiras (e no exterior, pela Globo Internacional), de todas as idades e orientações sexuais, de todos os estratos socioeconômicos, de todas as faixas de renda, de todos os credos, todas as cores, todas as posições políticas, todos os níveis de escolaridade. Todo. E Todas as noites, estreladas ou nubladas, o JN precisa atingir seu objetivo (BONNER, 2009, p.16)

Conforme Bonner (2009), a vocação do *JN* é o factual, ou seja, “os fatos transcorridos desde a edição anterior até o fechamento daquela edição” (p.19). Nos Estados Unidos, isso é chamado de *hard News*.

Na década de 1970, à medida que a audiência crescia, o JN era cada vez mais visado. Devido à censura, muitos assuntos foram proibidos, como a missa de sétimo dia do ex-presidente João Goulart, a denúncia de acordos militares entre Brasil e Estados Unidos, a visita da Anistia Internacional e o afastamento do general Silvío Frota do Ministério do Exército (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.35).

Diante das dificuldades políticas para noticiar assuntos nacionais, Armando Nogueira decidiu fortalecer o jornalismo internacional, investindo na formação de correspondentes. O primeiro foi inaugurado em 1973, em Nova York, sob a chefia de Hélio Costa. O escritório de Londres começou a funcionar em 1974, com a repórter Sandra Passarinho e o cinegrafista Orlando Moreira. Embora, tivesse mais liberdade que o jornalismo nacional, o internacional não escapou da censura. “Um exemplo foi a proibição de exibir qualquer imagem do senador norte-americano Ted Kennedy, em virtude dos ataques que fazia aos regimes militares latino-americanos por conta da violação dos direitos humanos (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.41-42).

A partir de 1973, as reportagens do *Jornal Nacional* passaram a ser produzidas regularmente em filme colorido. Antes da Festa da Uva já haviam ocorrido no país transmissões experimentais em cores. Na Copa do Mundo de 1970, por exemplo, boletins diários sobre a

⁶³Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/o-noticiario-nacional.htm>. Acesso em 08/11/15

seleção brasileira eram transmitidos em cores diretamente do México para todo o Brasil. A primeira matéria colorida do JN foi em 19 de julho, sobre o funeral do senador Filinto Muller (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.52).

No início, lidar com a transmissão em cores foi uma tarefa difícil. Os técnicos da Globo tiveram que participar de uma série de seminários para aprenderem a mexer com equipamentos de iluminação. Cid Moreira teve que usar roupas em tons pastéis a fim de compensar a luz. Antes, empolgados com a novidade, os apresentadores ousavam nas cores, usando paletós verdes, cor de abóbora e quadriculados. Porém, 1975, a direção de jornalismo da Globo designou um profissional para escolher as roupas que os locutores e repórteres deveriam usar para aparecer na tela.

Ainda na década de 1970, o jornalismo da TV Globo de Brasília ganhou maior atenção. A situação mudou em março de 1973, quando Antônio Carlos Drummond assumiu a direção de jornalismo com a missão de incrementar o noticiário político e aumentar a participação da capital nos telejornais de rede. No ano seguinte, os repórteres passaram a cobrir o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e os ministérios. Um dos destaques na reestruturação da cobertura política foi o processo de eleições diretas para prefeitos de capitais não consideradas de segurança nacional, em novembro de 1976. Era a primeira vez que o jornalismo investia pesado em uma cobertura desse tipo. Do dia 15 ao dia 17 de novembro, o *Jornal Nacional* apresentou edições especiais, atualizando a votação e a apuração dos votos.⁶⁴ São Paulo, a maior cidade do país, também ganhou destaque no JN, na segunda metade da década de 1970.⁶⁵

Em 1976, o *Jornal Nacional* teve outro ganho: foi inaugurado o “Eletronic News Gathering (ENG), pequenas unidades portáteis (dotadas de câmeras leves e sensíveis, transmissores de microondas, videoteipes e sistemas de edição) que permitiam o envio de imagem e som direto do local do acontecimento para a emissora”.⁶⁶ A tecnologia acabou com o tempo gasto na revelação de filmes, facilitou a vida do cinegrafista e modificou a estrutura do telejornalismo.

⁶⁴Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/a-abertura-politica-e-o-noticiario-de-brasilia.htm> Acesso em 08/11/15

⁶⁵Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/sao-paulo.htm> Acesso em 08/11/15

⁶⁶Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/o-jornalismo-eletronico-e-os-reporteres-de-video.htm> 08/11/15

Por causa do ENG, o formato narrativo do telejornalismo norte-americano, apoiado na performance de vídeo dos repórteres, tornou-se o padrão dominante no país. Até então, o repórter pouco aparecia, uma vez que era necessário economizar película. Depois que a nova tecnologia foi implantada, o repórter passou não só a ir ao local dos acontecimentos e apurar as informações, mas também a fazer o texto e ele mesmo apresentar. Esse novo sistema exigia mais dos repórteres em improvisação, memorização e reflexão sobre o conteúdo e o texto. Por isso, ainda em 1974, já prevenindo a adoção do jornalismo eletrônico, a Rede Globo iniciou o treinamento de repórteres de vídeo, para serem aproveitados nas unidades móveis que fariam a transmissão diretamente dos locais dos acontecimentos. O objetivo do curso era dar aos profissionais algumas informações básicas sobre como segurar o microfone, evitar gesticulação excessiva, moderar as reações fisionômicas e colocar a voz (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.91).

Nesse período, a fonoaudióloga Glória Beuttenmuller começou a trabalhar na TV Globo, dando treinamento vocal aos profissionais da emissora. Ela uniformizou a fala dos repórteres e locutores do país, amenizando sotaques regionais, mas levando em conta as peculiaridades de cada região. Para realizar o trabalho, a fonoaudióloga visitava as sucursais e afiliadas regularmente.

No seu trabalho de definição de um padrão nacional, a fonoaudióloga se pautou nas decisões de um congresso de filologia realizado em Salvador, em 1956, no qual ficou acertado que a pronúncia-padrão do português falado no Brasil seria a do Rio de Janeiro, com algumas restrições. Os “esses” por exemplo, não poderiam ser muito sibilantes e os “erres” não podiam ser muito arranhados, guturais (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.123).

A abertura política estimulou a emissora a investir também em outras regiões do país. No início dos anos 1980, a Rede Globo montou escritório em Manaus, com o repórter Pedro Rogério e o cinegrafista José Carlos Azevedo. A equipe era responsável pela cobertura dos principais fatos da Amazônia e regiões vizinhas. O contrabando de armas na região do Alto Solimões, o conflito de terras no Acre, a reativação da estrada de ferro Madeira-Mamoré e o garimpo em Rondônia foram alguns dos destaques da região.⁶⁷

O esporte ganhou maior peso no *Jornal Nacional* na ao longo dos anos 1970. O telejornal começou a dedicar um espaço no seu noticiário para mostrar resultado de jogos de campeonatos regionais e nacional. Até então, as poucas matérias de esporte que iam ao ar eram realizadas pela própria equipe do telejornal e tratavam quase que exclusivamente de futebol (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.128). Na década seguinte, as mulheres também começaram a fazer matérias esportivas. As primeiras repórteres foram Monika Leitão e Isabela Scalabrini (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.131).

⁶⁷Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/escritorio-em-manaus.htm> Acesso em 08/11/15

Na década seguinte, a Central Globo de Jornalismo (CGJ) investiu no aperfeiçoamento dos profissionais das afiliadas, “o objetivo era levar a todas as afiliadas o padrão de qualidade da Globo a fim de que pudessem participar do *Jornal Nacional*”. Diretores de jornalismo da época, como Alice-Maria e Armando Nogueira, davam palestras a esses profissionais (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.122). Outra novidade foi a introdução de um padrão na vestimenta dos repórteres. “Em janeiro de 1985, a diretora executiva da CGJ, Alice-Maria, enviou um memorando aos apresentadores e principais repórteres do JN dando conselhos sobre as roupas a serem usadas no vídeo”.

As sugestões resultaram de uma conversa de Alice com Cristina Franco e Boni (então superintendente de produção e programação da Rede Globo). Entre outras coisas, recomendava-se evitar listras muito fortes, coloridas e de contraste violento, assim como quadriculados de cores vivas. Ficavam proibidas roupas com estampas gráficas ou figurativas ou com dizeres de qualquer espécie. As apresentadoras não deveriam usar blusas de alça ou com grandes decotes. Deveriam evitar joias e bijuterias grandes demais, ostensivas, e brincos pingentes e brilhantes. Os apresentadores não poderiam usar paletós nos tons brancos e gelo e deveriam evitar gravatas lisas ou de acetato, que faíscam no vídeo (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.150)

Nessa época, como o volume de reportagens oferecidas ao JN era muito grande, foi necessária uma seleção ainda mais criteriosa, feita pelos editores. Por isso, Armando Nogueira resolveu, em 1985, criar editorias especializadas. Inicialmente, as editorias eram quatro: Brasil, Política, Economia e Internacional. Em 1989, foi criada a editoria de Ciência e Tecnologia, que acabou cerca de um ano depois (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.151).

Ainda em 1989, o telejornal passou a ter mais acesso a análises de temas polêmicos da atualidade, com a participação de comentaristas especializados, como Paulo Henrique Amorim, Joelmir Beting, Lillian Witte Fibe e Alexandre Garcia. Eles explicavam informações políticas e econômicas numa linguagem simples. A presença de comentaristas no *Jornal Nacional* não era exatamente uma novidade. Desde 1981, Paulo Francis entrava de Nova York, com opiniões que iam da política internacional até arte e cultura. Joelmir Betting também começou antes e já fazia comentários no noticiário desde 1985 (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.188).

Em abril de 1990, houve mudanças importantes na Central Globo de Jornalismo. Armando Nogueira e Alice-Maria, há 24 anos na emissora e responsáveis pelo *Jornal Nacional* desde a estreia, deixaram os cargos de direção. O diretor de telejornais de rede, Alberico de Sousa Cruz, assume o comando da CGJ. Já Ronald, editor de política, tornou-se diretor editorial. Carlos Henrique Schroder, até então editor de Nacional, passou a se diretor de produção. No ano seguinte, surgiu a primeira novidade dessa nova fase do JN: em 1991, foi criado um quadro com a previsão do tempo, apresentado por Sandra Annenberg. “Ela foi a primeira figura feminina a aparecer diariamente, num quadro fixo, no JN”. Antes,

apenas Valéria Monteiro havia apresentado blocos de notícias no período das Olimpíadas de 1988, além de fazer plantão aos sábados (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.231).

Ainda em 1991, Edson Ribeiro deixa o *Jornal Nacional*, que passa a ser editado por Carlos Absalão. Tempos depois, é a vez do jornalista Xico Vargas ficar à frente do *JN*. O telejornal ganhou, então, “uma orientação um pouco mais investigativa e começou também a se aproximar mais do público, produzindo mais matérias ligadas à comunidade, ao direito do cidadão e a comportamento de modo geral” No livro Memória Globo: a notícia faz história, Absalão relata que, na tentativa de consolidar esse conceito, alguns excessos foram cometidos. Com a presença de muitas matérias sobre violência. Isso aconteceu principalmente em 1991, quando o *Jornal Nacional* teve que enfrentar a concorrência da novela infantil *Carrossel*, exibida no mesmo horário pelo *SBT*. Assim que notou os exageros, Alberico de Sousa Cruz determinou que a “rota inicial fosse retomada” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.233-234).

Em 1995, o jornalista Evandro Carlos de Andrade, vindo do Jornal O Globo, assumiu a direção da Central Globo de Jornalismo. “Sua gestão foi marcada pelo aprofundamento da linha investigativa no noticiário, pela ênfase em questões relativas à cidadania e pelo fortalecimento do jornalismo comunitário” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.285). Evandro realizou importantes mudanças no jornalismo da emissora, algumas, inclusive técnicas. A primeira foi em relação ao recurso do contraplano durante entrevistas. Luis Erlanger, então diretor editorial da CGJ comentou:

Em geral, o entrevistado dava as respostas com a câmera fechada nele e, em seguida, o repórter fazia as perguntas, gravando e regravando quantas vezes achasse necessário para que, quando fosse editado tudo saísse perfeito. Às vezes soava um pouco artificial. Ficava o entrevistado mexendo o maxilar sem falar nada, enquanto era gravada a imagem do repórter na entrevista. Conversamos e decidimos que se é um ‘pingue-pongue’, pergunta e resposta, grava-se a entrevista exatamente na sequência em que ela acontece, com repórter perguntando e entrevistador respondendo (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.286).

Outra decisão da gestão foi a de recorrer menos ao *stand up*, ou seja, “ao repórter falando em primeiro plano sobre um fato que acontece em segundo plano” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.286). Para a direção, o uso exagerado desse recurso acabava prejudicando o conteúdo das reportagens.

Em 1996, Mário Marona, que também havia trabalhado no jornal O Globo, tornou-se editor-chefe do *JN*. O jornalista fez algumas alterações, “mantendo o espírito noticioso do *Jornal Nacional* em todas as áreas, mas aumentando a participação das matérias leves e de comportamento, matérias mais do interesse do público”. No entanto, a mudança gerou algu-

mas críticas à Rede Globo (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.289). A principal delas era que a emissora estaria deixando notícias relevantes em segundo plano, para privilegiar curiosidades do mundo animal – como as três reportagens, exibidas entre março e maio de 1998, sobre o romance de uma macaca do zoológico de Brasília –, e a vida de celebridades. Uma das edições mais polêmicas do telejornal foi a de 28 de julho de 1998, quando nasceu Sasha, filha da apresentadora Xuxa. O assunto ocupou mais de dez minutos, enquanto o leilão de empresas estatais, que iria acontecer no dia seguinte, ficou com menos de quatro minutos.⁶⁸ Marona defendeu a edição:

*O Jornal Nacional não é muito diferente do jornal impresso. O primeiro bloco é o que tem a manchete, os assuntos mais importantes. E, naquele dia, o primeiro bloco tratava das privatizações. Aí vinha mais um bloco, depois outro, outro e o quinto, que era sobre a Sasha. É mais ou menos assim que um jornal impresso é organizado. O primeiro caderno é o de amenidades. Esse último caderno não pode, no jornal impresso, ser feito levando em consideração o outro. Você tem seis páginas para fechar: ‘Ah, eu não vou fazer seis páginas porque o primeiro caderno trata de não sei o quê’. Não existe esse critério. Aí, o que eu fiz? O primeiro bloco do JN dava a privatização e no último bloco—que seria o segundo caderno—entrariam as matérias leves, chamadas de ‘boa noite’. E eu dei a Xuxa. Uma matéria grande, sim, e ainda pus uma entrada ao vivo, porque nós tínhamos a possibilidade de entrevistar a Xuxa com exclusividade. Fiz e faria de novo. Primeiro, a matéria não fez mal a ninguém. Era verdadeira, não tinha mentira nenhuma ali. Era uma matéria sobre celebridade, sobre gente importante. O assunto estava sendo discutido por todo o mundo, eu não fazia telejornal só para intelectual, eu fazia para minha mãe, para minha tia, para minha empregada. Pode ter tido, isso é discutível mesmo, espaço demais, mas não teve mentira, não teve manipulação. E não vejo motivo para a Globo se retratar. Falava-se muito, na época, sobre a gravidez da Xuxa. Havia muita história em torno desse assunto. As revistas populares cobriram tudo ao longo de nove meses. Eu acho uma postura muito elitista, na hora que acontece o nascimento da criança, comentado no país inteiro, o *Jornal Nacional* assumir uma pose: ‘Isso não é assunto para nós’ (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.290).*

Novos quadros, com a participação de comentaristas especializados, foram criados no período de Evandro. A nova fase incluiu os comentários de Arnaldo Jabor, Galvão Bueno e do meteorologista Carlos Magno.⁶⁹ Evandro deixou duas marcas na Globo: a criação da Globo News⁷⁰ e a designação de jornalistas para apresentar todos os telejornais da casa

No dia 25 de junho de 2001, morreu Evandro Carlos de Andrade, aos 69 anos. Três dias após sua morte, Carlos Henrique Schroder assumiu a direção da CGJ. O jornalismo político

⁶⁸Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/jornalistas-como-apresentadores.htm> Acesso em 08/11/15

⁶⁹Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/jornalistas-como-apresentadores.htm> Acesso em 08/11/15

⁷⁰Criado em 1996, a Globo News foi o primeiro canal de notícias brasileiro 24 horas por dia. Mais informações em: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/globosat/divisao/globo-news.htm>. Acesso em 08/11/15

foi incrementado em sua gestão. A partir de novembro de 2002, o JN começou a exibir sátiras aos fatos políticos, no formato das videocharges de Chico Caruso. Elas foram exibidas diariamente até fevereiro de 2006. De março de 2003 a maio de 2006, o telejornal passou a contar com a participação do comentarista político Franklin Martins. Uma vez por semana, o jornalista comentava os fatos importantes na política nacional e analisava as principais medidas do governo e suas repercussões.

A partir de julho de 2009, a TV Globo implantou a Direção-Geral de Jornalismo e Esporte (DGJE). Com a mudança, Ali Kamel assumiu a gestão da Central Globo de Jornalismo, e Carlos Henrique Schroder a DGJE. Em setembro de 2012, de acordo com novas mudanças na direção-geral da Globo, e a sucessão de Octávio Florisbal por Carlos Henrique Schroder, Ali Kamel assumiu a Direção-Geral de Jornalismo e Esporte. Silvia Faria, então, substituiu Ali Kamel na direção da Central Globo de Jornalismo.

2.4.1. Jornalistas como apresentadores

Os primeiros apresentadores do *Jornal Nacional* foram Hilton Gomes e Cid Moreira. Em 1971 houve a primeira mudança na bancada do telejornal: no lugar de Hilton Gomes, entrou Ronaldo Rosas, que saiu no ano seguinte. Assumiu então Sérgio Chapelin. Aos sábados, Heron Domingues, “locutor celebrizado desde os anos 1940 com o *Repórter Esso* da Rádio Nacional” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.34).

Ao lado de Cid Moreira, Sérgio Chapelin formou a dupla de locutores que virou a cara do JN até 1983, quando Chapelin foi contratado pelo SBT. No lugar de Chapelin, entrou Celso Freitas, que ficou até 1989, quando o antecessor voltou ao noticiário. Em março de 1996, Cid Moreira e Sérgio Chapelin, foram substituídos por William Bonner e Lillian Witte Fibe. O objetivo era colocar à frente do telejornal jornalistas profissionais, envolvidos com a produção das matérias.⁷¹ “Buscava-se, assim, dar maior credibilidade às notícias e dinamizar as coberturas”. Evandro Carlos de Andrade afirmou: “Nós queremos que os apresentadores respondam o máximo possível sobre os textos que lêem” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.288). Bonner passou a ser também o editor responsável pelos assuntos nacionais e Witte Fibe, pelos

⁷¹Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/jornalistas-como-apresentadores.htm> Acesso em 08/11/15

assuntos econômicos. Schroder, diretor de planejamento no momento, justificou o que foi umas das maiores inovações do *Jornal Nacional*:

Todas as pesquisas indicavam o êxito dos nossos locutores. Mas eu sentia a necessidade ao longo dos anos de ter jornalistas na bancada, para que houvesse agilidade. Na primeira conversa com Evandro, mencionei isso, e ele foi absolutamente receptivo, dizendo que, como espectador, tinha a mesma impressão. E deu sinal verde para o projeto. Vendo retrospectivamente, parece que foi uma decisão fácil de tomar. Mas não foi. Qualquer mudança no *Jornal Nacional* é muito complicada, porque se trata do principal telejornal da casa e do país. É um dos principais programas da TV Globo (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.288).

Apesar das dificuldades, ele argumentou que tinha certeza que a medida daria certo e destacou as vantagens:

Ter jornalistas como apresentadores dá a possibilidade de improvisar, de intervir no noticiário no momento em que ele está no ar. Permite a realização de entrevistas ao vivo, perguntas a repórteres, e entrevistados. Permite um arredondamento de certas matérias. Esse nunca foi o papel dos locutores, a quem apenas cabia ler o que tinha sido escrito. Por mais competentes que fossem, e eram monstros sagrados da locução, os melhores do país, eles não foram formados para desempenhar o papel de jornalistas. Fazer a mudança com eles seria desonesto em primeiro lugar com eles próprios. Foi uma decisão difícil, mas histórica (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.288).

A voz grave de Cid Moreira, no ar desde a estreia, não se afastou de vez do JN. O locutor tornou-se o responsável pela leitura dos editoriais da emissora. Já Sérgio Chapelin passou a apresentar o *Globo Repórter*.



Figura 6: Cid Moreira e Sérgio Chapelin na bancada do *Jornal Nacional*

Fonte: TV Globo



Figura 7: Jornalista e apresentadora Lillian Witte Fibe

Fonte: TV Globo

Em fevereiro de 1998, mais uma alteração na bancada do *Jornal Nacional*. Sai Lillian Witte Fibe, para assumir a edição e a bancada do *Jornal da Globo*, e entra Sandra Annenberg, em caráter provisório. No mês seguinte, o *JN* passa a ser apresentado por William Bonner e Fátima Bernardes. Em setembro de 1999, Marona, editor-chefe desde 1996, deixou o cargo, passando a responsabilidade para William Bonner. O apresentador, então, acumulou as funções de editor-chefe e âncora do *Jornal Nacional*.

Em 2002, o repórter Heraldo Pereira entrou para a apresentação do *JN*. Ele foi o primeiro jornalista negro a ocupar a bancada. Heraldo estreou em 23 de novembro, ao lado do apresentador Renato Machado. A dupla era escalada para os rodízios de sábado.⁷²

Após quase 14 anos, em 2011, Fátima Bernardes deixou o *JN*⁷³ para produzir o *Encontro com Fátima Bernardes* que estreou em junho de 2012. No seu lugar, entrou Patrícia Poeta, permanecendo na bancada até o fim outubro de 2014. A sucessora, Renata Vasconcellos, tornou-se apresentadora do telejornal no dia 3 de novembro do mesmo ano.⁷⁴

⁷²Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/inovacoes-do-jn.htm> Acesso em 08/11/15

⁷³<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/12/fatima-bernardes-comandara-novo-programa-e-patricia-poeta-assume-jn.html> Acesso em 08/11/15

⁷⁴<http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2014/09/patricia-poeta-vai-deixar-o-jn-renata-vasconcellos-assume-bancada.html> Acesso em 08/11/15



Figura 8: Wiliam Bonner e Fátima Bernardes na bancada do *Jornal Nacional*

Fonte: Divulgação TV Globo

2.4.2. Diretas Já⁷⁵

Em 2 de março de 1983, o deputado Dante de Oliveira (PMDB-MT) apresentou ao Congresso Nacional proposta de emenda à Constituição que previa o restabelecimento de eleições diretas para a Presidência da República em dezembro do ano seguinte. Em abril, o PMDB lançou oficialmente a campanha nacional de apoio à emenda, com o slogan que ganharia as ruas: "Diretas já"

No ano seguinte, em 25 de janeiro, ocorreu um dos maiores comícios do movimento, na Praça da Sé, em São Paulo. O evento foi marcado para esta data justamente porque, sendo aniversário da cidade, reuniria mais pessoas. A origem da confusão foi a escalada do *Jornal Nacional* daquele dia. Nela, não havia referência à dimensão política da cerimônia, apenas à comemoração. Marcos Hummel, o locutor, leu a chamada: "Festa em São Paulo. A cidade comemorou seus 430 anos com mais de 500 solenidades. A maior foi um comício na praça da Sé". Após a matéria de Ernesto Paglia, a Globo foi acusada de apoiar os militares, ao tratar a notícia como uma mera festa de aniversário.

⁷⁵<http://memoriaglobo.globo.com/erros/diretas-ja.htm> Acesso em 09/11/15

José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, então vice-presidente de operações da TV Globo, explicou o episódio: “Naquele momento, a pressão sobre Roberto Marinho foi intensa. Foi uma frustração para mim e para toda a equipe de jornalismo, uma tristeza para o Armando Nogueira e a Alice-Maria, não poder fazer a cobertura de maneira adequada. Nós ficamos limitados pelo poder de audiência que a TV Globo tinha. Isso foi uma tristeza muito grande, mas naquele momento o Dr. Roberto não podia resistir”.⁷⁶

Em abril deste ano, durante a série especial do *Jornal Nacional* em comemoração aos 50 anos de jornalismo da Globo, William Bonner admitiu o equívoco da emissora: “Isso aí foi visto durante muitos anos como uma tentativa da Globo de esconder as Diretas e, obviamente, depois de muitos anos também, foi reconhecido como um erro”, confessou Bonner.

2.4.3. Eleições de 1989⁷⁷

Em 1989, os brasileiros foram às urnas para escolher o novo presidente da República. Era a primeira eleição presidencial pelo voto direto, em 29 anos. O pleito foi bastante disputado. Havia 23 candidatos, entre os quais estavam os líderes dos principais partidos políticos da época. Entre o primeiro e o segundo turno da eleição, houve dois debates entre os candidatos Fernando Collor de Mello, do PRN, e Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, no dia seguinte à sua exibição ao vivo e na íntegra, a Rede Globo apresentou duas matérias com edições do último debate: uma no *Jornal Hoje* e outra no *Jornal Nacional*.

A segunda provocou polêmica. A Globo foi acusada de ter favorecido o candidato do PRN, que ganhou a eleição no dia 15 de novembro de 1989, tanto na seleção dos momentos como no tempo dado a cada candidato, já que Fernando Collor teve um minuto e meio a mais do que o adversário. O PT chegou a mover uma ação contra a emissora no Tribunal Superior Eleitoral. O partido queria que novos trechos do debate fossem apresentados no *JN* antes das eleições, como direito de resposta, mas o recurso foi negado.

⁷⁶Depoimento pode ser conferido em: <http://memoriaglobo.globo.com/erros/diretas-ja.htm> Acesso em 09/11/15

⁷⁷Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/erros/debate-collor-x-lula.htm> Acesso em 09/11/15

Tempos depois, os responsáveis pela edição do *Jornal Nacional* afirmaram que usaram o mesmo critério de edição de uma partida de futebol, na qual são selecionados os melhores momentos de cada time. Segundo eles, o objetivo era que ficasse claro que Collor tinha sido o vencedor do debate, pois Lula realmente havia se saído mal.

Devido às críticas, a emissora decidiu não mais editar debates políticos, limitando-se a apresentá-los na íntegra e ao vivo. Schroder, na época produtor e editor dos assuntos nacionais do telejornal e, hoje, diretor geral da emissora, avaliou o caso:

Aprendemos a lição de que um debate, por mais polêmico ou menos polêmico que seja, não pode ser editado. Tem questões das quais não se pode fazer um compacto. O que vivemos naquele momento foi um aprendizado, em meio a um processo de transformação para um processo mais democrático. Infelizmente, tivemos uma marca profunda.⁷⁸

3. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

3.1. *Newsmaking*

“Que imagem do mundo fornecem os noticiários televisivos? Como se associa essa imagem às exigências quotidianas da produção de notícias nos organismo radiotelevisivos?”. Essas questões foram levantadas em 1979 por Peter Golding e Philip Ross Courtney Elliott. Wolf (1985) afirma que perguntas como estas levam à busca da definição da esfera e expõem os problemas da abordagem do newsmaking, articulada dentro de dois limites: “a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos” (p.169).

Wolf (1985) diz ainda que todos os órgãos de informação têm o objetivo de fornecer relatos de acontecimentos significativos e interessantes. No entanto, fazer essa seleção não é tarefa fácil, já que, de acordo com ele, “o mundo da vida quotidiana- a fonte das notícias- é constituído por uma superabundância de acontecimentos” (WOLF, 1985, p.169). Selecionar implica em identificar se um fato é um acontecimento e, não, uma simples sucessão de coisas. Para que a produção de notícias ocorra, é necessário seguir três obrigações:

- 1- Devem tornar possível o reconhecimento de um fato desconhecido (inclusive os que são excepcionais) como acontecimento notável;

⁷⁸Depoimento pode ser conferido em: <http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-1980/detalhes-do-topico.htm> Acesso em 09/11/15

- 2- Devem elaborar formas de relatar os acontecimentos que não tenham em conta a pretensão de cada fato ocorrido como idiossincrático;
- 3- Devem organizar, temporal e espacialmente, o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de uma forma planificada (TUCHMAN, 1977 apud WOLF, 1985).

No entanto, para Garbarino, devido às restrições ligadas à organização do trabalho, criam-se “convenções profissionais que determinam a definição de notícia, legitima o processo produtivo, desde a utilização das fontes até à seleção dos acontecimentos e às modalidades de confecção, e contribuem para se precaver contra as críticas do público” (WOLF, 1985, p.169). A partir desses acordos, são estabelecidos critérios que definem a noticiabilidade. Desta forma, é um conjunto de características são determinadas para que um acontecimento se transforme em notícia.

A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública de notícias (WOLF, 1985, p.170)

Tudo o que não está adequado a esses requisitos é excluído, pelo fato de não estar adequado à rotina de produção do profissional. Segundo Wolf (1985), “a noticiabilidade está estreitamente relacionada com os processos de rotinização (p.170). Para Jorge, considerando que o jornalismo não é o espelho do real, é construção a partir de dados da realidade, é preciso analisar os processos de produção da notícia com cuidado (2013, p. 114-115).

3.1.1.Valores-notícia

Os valores-notícia estão dentro dos critérios de noticiabilidade. O conceito surgiu nos anos 1960, com Johan Galtung e Mari Ruge, quando buscaram classificar a seleção dos acontecimentos internacionais. Primeiros a fazer uma análise acadêmica, os autores listaram 12 valores-notícia, que até hoje estão presentes na produção do noticiário. São eles: a frequência, que é relativa à duração do acontecimento; a amplitude do evento; a clareza ou falta de ambiguidade; a significância; a consonância – inserir o “novo” em uma “velha” ideia; o inesperado; a continuidade; a composição – que envolve a necessidade de equilíbrio nas notícias; a referência a nações de elite; a referência a pessoas de elite; a personalização – enfatizando pessoas envolvidas e a negatividade (TRAQUINA, 2005, p. 69-70).

Conforme Wolf, “os valores-notícia são, portanto, regras práticas que abrangem um corpus de conhecimentos profissionais que, implicitamente, e, muitas vezes, explicitamente, explicam e guiam os procedimentos operacionais redatoriais” (WOLF, 1985, p.176). O objetivo destes é tornar a seleção de notícias um processo rápido, quase automático. Sendo assim, os critérios devem ser: fáceis, sem muita reflexão; flexíveis, para poderem adaptar-se à infinita variedade de acontecimentos disponíveis; facilmente racionalizados, para que, no caso de uma notícia ser substituída por outra, haja sempre disponível um motivo aceitável para a substituição; por último, devem ser orientados para a eficiência, de forma que garantam o necessário reabastecimento de notícias adequadas, com a menor perda possível de tempo, esforço e dinheiro (GANS 1979 *apud* WOLF 1985).

Wolf (1985) salienta que os valores-notícia estão espalhados por todo o processo de seleção de notícias, embora com relevância diferente. Segundo Traquina (2003, p.202), os valores-notícia são utilizados em dois momentos da produção da notícia: da seleção e da construção. Na seleção, os valores-notícia são inerentes aos acontecimentos relatados. Na construção, refletem o modo como os acontecimentos se apresentam diante da prática jornalística.

A definição do fato que deve ser transformado em publicação/veiculação na imprensa passa pelos critérios de noticiabilidade e dos valores-notícia que se baseiam em cinco pressupostos: característica substantiva de notícia (conteúdo, importância e interesse da notícia), características relativas ao produto (brevidade, atualidade e novidade), características ao meio de informação, ao público e à concorrência (WOLF, 1985, p.180-195).

Os critérios substantivos articulam-se essencialmente em dois fatores: a importância e o interesse da notícia. Há quatro variáveis que são consideradas nesta articulação:

1. Grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável, quer no que respeita às instituições governamentais, quer aos outros organismos e hierarquias sociais;
2. Impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional, considerando a potencialidade de influenciar e incidir sobre os interesses do país;
3. Quantidade de pessoas que o acontecimento – de fato ou potencialmente – envolve;
4. A relevância e a significância do acontecimento em relação aos desenvolvimentos futuros de uma determinada situação.

A segunda categoria diz respeito à “disponibilidade de materiais e às características específicas do produto informativo”, ou seja, em que medida o evento estará acessível ao jornalista. Golding e Elliot adicionam a esta categoria o critério da brevidade. A necessidade de não ultrapassar um determinado comprimento das notícias, principalmente as dos telejornais, adequa-se à disponibilidade de muito material noticiável. Aqui também engloba-se acontecimentos que alteram a rotina. Quanto mais negativo nas suas consequências, mais probabilidade tem de se transformar em notícia. (GALTUNG- RUGE 1965 *apud* WOLF 1985). Na relação dos valores-notícia utilizados estão, dentre outros, a atualidade dos fatos e a composição equilibrada do noticiário no seu conjunto.

Quanto aos critérios relativos ao meio, são consideradas as exigências particulares de transmissão da notícia dos diversos veículos de comunicação. Por exemplo, na televisão, a avaliação da noticiabilidade de um acontecimento diz respeito também à existência de boas imagens (WOLF, 1985, p.188)

Já os critérios relativos ao público referem-se ao papel que a imagem que os jornalistas têm do público desempenha. É um aspecto que envolve tensões constantes, pois há, ainda, o aspecto relativo a uma “proteção” de não noticiar os fatos ou detalhes que provocariam traumas ou ansiedade no público. No entanto, Wolf afirma que os jornalistas conhecem pouco seu público e que têm pouca vontade de conhecê-lo (WOLF, 1985.p.190)

Em relação aos critérios relativos à concorrência, segundo Gans, há três tendências presentes na prática que se refletem sobre determinados valores-notícia: o uso de furos em veículos concorrentes para prejudicar o adversário; a competição por notícias exclusivas, a fim de motivar a competição para gerar reações entre os competidores; por fim, as expectativas recíprocas, que acabam por desencorajar inovações na seleção de notícias (WOLF, 1985.p.190).

3.2. Gatekeeper

O processo de seleção de notícias, principalmente na televisão, objeto desta pesquisa, envolve uma “escolha” a partir da primeira reunião de pauta que define quais informações e notícias devem ser trabalhadas para uma reportagem de televisão. Essa triagem é feita pelos *gates*, do inglês, os chamados “portões”. Segundo Traquina (2002), antes de a notícia ser veiculada ao público, ela passa por esse canal (p. 92-95).

O conceito de *gatekeeper* surgiu em 1947, em um artigo do psicólogo Kurt Lewin sobre a modificação de hábitos alimentares. Nesse trabalho, Lewin identificou que existem zonas-filtro, e que estas são determinantes, podendo atuar como canais de passagem ou de bloqueio (LEWIN 1947 *apud* WOLF 2001).

No jornalismo, o conceito de *gatekeeper* foi aplicado pela primeira vez por David Manning White, no artigo intitulado “*The ‘Gatekeeper’: A Case Study In the Selection of News*”, publicado originalmente em 1950 na revista acadêmica *Journalism Quarterly*, vol.27, N.4, (TRAQUINA, 2005, p.223). Após a análise, gerou-se um debate sobre a subjetividade no jornalismo (WOLF, 2003, p. 202-228). White (1993) afirma que “o processo de seleção é subjetivo e arbitrário, com as decisões dependendo muito de juízos de valor baseados no conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper*” (p. 149).

De acordo com White, as funções dos *Gates*, do inglês, e “portões”, em português, são desempenhadas por setores ou pessoas, que são designadas à seleção e à produção de notícias. Para o autor, é um conceito individual em que “uma notícia é transmitida de um *gatekeeper* para outro na cadeia de comunicação” (WHITE 1993, p. 143). Por exemplo, de um chefe de redação para um editor, de um editor para um repórter etc.

Michael Kunczik (2001) defende que “a noção de *gatekeeper* pressupõe a existência de algo chamado informação ou notícia neutra ou objetiva” e ainda diz que o “jornalista pode sentir-se igualmente comprometido com a reportagem objetiva e neutra e com uma obrigação social” (p.87). Conforme Kunczik, o fato de o jornalista escolher se a notícia será publicada ou não, facilita a manipulação do público (2001, p.240), que não é o maior responsável por influenciar nas decisões do *gatekeeper* (BREED 1955 *apud* WOLF 1985).

Donohue, Tichenor e Olien (1972) citados por Wolf (1999) dizem que existem mais elementos envolvidos no processo de aprovação ou rejeição da notícia.

O *gatekeeping* nos *mass media* inclui todas as formas de controle da informação, que podem estabelecer-se nas decisões acerca da codificação das mensagens, da seleção, da formação da mensagem, da difusão, da programação, da exclusão de toda a mensagem ou das suas componentes (DONOHUE, TICHENOR, OLIEN (1972), *apud* WOLF, 1995, p. 163)

Para Kunczik, nos estudos da seleção de notícias, as fontes de informação são passivas quanto à possibilidade de manipulação, de forjar interesses, sendo o jornalista quem escolhe a notícia publicável (2001, p.240). Esse autor ressalta que a escolha do jornalista é feita por valores relacionados a suposições intuitivas juntamente com o referencial de ser tema do interesse de um determinado público (2001, p.243). Já Warren Breed (1993) afirma que “o jorna-

lista redefine seus valores ao nível mais pragmático da redação” ou seja, é mais provável que o profissional siga normas editoriais e organizacionais do trabalho, do que as suas ideologias (p. 157-161).

O trabalho de White virou uma espécie de referência de pesquisadores. Alguns criticaram, outros acrescentaram estudos. Pesquisas recentes mostram que a decisão do jornalista de publicar ou não uma notícia depende de vários fatores. Alguns deles são: a falta de espaço para publicação; a pouca ou nenhuma importância que tem a notícia para o veículo; a duplicação dos relatos sobre o fato; os acontecimentos distantes do local em que o meio atua; as orientações de superiores hierárquicos para a publicação de uma determinada notícia (BREED, 1993.p. 157-161).

3.3. Análise de Conteúdo

Para o desenvolvimento do trabalho, escolhemos como metodologia a análise de conteúdo de Laurence Bardin. Segundo a autora, o método consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis indefinidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

A autora afirma que o a superação da incerteza e o enriquecimento da leitura são os objetivos primários do método, que possui duas funções: heurística e de “administração da prova”. A primeira enriquece a tentativa exploratória, aumenta a possibilidade de descoberta, é a “análise de conteúdo para ver o que dá”. Já a segunda, cria hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias (BARDIN, 2011, p.35).

Para a estudiosa, a técnica é dividida em duas abordagens: a quantitativa e a qualitativa. A quantitativa configura-se na “frequência de aparição de determinados elementos da mensagem” (BARDIN, 2011, p. 144). Segundo Bardin, ela obtém dados descritivos por meio de um método estatístico. “Esta análise é mais objetiva, mais fiel e mais exata, visto que a observação é mais bem controlada”. A segunda corresponde a um processo mais intuitivo e maleável. Neste caso, o risco de erro aumenta, “porque se lida com elementos isolados ou frequências fracas” (BARDIN, 2011, p. 145). Por fim, pode-se afirmar que a análise qualitativa é caracterizada pelo fato de a inferência ser fundada na presença de índice, e não sobre a frequência da sua aparição ” (BARDIN, 2011, p. 146).

Bardin (2011) explica que a análise de conteúdo é realizada em etapas, que se organizam em torno de três polos cronológicos:

1. Pré-análise: fase de organização propriamente dita. É o período de intuições, que tem como objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais; organizar o material a ser analisado. Conforme a autora, este primeiro momento tem três missões: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final” (BARDIN, 2011, p.125).
2. Exploração de materiais: a segunda etapa consiste em um estudo aprofundado do corpus, orientado por referenciais teóricos. É uma fase longa e cansativa, em que codificamos os dados brutos. Na codificação, são escolhidas as unidades de registros (o recorte), é feita a enumeração (escolha das regras de contagem), a classificação e a agregação (escolha de categorias) (BARDIN, 2011, p.131).
3. Tratamento dos resultados, inferência e interpretação: “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos”. Durante a interpretação de dados, é preciso utilizar referenciais teóricos relacionados à investigação, pois serão eles que darão fundamento à análise. A interpretação é a combinação entre a teoria e os dados obtidos na fase anterior (BARDIN, 2011, p.131).

4. CORPUS DA PESQUISA

Para este estudo, tivemos que analisar o Jornal Nacional em dois períodos diferentes: antes e depois da mudança, implantada a partir de 27 de abril de 2015. Escolhidos aleatoriamente, o primeiro consiste nas três primeiras semanas de abril, entre os dias 1 e 18. Já o segundo compreende as três semanas iniciais de setembro, mês em que o telejornal completou 46 anos, entre os dias 1 e 19.

Depois de assistirmos aos telejornais, uma parte recolhida no site institucional do Jornal Nacional⁷⁹ e a outra gravada em casa, seguimos as instruções de Bardin (2011), enumerando o material para, enfim, escolher as categorias. “A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BAR-

⁷⁹ <http://g1.globo.com/jornal-nacional/index.html> Acesso em 15/11/15

DIN, 2011, p.146). A autora explica que o processo envolve duas etapas: inventário, em que os elementos são isolados; e a classificação, onde estes são repartidos e organizados (BAR-DIN, 2011, p.148).

Ao final, encontramos as seguintes categorias: mapa-tempo, link, arte, cenário, forma de apresentar, e repórteres. Em algumas, daremos o histórico de mudanças anteriores e colocaremos alguns *prints* para que o leitor possa visualizar melhor a alteração.

Optamos por fazer apenas a análise qualitativa do conteúdo e, para dar embasamento a elas, realizamos duas entrevistas pessoalmente. A primeira com a repórter de rede Zileide Silva, na filial da TV Globo, em Brasília. A segunda com o editor-chefe adjunto do Jornal Nacional, na Central Globo de Jornalismo. Editadas, as duas estão parcialmente utilizadas em seguida. As íntegras estão nos anexos.

5. ANÁLISE

Desde 27 de abril deste ano, o Jornal Nacional passou por uma série de mudanças perceptíveis aos olhos do telespectador. A fim de conquistar o público e se aproximar deste, o noticiário adotou uma linguagem mais acessível e coloquial. Em entrevista realizada às 16h do dia 28 de setembro de 2015, na Central Globo de Jornalismo, no Rio de Janeiro, o editor-chefe adjunto do telejornal, Fernando Castro, afirmou que a transformação conferiu mais informalidade ao telejornal.

O Jornal Nacional obviamente teve uma mudança grande nesse ano, que foi a mudança do formato, do cenário. Junto com essa mudança, o que a gente fez e está fazendo é um desafio diário. Houve, sim, uma mudança da, vamos dizer, linguagem, da forma como a gente apresenta o nosso conteúdo. Então, você pode talvez dizer que houve uma mudança para que o jornal fique mais informal do que era antes. Isso é inegável, a gente vê nas conversas que o Bonner tem agora com a Maria Júlia Coutinho, por exemplo. Você tem uma informalidade maior.

No entanto, Castro adverte que a informalidade deve ter medida certa.

Quando você é informal, corre o risco até de ofender alguém. Então não pode ser informal demais. Esse limite, o quanto você faz, é exatamente o que a gente está fazendo agora, tentando ser o mais natural possível para que a gente introduza os assuntos, dê as notícias, forneça as informações de uma forma mais natural possível. Até acho que a palavra “natural” seja até melhor do que a palavra “informal” e é um desafio diário nosso.

Ele ainda ressalta que a mudança em nada altera a essência do noticiário. “O Jornal Nacional continua sendo um produto jornalístico. Ele tem uma missão que é a missão de informar, de dizer aquilo de mais importante que aconteceu no Brasil e no mundo naquele de-

terminado dia”. Diz que tentam trazer o Jornal Nacional cada vez mais perto do telespectador, para que a linguagem que ele tem, que vai ao todo dia seja realmente o mais perto possível daquela que você tem em casa. Mas, sem abandonar “todas as preocupações editoriais, jornalísticas, de informar com a correção, de não cometer erros, de contar sempre as histórias com exatidão, com correção, com equilíbrio. Isso tudo continua”.

De acordo com o editor-chefe adjunto, o projeto do novo formato já estava sendo pensado há um ano e envolveu William Bonner e toda a direção do noticiário. Foram feitos vários estudos, envolvendo vários departamentos, porque a mudança foi completa. “A gente antigamente tinha um tipo de jornal e essa foi a maior mudança do Jornal Nacional”. Ele acrescenta que a internet teve papel decisivo nessa alteração: “há hoje em dia um *feedback* muito grande das redes sociais, do *twitter*, do *facebook*. A gente está antenado”.

Em entrevista realizada às 19h, do dia 24 de setembro, na filial da TV Globo de Brasília, a repórter Zileide Silva⁸⁰, disse que a linguagem das matérias da capital federal não sofreu muita alteração. Aos 58 anos e formada pela Faculdade Cásper Líbero, a jornalista, conhecida por sua atuação nas áreas de economia e política, diz que, apesar disso, vale o esforço. “Para a reportagem não deu para mudar muito em Brasília, porque Brasília é realmente *hardnews*. Então a gente fica com assuntos extremamente sérios, extremamente pesados, mas a gente tenta, sim”. A jornalista lembra ainda que sempre houve um cuidado com o público. “Sempre foi uma preocupação nossa ter uma linguagem mais coloquial, uma linguagem que todos os telespectadores possam entender. Mesmo porque o Jornal Nacional é um jornal extremamente difícil, porque ele pega da dona de casa a presidente da República; o operário da fábrica e o presidente da Fiesp, o dono da empresa”.

Questionado se a alteração no formato do JN estaria relacionada a uma possível queda de audiência, o editor-chefe adjunto disse que não. Argumenta que o Jornal Nacional tem ciclos, mudanças de cenário, uma evolução natural da Rede Globo, que Globo sempre vai tentar se inovar. “Uma televisão nunca pode ficar estática, ela vai mudando”, que se diz “extremamente feliz” com o novo formato, o que aplica-se a toda equipe. “Acho que está todo mundo feliz e empolgado, toda mudança é bem-vinda. Quando você tem algo novo sempre é bacana, sempre é legal. Sair da zona de conforto e fazer algo diferente é bacana”.

⁸⁰ Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/zileide-silva/trajetoria.htm> Acesso em 15/11/15

5.1. Mapa-tempo

Como já foi dito antes, o mapa-tempo, mais conhecido como previsão do tempo, surgiu no Jornal Nacional em 1991, com Sandra Annenberg. O quadro era produzido em São Paulo e gerado para o Rio de Janeiro por volta das 19h. A atração teve um começo difícil, como lembra Annenberg: “Não se fazia previsão com cinco dias de antecedência. Mal se levava a sério, e era para ser levado a sério. Tentávamos fazer o que faziam as previsões norte-americanas e inglesas, principalmente a BBC, que foi a precursora da previsão do tempo no mundo” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 232).

Naquela época, a previsão do tempo seguia um padrão bem diferente do atual. Sandra Annenberg, por exemplo, chegava a dar as costas para o telespectador:

Eles achavam que assim eu dividiria a atenção com o mapa. Como o mapa era a grande estrela, eu tinha que levar o público até ele e, para isso, eu dava as costas para o telespectador. Eu falava para os meus chefes: ‘Eu não posso dar as costas para o telespectador. Eu sempre aprendi que você tem que falar de frente para as pessoas’. Mas eles achavam que não, que eu tinha que levar o público até o mapa e mostrar onde estavam as coisas. Então assim, foi” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.232)



Figura 9: Sandra Annenberg como garota do tempo no Jornal Nacional

Fonte: Arquivo TV Globo/Divulgação

Ao longo dos anos, a previsão sofreu algumas alterações: a garota do tempo deixou, por exemplo, de dar as costas para o telespectador e a tecnologia tomou conta do cenário. No entanto, o quadro continuou a ser gravado em São Paulo. A última grande mudança aconteceu em abril deste ano, quando o tempo passou a ser feito ao vivo.

De acordo com o editor-chefe adjunto do Jornal Nacional, Fernando Castro, a nova concepção do mapa-tempo foi feita de forma gradual. “A gente sabia que havia uma demanda do público por uma previsão do tempo ao vivo, tinha noção”. Afirmo que o JN não inovou nessa área, mesmo porque todos os jornais da Rede Globo já faziam isso, os jornais locais também, o Jornal Hoje, Jornal da Globo, Bom Dia Brasil. ” E a gente sabia que teria que fazer isso eventualmente. O público pedia que a gente tivesse uma previsão ao vivo”.

Com o novo formato, Michelle Loreto deixou o posto para assumir a reportagem em São Paulo, e, em seu lugar, entrou Maria Júlia Coutinho, também conhecida como Maju. O apelido da jornalista passou a ser usado no telejornal a partir de 12 de maio, quando, ao fim do quadro, William Bonner perguntou se ela gostaria de ser chamada pelo nome ou pelo apelido. “Maria Júlia, só para terminar... O que você prefere? Maria Júlia ou Maju, como você se intitula nas redes sociais?”, perguntou o apresentador. “E que, aliás, os seus fãs e público ficam pedindo”. “Eu prefiro Maju”, afirmou a garota do tempo. “A partir de hoje, Maria Júlia Coutinho será também, Maju”, explicou Bonner. “Ai! Adorei!”, exclamou a moça. “Até amanhã, Maju”, brincou Renata Vasconcellos. Chamar alguém pelo apelido é mais uma das novidades do noticiário. Desta forma, quebra-se a sisudez característica do telejornal e aproxima-se cada vez mais do telespectador.

Após o episódio, Maria Júlia Coutinho contou⁸¹, no programa Encontro com Fátima Bernardes, que o sucesso do apelido aumentou depois que Bonner passou a chamá-la dessa forma. “Esse apelido surgiu na faculdade. E agora que seu marido ⁸²me chamou de Maju as pessoas nas ruas me chamam desse jeito. Antes era muito restrito aos meus amigos e colegas. Fui rebatizada no Jornal Nacional”. A garota do tempo ainda perguntou a Fátima Bernardes se ela também poderia apelidar o apresentador do Jornal Nacional. “Será que posso chamá-lo de tio na TV? Nas redes sociais ele é tio, né? Sou louca para fazer isso, mas não vou poder fazer”, brincou a jornalista, se referindo a forma como Bonner se intitula nas redes. “A galera nas redes sociais vai curtir. Vai ser ótimo, mas acho melhor você esperar mais algumas semanas”, respondeu Fátima.

O quadro ganhou destaque e ficou maior, além disso, o ar descontraído de Maria Júlia Coutinho deu um ar mais informal ao telejornal. Esbanjando carisma, a garota do tempo, que está na TV Globo desde agosto de 2007, fala de maneira simples e está quase sempre sorrindo. No primeiro período analisado, antes da mudança, o mapa-tempo não chegou a durar nem

⁸¹Depoimento pode ser conferido em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/zileide-silva/trajetoria.htm>
Acesso em 15/11/15

⁸² Fátima Bernardes e William Bonner são casados há 25 anos.

um minuto e meio. A maior duração foi de um minuto e vinte e três segundos, no dia 17 de abril, uma sexta-feira. Já no novo formato, o quadro chegou a ter três minutos e vinte e três segundos, em 15 de setembro, uma terça-feira.

No quadro gravado, a garota do tempo—Michelle Loreto e, esporadicamente, Eliana Marques, Izabella Camargo e Maria Júlia Coutinho – caminhava em um cenário, interagia com diferentes mapas e indicava as temperaturas em um cenário virtual, todo feito em *croma-key*. Não havia nenhum tipo de interação com os âncoras.



Figura 10: Michelle Loreto apresentando a previsão do tempo no antigo formato

Fonte: Reprodução/TV Globo



Figura 11: Michelle Loreto apresentando a previsão do tempo no antigo formato

Fonte: Reprodução/ TV Globo



Figura 12: Michelle Loreto apresentando a previsão do tempo no antigo formato

Fonte: Reprodução/ TV Globo

No novo formato, os apresentadores conversam com a garota do tempo por um telão, que dá a ideia de que a pessoa está do lado do âncora. No estúdio de São Paulo, também tem uma tela, onde os mapas e temperaturas são refletidos. Fernando Castro conta que a tecnologia foi crucial para a mudança no mapa-tempo.

Quando a gente começou a testar o cenário vimos que existia essa possibilidade desse efeito, em que parece que quem está aqui no estúdio do Rio de Janeiro está conversando realmente do lado da pessoa que está em São Paulo. Isso abriu uma janela de oportunidade para inovar no mapa-tempo. Em São Paulo, a gente aproveitou uma estrutura enorme que eles têm lá, de arte e tudo mais. A gente foi unindo, juntando e quando conseguiu colocar tudo junto chegou à conclusão de que era uma coisa bacana.



Figura 13: Renata Vasconcellos conversando com Maria Júlia Coutinho, ao vivo, pelo telão

Fonte: Reprodução/ TV Globo

Como podemos ver na imagem a seguir, antes, a previsão do tempo entrava logo depois de alguma matéria, só com uma vinheta, a logotipo do JN e abaixo a palavra “tempo”.



Figura 14: Logotipo que anunciava a previsão do tempo no formato anterior

Fonte: Reprodução/ TV Globo

Agora, da bancada, os apresentadores anunciam que é o momento da previsão, levantam-se e vão até o telão conversar, ao vivo, com Maria Júlia Coutinho. Os âncoras a saúdam e ela começa a apresentar as temperaturas. Seguem alguns trechos dos cumprimentos do quadro:

Em 1º de setembro:

Renata Vasconcellos: – *Vamos ver agora como é que fica a previsão do tempo? Então vamos lá pra São Paulo conversar com a Maria Júlia Coutinho. Boa noite, Maju. E então, que que ce destaca hoje?*

Maria Júlia Coutinho: – *Boa noite pra você, pro Bonner e pra todos.*

Em 9 de setembro:

Renata Vasconcellos: – *Vamo então pra São Paulo agora conversar com a Maria Júlia Coutinho. Vamo lá conversar com ela então. Boa noite, Maju. O que que a gente pode esperar de chuva pra amanhã?*

Maria Júlia Coutinho: – *Oi, Renata. Boa noite pra você, pro Bonner, pra todos.*

Segundo Castro, a escolha de Maria Júlia Coutinho para o cargo foi ideal. “A Maju estava se destacando muito nos outros telejornais. Achavam que ela se encaixaria bem. (...) Ela é um sucesso e está indo muito bem. A gente adora a Maju. Ela é impressionante”. Em entre-

vista⁸³ ao portal de notícias da Rede Globo, G1, em maio deste ano, a garota do tempo afirmou que não tem problema ao encarar o estúdio e que se porta de maneira igual fora dele. “Eu me comporto no ar (falo, me movimento, dou risada) do mesmo modo que me comporto fora do ar”. A moça, inclusive protagonizou alguns diálogos insólitos com os apresentadores. Seguem alguns trechos:

Em 4 de setembro:

William Bonner: – *Maju, vamos aproveitar o seguinte... Primeiro, boa noite pra você. Pra quem vai viajar no feriado, vai pegar a estrada, qual é a previsão do tempo?*

Maria Júlia Coutinho: – *Oi, Bonner. Boa noite pra vc, pra Renata e pra todos. Vamos cair aqui na estrada comigo*

William Bonner: – *É esfriou, esfriou bonito. E quem é que vai conseguir pegar praia. Onde é que tem praia boa pro feriado?*

Maria Júlia Coutinho: – *No nordeste. Quer ir pra lá?*

William Bonner: – *Maju, precisa cumprimentar o pessoal da arte que fez essas bandeirinhas do Brasil aí no dia da independência.*

Maria Júlia Coutinho: – *É lindo. Não é?*

William Bonner: – *É bonito.*

Maria Júlia Coutinho: – *É do Daniel Guimarães, eu tenho que citar o nome, gente, foi ideia dele .*

William Bonner: – *Parabéns, tá cada dia mais bonita a previsão do tempo.*

Maria Júlia Coutinho: – *Ai que ótimo. Tchau, tchau.*

William Bonner: – *Brigado, hein? Tchau. Bom feriado pra vc, bom fim de semana.*

Em 18 de setembro:

Maria Júlia Coutinho: – *E você falou que ia curtir o Rock in Rio. Vai curtir mesmo?*

Renata Vasconcellos: – *Vou. Hoje é dia de Queen, oh, primeiro dia. Quero ver o Queen.*

Maria Júlia Coutinho: – *Será? Então tá bom. Vamos ver se eles vão levantar a galera com Love of My Life, né?*

Renata Vasconcellos: – *Pois é.*

Maria Júlia Coutinho: – *Que nem em 1985.*

⁸³ Entrevista pode ser conferida em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/05/eu-me-comporto-igual-no-ar-e-fora-do-ar-diz-maria-julia-coutinho.html> Acesso em 15/11/15

Renata Vasconcellos: – *É isso aí, Maju.*

Maria Júlia Coutinho: – *Tchau, bom final de semana.*

Renata Vasconcellos: – *Até segunda, Maju.*

Maria Júlia Coutinho: – *Beijo. Tchau. Tchau.*

Em 19 de setembro:

Maria Júlia Coutinho: – *Amanhã a máxima pode bater os 36 (graus). Um domingo de praia. Não sei se você já pega o avião e volta pra Brasília, ou tem tempo de dá um tibun.*

Heraldo Pereira: – *Vou pegar o avião e voltar pra Brasília. Muito obrigado pelas suas informações, Maria Júlia.*

Maria Júlia Coutinho: – *Tchau, tchau, Heraldo. Tchau, tchau.*

Heraldo Pereira: – *Brigado*

Além de “tibum”, Maria Júlia Coutinho já usou outros termos que conferem um tom mais informal ao telejornal, como por exemplo, “chuvarada”, “chuvinha”, “previsão corrida”, “corridão” e “calourão”, expressões que não eram usadas anteriormente. Segundo a jornalista⁸⁴, a internet foi uma grande aliada na composição de um vocabulário mais acessível ao público. “Pude testar, através da internet, maneiras diferentes de falar sobre o tempo. Durante um ano, publiquei quase diariamente posts com a previsão do tempo usando uma linguagem mais descontraída. Usei na TV muitas das expressões aprovadas pelo público na rede”.

Uma outra característica dessa interação do novo formato é o fato de que agora os apresentadores também precisam estar informados sobre o tempo. Após os cumprimentos, Maria Júlia Coutinho dá a primeira parte da previsão. Em seguida, o âncora faz alguma pergunta ou comentário, previamente acertado, e ela continua de acordo com o que foi dito.

As perguntas são sempre combinadas porque você tem que ter os gráficos, mas não são combinadas ao pé da letra. É uma conversa mesmo. É uma combinação, mas não é como no teatro, é uma combinação bem informal. Por que como você colocaria aqueles gráficos no ar se não tivesse uma combinação? Mas a interação do Bonner com a Maju, nada daquilo é combinado.

Por fim, o mapa tempo passou a ser ilustrado com reportagens e imagens das cidades, como na foto logo abaixo, citadas pela garota do tempo. Antes, ele era composto apenas por arte computadorizada.

⁸⁴ Entrevista poder ser conferida em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/05/eu-me-comporto-igual-no-ar-e-fora-do-ar-diz-maria-julia-coutinho.html> Acesso em 15/11/15



Figura 15: Maria Júlia Coutinho apresentando o tempo

Fonte: Reprodução/ TV Globo

5.1.1. Racismo⁸⁵

Em 3 de julho deste ano, Maria Júlia Coutinho, a primeira garota do tempo negra a Globo, foi alvo de comentários racistas na página do Jornal Nacional, no Facebook. Logo depois, milhares de pessoas manifestaram a indignação e o repúdio aos criminosos. Na internet, a expressão "Somos Todos Maju" ganhou todas as redes sociais. Além de William Bonner, diversos famosos mostraram seu apoio a Maju, entre eles, o apresentador Serginho Groisman, os cantores Thiaguinho e Alcione e as atrizes Sheron Menezes e Carol Castro.

Na ocasião, Renata Vasconcellos falou sobre as medidas que estavam sendo tomadas pelo Ministério Público do Rio de Janeiro e de São Paulo:

Isso também acabou provocando a reação das autoridades. No Estado do Rio, por exemplo, o Ministério Público pediu à promotoria de investigação penal que acompanhe o caso com rigor. Em São Paulo, o promotor criminal Cristiano Jorge dos Santos, também irá apurar o inquérito para apurar os crimes de racismo e injúria qualificada.

Já William Bonner pediu que Maria Júlia Coutinho deixasse um recado a todos.

Estava todo mundo preocupado. Muita gente imaginou que eu estaria chorando pelos corredores, mas na verdade é o seguinte, gente: eu já lido com essa questão do preconceito desde que eu me entendo por gente. Claro que eu fico muito indignada, fico triste com isso, mas eu não esmoreço, não perco o ânimo, que eu acho que é is-

⁸⁵Informações encontradas em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/07/comentarios-racistas-contramaria-julia-coutinho-serao-investigados.html> Acesso em 15/11/15

so que é o mais importante. Eu cresci numa família muito consciente, de pais militantes, que sempre me orientaram. Eu sei dos meus direitos. Acho importante, claro, essas medidas legais serem tomadas, até para evitar novos ataques a mim e a outras pessoas. Eu acredito que isso é muito importante. E agora eu quero manifestar a felicidade que eu fiquei, porque é uma minoria que fez isso. Eu fiquei muito feliz com a manifestação de carinho mesmo, como vocês disseram. Eu recebi milhares de e-mails, de mensagens. Acho que isso que é o mais importante. E a militância que eu faço, gente, é com o meu trabalho, é fazendo o meu trabalho sempre bem feito, sempre com muito carinho, com muita dedicação, com muita competência, que eu acho que é o mais importante. E, pra finalizar, Bonner e Renata, é o seguinte: os preconceituosos ladram, mas a caravana passa. É isso.⁸⁶

Bonner encerrou com a frase que tomou conta das redes sociais: “Somos Todos Maju”.

5.2. Link

O *link*, momento em que o repórter dá uma notícia ao vivo, sofreu alteração e ganhou uma linguagem mais coloquial, transformando-se em uma espécie de bate-papo. Zileide Silva relata como foi essa mudança:

O que mudou no link é que agora é muito mais coloquial, é muito mais conversado. Porque antes nós tínhamos assim: você tem 45 segundos ou um minuto para fazer um link. Então a gente decorava o texto, um minuto, 45 (segundos), um minuto e meio e íamos para a frente da câmera e falávamos. Decorado. Agora não. Eles não querem. Porque como é para ser um diálogo com o telespectador, mais conversado, então a gente não decora mais o texto. A gente entende o que aconteceu e sempre tem duas perguntas.

Assim como no mapa-tempo, as perguntas são previamente combinadas. Segundo a jornalista, no formato atual, ela tem cerca de dois minutos, dois minutos e meio para falar. A repórter, que só tem elogios para o novo link, considera que o fato de o jornal estar mais “solto” e menos “rígido” é interessante, também, para o telespectador. “Se você perceber bem, se pegar um link antigo meu, você vai ver que era uma coisa rígida. Esse não, até a mão você levanta. Você está meio que batendo um papo com o Bonner e com o telespectador; com a Renata e com o telespectador”.

Antes, o âncora, da bancada mesmo, lia a cabeça da reportagem e anunciava que iria falar ao vivo com o repórter. Depois de cumprimentá-lo, o repórter falava o texto, decorado, dava “boa noite” e não havia mais interação com os apresentadores. Como citou Zileide Silva, eram cerca de 45 segundos para falar e pronto. Segue abaixo a chamada do link antes da mudança do dia 27 de abril:

⁸⁶ Depoimento pode ser conferido em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/07/comentarios-racistas-contra-maria-julia-coutinho-serao-investigados.html> Acesso em 15/11/15

Em 7 de abril:

Renata Vasconcellos: - *O Palácio do Planalto anunciou hoje que a articulação política vai passar pro comando do vice-presidente, Michel Temer, do PMDB. Quem cuidava dessa área era Pepe Vargas. A repórter Zileide Silva tem os detalhes pra gente ao vivo de Brasília. Boa noite, Zileide.*

Zileide Silva: - *Boa noite, Renata, Bonner. Boa noite a todos.*

Depois, Zileide dava a notícia e encerrava o link chamando os apresentadores: “Bonner, Renata”. No novo formato, o âncora levanta-se em direção a um telão, o mesmo pelo qual ele conversa com a garota do tempo, lê a cabeça da matéria e cumprimenta o repórter. Além de o apresentador estar de pé, outra mudança é que agora ele faz mais uma pergunta. O link ficou da seguinte forma:

Em 09 de setembro:

William Bonner: – *A Câmara tá terminando de votar a minirreforma eleitoral. O texto discute temas, como por exemplo, financiamento de campanha e pesquisa de intenção de voto dos eleitores. A Zileide Silva tá acompanhando e fala com a gente ao vivo de Brasília. Boa noite, Zileide.*

Zileide Silva: – *Boa noite, Bonner. Boa noite, Renata. Boa noite a todos.*

Posteriormente, a repórter fala sobre os acontecimentos na Câmara e, em seguida, Bonner faz outra pergunta:

William Bonner: – *Com essas aprovações que você acabou de relatar pra gente, Zileide, quais são os próximos passos agora? Vai direto pra presidente sancionar?*

Zileide continua o link e, com a mudança, ela não invoca mais os âncoras. De acordo com Fernando Castro, a tecnologia é uma aliada da informalidade. “Antigamente a gente chamava um repórter para falar ao vivo, esse repórter aparecia na tela de uma hora para outra. Agora a gente chama a Zileide, tem um efeito que parece que a Zileide está do nosso lado. Então isso ajudou nessa informalidade do Jornal Nacional”.

Segundo Zileide, assim que a mudança foi anunciada, cerca de um mês antes da estreia do novo formato, pilotos do *link* começaram a ser gravados. O padrão americano, como chamavam o formato anterior, foi abandonado e, muitas vezes, o repórter aparece de corpo inteiro. Desde então, o *link* passou a ser feito com duas câmeras. “Tem uma câmera que você olha para o Bonner, por exemplo. Ele vem conversar comigo. Aí em uma câmera eu estou olhando

para ele, na outra eu meio que falo com o telespectador, eu me viro para outra câmera”, explica Zileide. De acordo com a repórter, como tinha que ver a questão de altura e espaço, tudo foi testado anteriormente.

O novo formato do link trouxe uma preocupação a mais para Zileide: o sapato. “A gente não tinha nenhuma preocupação antes com o sapato. Agora, não, você aparece de corpo inteiro e mostra até o sapato. Tem que ter cuidado com tudo”, explica. No entanto, segundo a jornalista, ela sempre teve zelo com o vestuário. “Eu acho que isso é uma questão de educação. Se eu estou entrando na sua casa, eu tenho que ter uma postura. Eu penso muito isso”.

Zileide Silva contou que o novo formato agradou inclusive a outros jornalistas: “Os colegas repórteres vem e falam: ‘Nossa, mas esse link é maravilhoso. Parece que você está lá dentro do estúdio e parece que eles estão dentro do Congresso. Parece um holograma’”. Zileide destaca, ainda, a importância da quebra da sisudez do ao vivo: “Acho que visualmente ficou muito bonito. E como dá essa impressão que a gente está cara a cara é legal conversar, não é legal ficar com o texto decorado”.



Figura 16: Chamada do link no antigo formato

Fonte: Reprodução/TV Globo



Figura 17: Chamada do link no novo formato

Fonte: Reprodução/TV Globo

5.3. Arte

Percebe-se que as intervenções gráficas se tornam mais presentes no novo formato, tanto nas matérias quanto na bancada. Segundo Fernando Castro, “o departamento de arte está trabalhando muito mais”. O objetivo é deixar o telejornal atraente, mais interessante aos olhos do telespectador.

É tudo uma parceria, você tem um repórter que tem a missão de contar aquela história de uma forma objetiva, clara, que as pessoas consigam realmente compreender, entender, sem usar frases pesadas demais. E aí vem a arte, os gráficos, a tentativa de fazer de uma forma atraente, de uma forma que seja visualmente legal, bacana.

Exemplo da combinação citada pode ser visto na passagem, momento em que o repórter aparece no vídeo, do repórter Felipe Santana, do Rio de Janeiro, exibida em 1º de setembro, sobre a demora na entrega de produtos comprados pela internet.

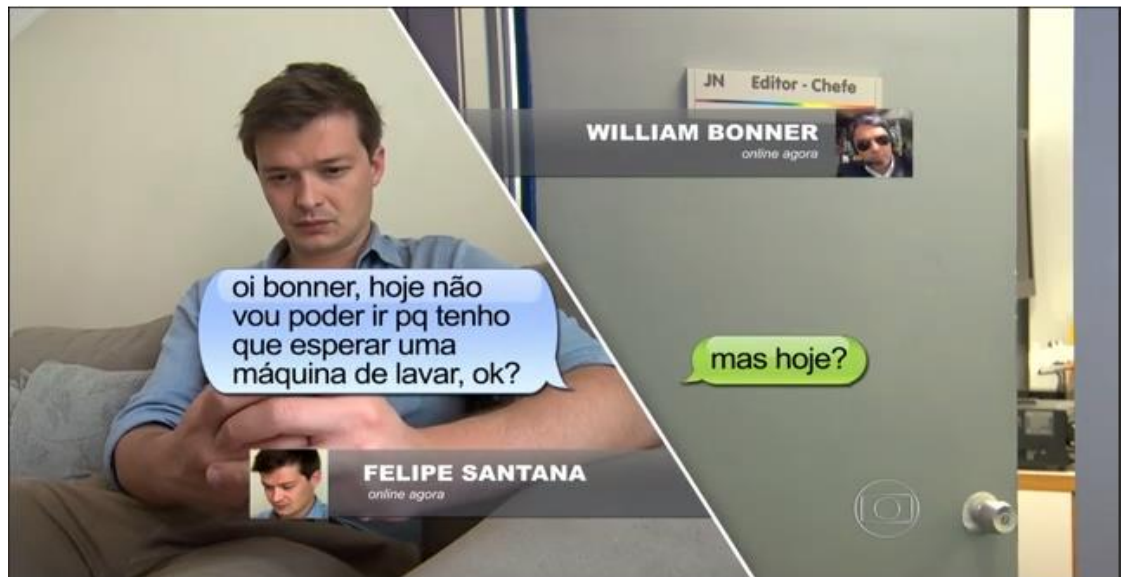


Figura 18: Felipe Santana em matéria sobre a demora na entrega de produtos comprados pela internet

Fonte: Reprodução/ TV Globo

Ao exibir uma arte que remete às conversas de redes sociais, a reportagem ganhar um ar contemporâneo, que faz o público se identificar com o que está sendo exibido pelo noticiário. Outros exemplos da interação entre os recursos gráficos e o repórter na nova fase do Jornal Nacional podem ser vistos a seguir:



Figura 19: Felipe Santana em matéria, exibida em 5 de setembro, sobre os riscos para quem vive digitando no celular.

Fonte: Reprodução/ TV Globo



Figura 20: Patrícia Falcoski em matéria, exibida em 18 de setembro, sobre a imprudência dos motociclistas

Fonte: Reprodução/TV Globo

De acordo com o editor-chefe adjunto do Jornal Nacional, a dificuldade em inserir recursos gráficos nas reportagens sobre a capital federal é maior. É necessário um esforço do departamento de arte para fugir do senso comum e ir além das meras imagens dos órgãos públicos. Isso, segundo ele, dá “leveza ao jornal”.

A arte está tentando pegar imagens clássicas de Brasília, que já ilustraram muitas matérias, porque às vezes você não tem saída, e está tentando fazer com que tudo seja muito mais atraente visualmente, porque isso também faz parte da nova linguagem do JN.

Seguem exemplos da arte em matérias de Brasília:

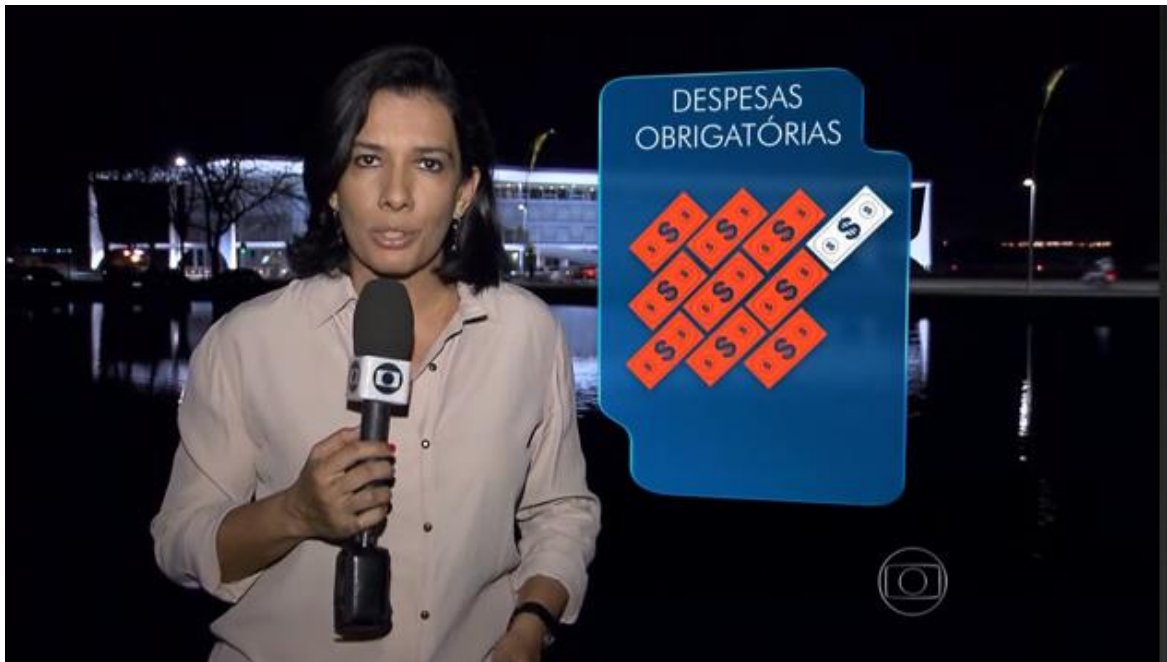


Figura 21: Cláudia Bomtempo em matéria, exibida em primeiro de setembro, sobre aumento de impostos para reduzir o rombo no orçamento

Fonte: Reprodução/ TV Globo



Figura 22: Palácio do Planalto coberto pela arte do telejornal

Fonte: Reprodução/ TV Globo

Outra mudança notada foi a valorização da arte na bancada do telejornal, que tem, ao fundo, um telão, no qual são exibidas imagens em alta resolução. Antes, ao ler a cabeça de uma matéria sobre a Operação Lava-Jato, por exemplo, não havia nada atrás de Renata Vasconcellos que indicasse o assunto. O fundo permanecia azul, como na imagem a seguir:



Figura 23: Cabeça de matéria sobre a Operação Lava- Jato antes da mudança do telejornal

Fonte: Reprodução/TV Globo

No novo formato, só pela imagem já sabemos que a reportagem trata da Operação Lava- Jato. A arte com dinheiro escorrendo pelo duto tornou-se característica em matérias sobre o esquema de corrupção da Petrobrás.



Figura 24: Cabeça de matéria sobre a Operação Lava- Jato depois da mudança do telejornal

Fonte: Reprodução/ TV Globo

A seguir, exemplos da arte sobre os mesmos assuntos, antes e depois da mudança de formato do Jornal Nacional:



Figura 25: Nota coberta sobre o Rock in Rio em abril, antes da mudança do telejornal

Fonte: Reprodução/ TV Globo



Figura 26: Cabeça de matéria sobre o Rock in Rio, depois da mudança do telejornal

Fonte: Reprodução/TV Globo



Figura 27: Matéria sobre os Estados Unidos, antes da mudança do telejornal

Fonte: Reprodução/ TV Globo



Figura 28: Matéria sobre os Estados Unidos, depois da mudança do telejornal

Fonte: Reprodução/TV Globo



Figura 29: Cabeça de matéria sobre economia, antes da mudança do telejornal

Fonte: Reprodução/ TV Globo



Figura 30: Cabeça de matéria sobre economia, depois da mudança do telejornal

Fonte: Reprodução/ TV Globo

Como podemos ver, a arte deixou de ser discreta e passou a ser mais rebuscada e sofisticada. Na nova fase, além do símbolo do Rock in Rio aparecer maior, está mais moderno. A simples bandeira dos Estados Unidos deu lugar a uma espécie de bandeira em forma de mapa.

E os recursos gráficos referentes à economia tornaram-se mais atraentes, e ganharam um tom de verde distinto. A arte das matérias da Operação Lava-Jato também seguiu o estilo da bancada e ganhou mais requinte:



Figura 31: Gráfico de matéria sobre a Operação Lava-Jato antes da mudança do telejornal

Fonte: Reprodução/ TV Globo



Figura 32: Gráfico de matéria sobre a Operação Lava-Jato depois da mudança do telejornal

Fonte: Reprodução/ TV Globo

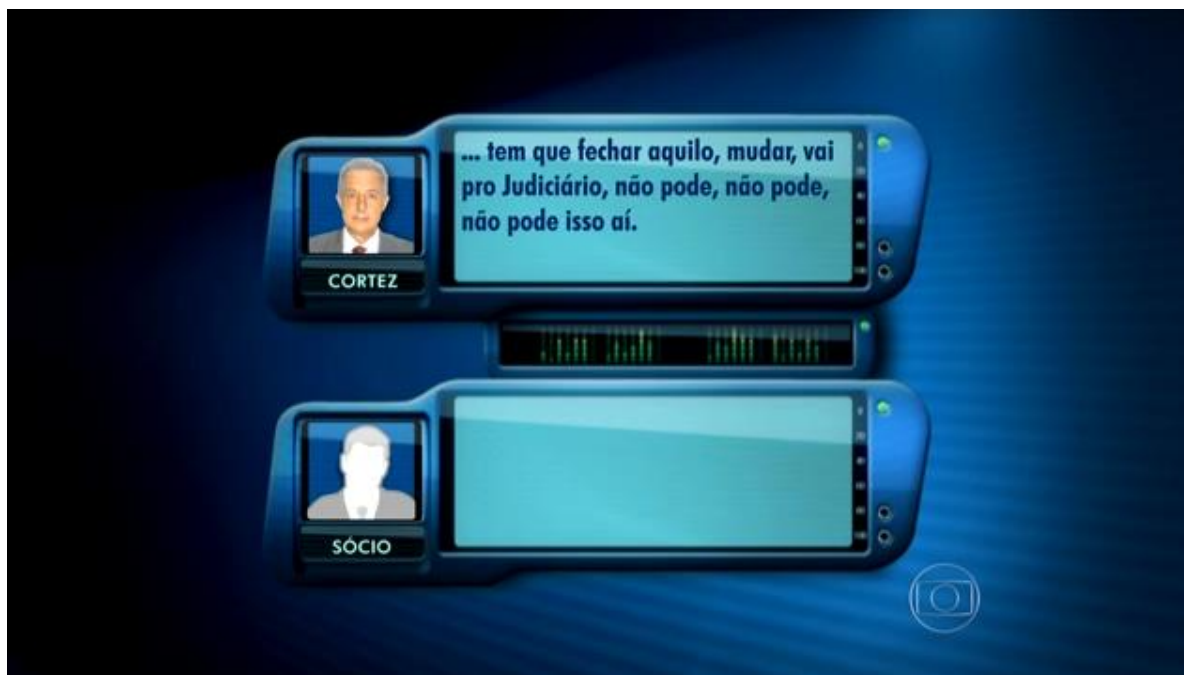


Figura 33: Arte de matéria sobre a Operação Lava- Jato antes da mudança do telejornal

Fonte: Reprodução/ TV Globo

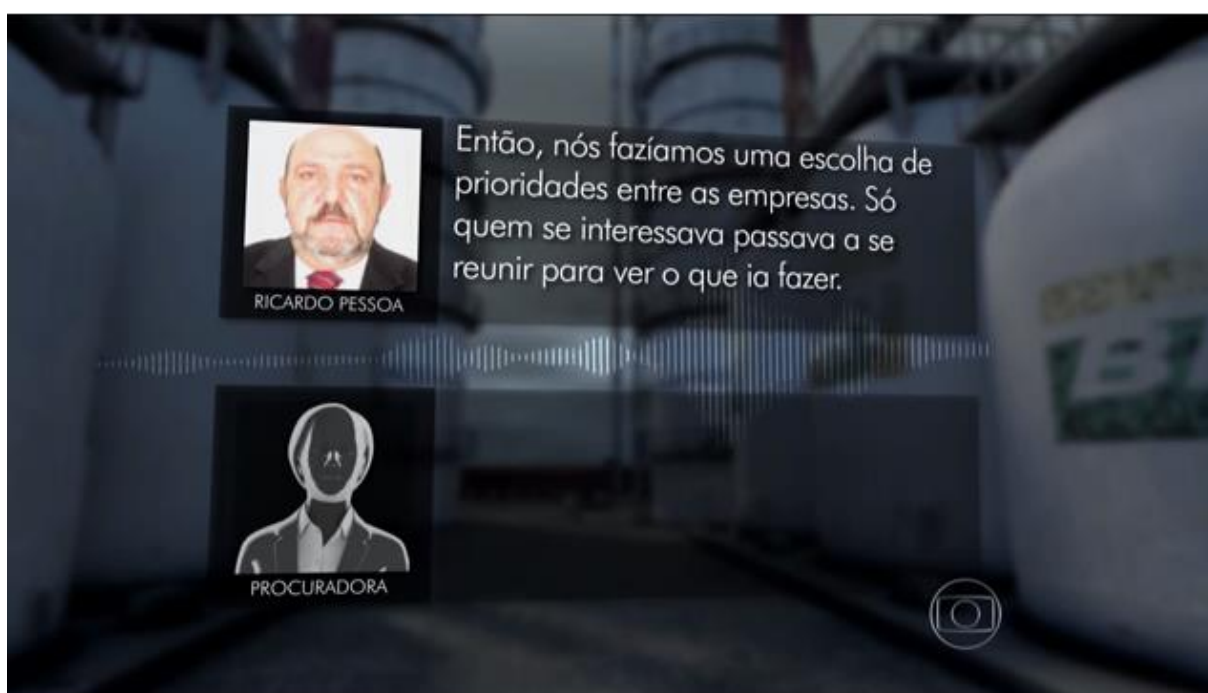


Figura 34: Arte de matéria sobre a Operação Lava- Jato depois da mudança do telejornal

Fonte: Reprodução/TV Globo

O telejornal ainda alterou a logotipo. A marca, que ficou um pouco menor, recebeu um tom de azul mais escuro, e ganhou um fundo com o desenho do mapa-múndi. Além disso, percebe-se que, no novo formato do noticiário, ela não está mais em três dimensões. Como

podemos ver a seguir, isso influenciou, também, na maneira como os personagens e fontes das reportagens são creditados e na passagem de bloco.



Figura 35: Logotipo do Jornal Nacional antes da mudança

Fonte: Reprodução/ TV Globo



Figura 36: Logotipo do Jornal Nacional antes da mudança

Fonte: Reprodução/ TV Globo



Figura 37: Personagem creditado no Jornal Nacional antes da mudança

Fonte: Reprodução/ TV Globo



Figura 38: Personagem creditado no Jornal Nacional antes da mudança

Fonte: Reprodução/ TV Globo



Figura 39: Passagem de bloco do Jornal Nacional antes da mudança

Fonte: Reprodução/ TV Globo



Figura 40: Passagem de bloco do Jornal Nacional depois da mudança

Fonte: Reprodução/ TV Globo

5.4. Forma de apresentar

Pela primeira vez, foi possível ver um âncora do Jornal Nacional de corpo inteiro. Durante anos, especulou-se que William Bonner comandava o telejornal de bermuda, o que é mentira ou um folclore corrente desde os primeiros apresentadores do jornal. “O Bonner eu sempre vi apresentando de terno completo”, afirmou Fernando Castro. No novo formato, o âncora e Renata Vasconcellos estão mais soltos e com liberdade para caminhar pelo cenário. Os apresentadores se levantam para ir até o telão, através do qual falam com Maria Júlia Coutinho, na previsão do tempo, e com os repórteres, nos links.



Figura 41: William Bonner caminhando pelo cenário do Jornal Nacional

Fonte: Reprodução/TV Globo



Figura 42: Renata Vasconcellos caminhando pelo cenário do Jornal Nacional

Fonte: Reprodução/TV Globo

A informalidade do telejornal permitiu a inserção de comentários pessoais dos âncoras. No dia 4 de setembro, ao fim do mapa-tempo, William Bonner disse, rindo: “*Ainda outro dia a Maju chamou Cuiabá, de Cuiabrasa. Aí tá explicado o porquê, né?*”. Em 17 de setembro, ao fim de uma reportagem sobre a morte do diretor de cinema e tevê Carlos Manga, William Bonner deu um depoimento pessoal.

Bom, essa notícia triste nos surpreendeu um pouquinho antes de começar o Jornal Nacional. Então obviamente nós nem tivemos tempo de ouvir colegas, gente do cinema, da televisão, que falasse sobre o Carlos Manga. Mas então eu quero aproveitar aqui pra fazer só uma observação rápida. Eu tive a felicidade, no início dos anos 1990, logo que vim morar no Rio de Janeiro, de conhecer Carlos Manga, pude frequentar a casa dele por algumas vezes com amigos, como Fausto Silva, Zico, jogador de futebol, frequentamos a casa do Manga e conhecemos um Manga que o público talvez não tivesse como conhecer que era um Manga que adorava cozinhar. Ele fazia isso com um grande prazer, recebia amigos e era uma pessoa que tinha uma outra característica muito forte: ele gostava muito de falar alto, e de rir muito alto gargalhada do Carlos Manga ecoava pela casa, por onde quer que estivesse, num restaurante. Então vamos guardar dele também a imagem de alguém que era uma pessoa muito alegre, muito feliz e que sabia viver a vida.⁸⁷

Renata prosseguiu falando do amor de Manga pela profissão: “*Como a gente viu, um apaixonado por cinema e televisão*”. E Bonner encerrou: “*Como sempre foi a vida inteira*”. Outra mostra da nova fase poder ser percebida na edição do dia 18 de setembro, em um link do repórter Mário Bonella, do Espírito Santo. A pauta era sobre um pedreiro que superou dificuldades e conseguiu se formar em Direito. Antes de se dirigir até o telão para conversar com o jornalista, William Bonner fez a seguinte introdução:

E aquele tipo de situação que faz a gente manter a esperança na humanidade. Aliás, isso é uma das coisas boas da nossa profissão, a profissão de jornalista. Porque de vez em quando a gente conhece pessoas que têm essa capacidade de inspirar os outros e eu to dizendo isso porque lá no Espírito Santo, o nosso colega, Mário Bonella teve uma experiência dessas e ele vai dividir com a gente agora. O Mário Bonella *ta* em Vila Velha, ele vai levar uns quatro segundo pra escutar o meu ‘boa noite’ e a minha pergunta. Mário, boa noite, pra você, conta pra gente quem que você quer apresentar ao Brasil.⁸⁸

Após o link, o âncora do Jornal Nacional fez um comentário, citando, inclusive, a esposa, Fátima Bernardes.

⁸⁷Depoimento pode ser conferido em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/morre-no-rio-de-janeiro-o-diretor-carlos-manga/4475531/> Acesso em 16/11/15

⁸⁸Depoimento pode ser conferido em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/pedreiro-junta-r-55-mil-supera-dificuldades-e-se-forma-em-direito/4478333/> Acesso em 16/11/15

Pra não ter confusão quando eu chegar em casa, eu tenho que dizer que o Seu Joaquim apareceu no Encontro com Fátima Bernardes aqui na Globo. Foi em dezembro do ano passado, eu me lembro bem, porque tinha um colega, aqui de redação, vendo a reportagem comigo. Ele entrou pedalando lá no palco do programa e alguém disse assim: ‘poxa que legal se o Seu Joaquim conseguir mesmo tirar esse diploma, conseguir esse diploma’. O Mário tá mostrando pra gente. Hoje é o dia do diploma.⁸⁹

Antes da mudança de formato, os apresentadores limitavam-se a ler as introduções das matérias, mais conhecidas como cabeças. Para a repórter Zileide Silva, essa é uma forma de manter o público mais perto. “As pessoas adoram. Eu acho que isso aproxima muito, tira do pedestal. É quase que um companheiro nosso, conversando e contando o que aconteceu no dia. Acho que isso aproxima bem mais do telespectador”. O editor-chefe adjunto, Fernando Castro, ressalta o sucesso dos comentários, mas adverte que eles são feitos na medida certa.

Essas brincadeirinhas são bem-vindas quando o dia permite e tem feito muito sucesso dentro, claro, de um limite. Você vê que não é o tempo todo. O Bonner não fica o tempo todo dentro do jornal fazendo brincadeirinha. A gente também trata de muitos assuntos sérios. Se em um determinado dia, a chuva provocou estragos, não cabe brincadeirinha naquele dia. É um termômetro que a gente vai medindo diariamente, não tem uma fórmula, não existe um jeito.

As chamadas das reportagens também adotaram uma linguagem mais coloquial e popular. Em uma matéria de economia sobre a queda do preço de imóveis, do repórter José Roberto Burnier, exibida em 3 de setembro, William Bonner fez a seguinte introdução:

*Sabe aquela história do copo com água pela metade que um sujeito olha e diz que *ta* meio cheio, o outro olha e diz que *ta* meio vazio? A notícia que abre essa edição do Jornal Nacional pode ser vista de um jeito positivo e de um jeito negativo. Em agosto, pela primeira vez em sete anos, caiu o preço médio dos imóveis à venda nas 20 maiores cidades brasileiras. É uma espécie de efeito colateral positivo da crise econômica.*

Outra característica do novo formato é o aumento da participação dos dois âncoras no telejornal. “Os dois apresentadores estão o tempo todo participando do jornal. É uma coisa que muita gente pode até não perceber em casa (...)”, afirma Castro. Ele explica que mesmo quando William Bonner, por exemplo, não está lendo uma matéria, ele está enquadrado, aparecendo para o telespectador. Isso faz com que os apresentadores interajam mais entre si “É muito maior a quantidade de vezes em que os apresentadores aparecem juntos, tem muito mais do que antes”.

A escalada, que são as manchetes do telejornal, também passou por mudança. Nas escaladas do mês de abril, os âncoras já começavam noticiando os destaques do dia. Eles apareciam alternadamente, em plano fechado, e só davam o “boa noite” no início do Jornal Nacio-

⁸⁹ Depoimento pode ser conferido em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/pedreiro-junta-r-55-mil-supera-dificuldades-e-se-forma-em-direito/4478333/> Acesso em 16/11/15

nal. Na nova fase, primeiro, os apresentadores aparecem juntos na bancada, dão o “boa noite”, fazem uma espécie de introdução e, só depois, iniciam a escalada, na qual também aparecem em plano fechado. Seguem alguns exemplos da escalada atual:

Em 2 de setembro:

Renato Vasconcellos: – *Olá, boa noite.*

William Bonner: – *Boa noite.*

Renata Vasconcellos: – *Boa noite. Aqui estão os principais fatos da quarta-feira.*

Renata Vasconcellos: – *O Jornal Nacional vai mostrar a partir de agora.*

Em 3 de setembro:

William Bonner: – *Boa noite.*

Renata Vasconcellos: – *Boa noite.*

William Bonner: – *São estes os destaques da quinta-feira no Jornal Nacional.*

Em 11 de setembro:

Renata Vasconcellos: – *Boa noite.*

William Bonner: – *Boa noite.*

Renata Vasconcellos: – *Vamos aos destaques da sexta-feira.*

5.5. Cenário

Quando o Jornal Nacional estreou, a televisão ainda era preto e branco e o cenário do telejornal era composto apenas pela antiga logomarca da Globo. Com a chegada da cor na televisão brasileira, em 1972, o cenário do *JN* ganhou cara nova. Pela primeira vez, apareceu o mapa-múndi ao lado da logomarca do telejornal.⁹⁰

Em 1979, Boni realizou um concurso entre cenógrafos e designers da TV Globo, “com o objetivo de criar um novo visual para o Jornal Nacional”. Hans Donner, que até então só

⁹⁰Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/primeiros-anos.htm> Acesso em 18/11/15

havia trabalhado com aberturas e vinhetas, venceu. “Minha inspiração para criar o cenário do Jornal Nacional foi resultado da fascinação que tenho por espaço. Dar a ilusão de uma grande dimensão sempre fascinou” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.92). O primeiro cenário que o designer criou ficou no ar por apenas dois anos.

O cenário criado por Hans Donner trazia as letras do selo “JN” em perspectiva ao fundo. Foi acrescentada mais uma parede, com dois monitores de cada lado, o que possibilitou o jogo de câmeras e maior movimentação dos apresentadores. No cenário antigo, criado por Mário Monteiro, atrás da bancada havia apenas uma tapadeira, com o logo do Jornal Nacional, o que não permitia variações de enquadramento. (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.92)

O enquadramento dos locutores nessa época passou do close para o plano americano (que mostra a imagem do apresentador até a cintura). Em 1981, de novo sob a responsabilidade de Hans Donner, o cenário sofreu outra alteração: uma nova bancada foi criada, e , “ao fundo um mapa-múndi em relevo passou a fazer parte do cenário”. O logo do Jornal Nacional também mudou, e deixou de ter a marca da Rede Globo integrada às letras “JN”. Três anos depois, o cenário ganhou telas ao fundo, que permitiam a exibição de imagens relacionadas à reportagem chamada pelo âncora. Além disso, as cores vermelho e azul foram incorporadas ao cinza. “Naquela fase, a bancada parecia estar dentro de um globo, com diversos quadros que mostravam ora *takes* da vinheta, ou um selo que ilustrasse o assunto em questão” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.96).

A partir de maio de 1989, o Jornal Nacional passou a ter dois cenários. O fixo, criado por Hans Donner, era formado por uma bancada de acrílico iluminada por luz neon vermelha. Já o móvel era composto por desenhos feitos em um computador gráfico, com imagens diferentes para cada matéria. No cenário de abertura, o fundo em tons de azul, com o símbolo da emissora, foi encurvado para dar impressão de profundidade. Em 1996, a troca de apresentadores coincidiu com a mudança do cenário do telejornal, que manteve a estética de Hans Donner. O azul foi mantido e logos do JN passaram a ser sustentados por um fio quase imperceptível, antes eles eram bidimensionais.

No dia 26 de abril de 2000, quando a emissora comemorava seus 35 anos, o Jornal Nacional sofreu uma reformulação completa. O cenário deixou o estúdio para ser apresentado de dentro da redação. Já a bancada dos âncoras foi transferida para um mezanino, “construído em uma das extremidades da redação, a três metros e meio de altura do chão”. Na abertura, “uma grua passou a mostrar as atividades da redação, passeando, lentamente, no sentido da bancada” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.293).

Em 2005, a bancada dos apresentadores foi trocada por uma um pouco mais alta. Mais tarde, em 31 de agosto de 2009, houve outra reforma para celebrar os 40 anos do telejornal. Desta vez, o globo terrestre, acima da redação de jornalismo, ganhou movimento, e os apresentadores ganharam uma bancada ergonômica. Também foi instalado um telão para mostrar imagens e ilustrações complementares às reportagens do JN.⁹¹

Segundo Fernando Castro, as mudanças de cenários do JN fazem parte da evolução natural da TV Globo. “A Rede Globo sempre vai tentar se inovar. Uma televisão nunca pode ficar estática, ela vai mudando. Quando a gente mudou o cenário, já estava meio que na época de mudar mesmo”. Ele ainda afirmou que a alteração já estava programada. “De tempos em tempos a gente muda mesmo o cenário. Acontece, é normal”.

O cenário exibido desde 27 de abril deste ano, quando houve a transição de formato, apresenta um telão maior que o anterior, no fundo da redação, onde são mostradas imagens em alta resolução. A bancada era branca e azul, e passou a ser cinza. Um pouco menor que a anterior, a atual é mais moderna, com tampo de acrílico transparente. O famoso globo terrestre em movimento foi retirado, juntamente com as letras “JN” que flutuavam nas laterais, atrás dos apresentadores. Agora, elas aparecem apenas no telão, ao fundo da redação. Outra novidade foi a presença de placas laterais, que mudam de cor conforme a situação, ampliando a profundidade do cenário. Além disso, as vigas que cruzam o teto abandonaram o azul claro e ganharam a cor cinza.



⁹¹ Informações encontradas em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/redacao-como-cenario.htm> Acesso em 18/11/15

Figura 43: Bancada do Jornal Nacional antes da mudança de abril

Fonte: Reprodução/ TV Globo



Figura 44: Bancada do Jornal Nacional depois da mudança de abril

Fonte: Reprodução/TV Globo

O espaço ficou mais amplo também, garantindo mobilidade e permitindo que os âncoras circulem livremente pelo estúdio. Usado para as conversas interativas na previsão do tempo e nos links, o novo telão é um dos personagens principais nessa nova fase do Jornal Nacional.



Figura 45: William Bonner e Renata Vasconcellos conversam com os repórteres pelo novo telão

Fonte: Estevam Avellar/TV Globo

O editor-chefe adjunto do telejornal explica que o cenário anterior era “engessado”. Segundo ele, o atual é um componente que facilita a informalidade.

Essa mudança de cenário em que os apresentadores são mostrados e você tem a caminhada, tem o apresentador aparecendo inteiro na tela e tem a entrevista ao vivo, em que você tem aquele efeito que parece que está perto da pessoa que está no vivo. E isso também ajudou, o formato ajudou nessa informalidade.

O movimento de câmera ganhou mais liberdade. “Agora as câmeras são muito mais soltas, a gente não tem mais trilhos, por exemplo. Os cinegrafistas do estúdio ficam soltos e tem infinitas possibilidades de movimentação de câmera”, afirma. Antes, era tudo muito restrito, na nova fase, o Jornal Nacional passou a ter uma câmera a mais—agora são quatro –, que fica solta no ombro do cinegrafista. Isso, de acordo com Castro, permite agilidade ao jornal. De fato, percebe-se que os apresentadores são mostrados em novos ângulos. Podemos ver William Bonner e Renata Vasconcellos de perto, o que ainda permite ver mais da redação, ao fundo. Antes, só era possível ver os jornalistas de frente.



Figura 46: Na nova fase, os apresentadores aparecem em ângulos diferentes

Foto: Reprodução/TV Globo



Figura 47: Na nova fase, os apresentadores aparecem em ângulos diferentes

Foto: Reprodução/TV Globo



Figura 48: Na nova fase, os apresentadores aparecem em ângulos diferentes

Foto: Reprodução/TV Globo



Figura 49: Na nova fase, os apresentadores aparecem em ângulos diferentes

Foto: Reprodução/ TV Globo

De acordo com Fernando Castro, antes “era um cenário que você tinha corte para um, corte para outro, uma câmera aberta e os dois apareciam”. Agora, há mais zoom, alternados com plano aberto. Tudo isso, explica Castro, foi testado anteriormente: “A gente fez diversos pilotos para chegar até uma forma que ficasse legal, que ficasse bacana no ar, nessa forma que a gente chegou agora”. Ele ainda explica que, para alcançar o formato atual, os cinegrafistas tiveram que passar por uma espécie de treinamento, algo normal em um processo como este. “Coisa operacional de você fazer adaptação para que o novo formato possibilite essa informalidade que surgiu com o novo JN”.

5.6. Repórteres

É possível perceber o aumento da quantidade de repórteres que fazem reportagens para o Jornal Nacional. As maiores praças ganharam novos nomes, como Danilo Vieira e Felipe Santana, no Rio de Janeiro, e Patrícia Falcowski, Natália Ariede e Pheliepe Siani, em São Paulo. Apesar de ter sido promovido ao telejornal no início de abril, antes da mudança, Siani é considerado um modelo da “era” informal do JN. Esses repórteres têm em comum o fato de serem jovens – todos estão na faixa dos 30 anos –, e apresentarem matérias com uma postura informal, descontraída e popular.

Segundo Fernando Castro, eles já eram da TV Globo. “Os rostos novos já eram da casa, mas com essa mudança para fazer um jornal que traga informação de uma forma mais objetiva e, em determinados casos de uma forma mais leve, surgiram novos talentos”. Ele afirma que os novos profissionais “têm feito muito sucesso”, mas ressalta que o telejornal sempre reciclou o quadro de funcionários. “Não é exatamente uma novidade, mas é engraçado que está chamando mais atenção. Eu vejo que as pessoas estão encantadas”.

Castro afirma que os novos repórteres apenas souberam aproveitar o espaço que o JN concedeu a essa nova linguagem. Nos telejornais analisados em setembro, nota-se que há um maior uso da linguagem oral. Em 1º de setembro, Felipe Santana usou expressões como “meu amigo” e “colar” em uma reportagem sobre a demora na entrega de eletrodomésticos. Começava da seguinte maneira:

O único crime que você cometeu foi comprar um eletrodoméstico. A pena a que te submeteram: ficar preso em casa, esperando a entrega. E quem garante que vai chegar? Nessa hora, não é assim que você se sente? Todos nós, meu amigo. Todos nós”.

A seguir, ele diz que era difícil “essa história *colar* no trabalho”. Mais tarde, no dia 5, durante uma passagem, ele chamava a reportagem de “a ameaça zumbi”. No dia 12, falando sobre a festa que comemorava a imigração japonesa no Brasil, Patrícia Falcoski diz que “tava tudo junto e misturado”. Alguns dias depois, em 18 de setembro, Danilo Vieira iniciou uma matéria sobre o Rock in Rio da seguinte maneira: “Por mais que *teja* pronta, não adianta...”. Na passagem, ele fala que “o *negócio vai ferver*”. Expressões como “ce” “né”, “tá”, “pra”, “pro” estão cada vez mais frequentes, o que mostra que os textos dos repórteres estão mais simples e coloquiais. De acordo com Fernando Castro, para se adaptarem ao novo JN, os jornalistas tiveram aulas de português. “Não foi bem um treinamento, mas para tentar exatamente fazer essa transformação, para tentar trazer a língua do Jornal Nacional o mais parecida possível com a língua falada, o mais próximo da oralidade”. No entanto, ele salienta que há limites. “Não podemos colocar no ar erros de português, da mesma forma que também não podemos colocar erros de informação”.

Também é nítido o número maior de repórteres das afiliadas no telejornal. Apenas a título de informação, comparamos duas sextas-feiras, uma antes e outra depois da mudança. Em 17 de abril, aparecem dois jornalistas que não pertencem às emissoras próprias: Paulo Gonçalves, em Campinas, São Paulo; e Alessandro Torres, em Itaitinga, Ceará. Já no dia 18 de setembro, são mostradas matérias de três repórteres de afiliadas: Jonas Campos, em Novo

Hamburgo, Rio Grande do Sul; Thiago Ariosi, em Sorocaba, São Paulo; e Carla Suzane-, em Nossa Senhora da Glória, Sergipe. Esta última, inclusive, inova em reportagem sobre sertanejos que fazem a previsão usando sinais da natureza. Ao fazer a passagem, ela canta O Xote dos apaixonados, música do cantor Luiz Gonzaga. Uma mostra de que a nova linguagem do telejornal está se espalhando. “A gente tem notado isso e tem ficado bem feliz, porque tem uma tentativa muito grande de todos os repórteres de contar histórias de um jeito mais saboroso”, afirma Castro.

Por fim, o editor-chefe adjunto afirma que todos os repórteres adoraram essa informalidade, pois ela só tende a ajudar. “É mais fácil para um repórter escrever de uma forma informal do que contar do jeito que era contava antes”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apresentado, ao longo de sua história o *Jornal Nacional* passou por diferentes processos de atualização. No entanto, em abril deste ano, em comemoração aos 50 anos da TV Globo, o noticioso sofreu a mais significativa das mudanças ocorridas até hoje. Até então, nunca havia sido possível ver um apresentador de corpo inteiro. A previsão do tempo, gravada desde seu surgimento em 1991, não envolvia a menor interação com os âncoras. O telejornal era sisudo e mais distante do telespectador.

A partir da análise qualitativa do telejornais, tendo como base a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, percebemos que, em tempos de internet, serviço de *streaming*, TV a cabo e novas tecnologias que disseminam cada vez de forma mais abrangente produtos diversos de comunicação, o telejornal está mais preocupado com o público. Ao adotar uma linguagem mais próxima da falada, usando termos como “*tá*”, “*pra*”, “*ce*”, rindo, e fazendo algumas brincadeiras, o *Jornal Nacional* se aproxima do telespectador, que passa a ver mais no âncora a figura de uma pessoa comum.

Agora ao vivo e com o carisma e simpatia de Maria Júlia Coutinho, o mapa-tempo tornou-se mais atraente. O uso de expressões utilizadas no dia a dia deixa o quadro menos técnico, prendendo a atenção do público. A informalidade deu cara nova ao telejornal, no entanto, é preciso usá-la medida certa, tarefa difícil, segundo o editor-chefe adjunto do *Jornal Nacional*, Fernando Castro.

Não podemos passar de certos limites. É muito difícil você achar essa equação. Era mais fácil para a gente fazer como era antes, uma coisa mais engessada. Hoje em dia é mais livre, mas o problema é que você pode fazer uma piadinha, uma brincadeirinha, e às vezes pode passar do limite, ficar um pouco exagerado.

Castro lembra que, se a missão de contar “as coisas de um jeito mais atraente” é um desafio diário, achar o tom certo é complicado.

Por isso que acho difícil usar a palavra informalidade. É um jornal mais informal, mas a gente também não vai cometer erros grosseiros de português, que aí tem um limite. Onde é que começa e termina a informalidade? A gente também não pode colocar no ar coisas que são gramaticalmente erradas. Existem muitas formas, muitos gramáticos que permitem certas construções, que a gente usa de vez em quando.

Embora já com mais de meio ano no ar, podemos dizer que o novo *Jornal Nacional* ainda está em fase de adaptação. A busca por limites deve ser constante. É preciso descobrir até que ponto é aceitável uma brincadeirinha ou um relato pessoal. O dia-a-dia é um trabalho persistente em busca da linguagem certa, para que, no fim das contas, a notícia, obra-prima do

jornalismo, não seja prejudicada. É por isso mesmo que as discussões para novas mudanças continuam. O novo *Jornal Nacional* é apenas uma etapa de uma modificação mais abrangente, segredo guardado a sete chaves, como admitem os dirigentes da Globo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BONNER, William. **Jornal Nacional: Modo de fazer**. Rio de Janeiro: Globo livros, 2009

COSTA PEREIRA JUNIOR, Luiz. **A vida como a TV: o poder da televisão no cotidiano**. São Paulo: Senac, 2002

DE MENDONÇA JORGE, Thaïs. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. Editora Contexto, 2008.

HERTZ DANIEL. **A História Secreta da Rede Globo**. Porto Alegre : Tchê, 1987

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: 2002, EDUFBA.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac: 2000

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política**. 2. ed. Petrópolis:Vozes, 2002.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na tv: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PROJETO MEMÓRIA DAS ORGANIZAÇÕES GLOBO (BRAZIL). **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Jorge Zahar Editor, 2004.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; ROXO, Marcelo; SACRAMENTO, Igor. **História da televisão no Brasil**. Rio de Janeiro: Contexto, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

VAMPRÉ, Octávio Augusto. **Raízes e evolução do rádio e da televisão**. Porto Alegre: Gráfica, 1979.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1985

FONTES ELETRÔNICAS E *SITES* PESQUISADOS

História da Televisão Brasileira

RIBEIRO DO AMORIM, Edgard. História da TV Brasileira. São Paulo, 2008. Disponível em <http://www.centrocultural.sp.gov.br/cadernos/lightbox/lightbox/pdfs/Historia%20da%20TV%20brasileira.pdf> Acesso em 26/10/2015.

LEAL, Plínio Marcos Volponi. Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil. Fortaleza, 2009. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Um%20olhar%20historico%20na%20formacao%20e%20sedimentacao%20da%20TV%20no%20Brasil.pdf> Acesso em 29/10/2015

TV Digital no Brasil

<<http://www.dtv.org.br/>> Acesso em 30/10/15

História da TV Globo

<<http://www.robortomarinho.com.br/obra/tv-globo.htm>> Acesso em 26/10/2015

<http://redeglobo.globo.com/Portal/institucional/foldereletronico/g_globo_brasil.html> Acesso em 26/10/2015

Biografia de Roberto Marinho

<<http://memoria.oglobo.globo.com/perfis-e-depoimentos/roberto-marinho-9055075>> Acesso em 26/10/2015

Caso Time-Life

<<http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/caso-time-life.htm>> Acesso em 10/11/15

Histórico do Jornal Nacional

<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional.htm>>

Acesso em 08/11/15

História do Jornal de Vanguarda

<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-de-vanguarda.htm>>

Acesso em 1/11/15

Histórico do Tele Globo

<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/tele-globo.htm>> Acesso

em 1/11/15

Entrevista Maria Júlia Coutinho

<[http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/05/eu-me-comporto-igual-no-ar-e-fora-do-ar-diz-](http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/05/eu-me-comporto-igual-no-ar-e-fora-do-ar-diz-maria-julia-coutinho.html)

[maria-julia-coutinho.html](http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/05/eu-me-comporto-igual-no-ar-e-fora-do-ar-diz-maria-julia-coutinho.html)> Acesso em 15/11/15

ANEXOS

ENTREVISTA FERNANDO CASTRO (EDITOR- CHEFE ADJUNTO DO JN)

A gente pode dizer que teve, de fato, uma mudança no Jornal Nacional?

Com certeza

O que é isso?

Seguinte: o Jornal Nacional teve uma mudança muito grande nesse ano com, vamos dizer, um novo cenário, uma mudança de formato. O Jornal Nacional obviamente teve uma mudança grande nesse ano que foi a mudança do formato, do cenário. Junto com essa mudança do formato, o que a gente fez e a gente está fazendo e é um desafio nosso diário fazer isso todo dia, houve, sim, uma mudança da, vamos dizer, linguagem, da forma como a gente apresenta o nosso conteúdo. Então, você pode talvez dizer que houve uma mudança para que o jornal fique mais informal do que ele era antes. Isso é inegável, a gente vê nas conversas que o Bonner tem agora com a Maria Júlia Coutinho, por exemplo. Você tem uma informalidade maior. Só que essa informalidade ela não é 100%. O Jornal Nacional continua sendo um produto jornalístico. Ele tem uma missão que é a missão de informar, de dizer aquilo de mais importante que aconteceu no Brasil e no mundo naquele determinado dia. Então essa informalidade, ela poderia talvez ser traduzida como, vamos dizer o seguinte: uma oralidade talvez, porque a linguagem de televisão sempre foi muito distante do público. Antigamente quando você assistia televisão, você tinha uma linguagem que era muito formal. Em alguns países, você tem ainda uma linguagem muito formal. A gente está tentando trazer o Jornal Nacional cada vez mais perto do telespectador para que a linguagem que ele tem, quer dizer, que a gente coloca no ar todo dia seja realmente o mais perto possível daquela linguagem que você tem em casa. Mas sem abandonar todas as nossas preocupações editoriais, jornalísticas, de informar com a correção, de não cometer erros, de contar sempre as histórias com exatidão, com correção, com equilíbrio; isso tudo continua. Então, a informalidade não pode ser exagerada. Não dá para dizer “Ah o Jornal Nacional ficou informal”. Não. Não virou. O Jornal Nacional não virou uma conversa de bar. Informal é o que você tem em uma conversa de bar. Você pode dizer que houve uma mudança na linguagem. Obviamente que nesse ano, quando você vê a mudança do cenário e você vê o William Bonner conversando de uma forma mais informal

com a Maju, você vê as introduções das matérias e também todo o cenário, os apresentadores aparecem andando no cenário do JN, você enxerga essa informalidade de uma forma, vamos dizer, mais nítida do que você poderia enxergar antes. Mas a verdade é que essa perda da formalidade já vem acontecendo há muito tempo. Se você for no *Youtube*, por exemplo, e pegar uma cabeça (apresentação da matéria) do Cid Moreira, dos anos 1980, e você pega uma cabeça do Jornal Nacional antes da mudança do cenário, você já vê uma diferença enorme. Antigamente, por exemplo, no Cid Moreira, quando tinha um acidente de avião, a gente dizia, mesmo às oito e meia da noite: “Um avião cai na Indonésia. Mais de 100 pessoas morrem na tragédia”. Era tudo no presente. Depois a gente foi mudando, essa linguagem foi ficando mais informal, a gente foi trazendo essa linguagem para o passado. Por exemplo, hoje em dia, quando a gente conta uma notícia de noite, a gente não conta: “Um avião cai na Indonésia”. A gente fala: “Hoje um avião caiu na Indonésia. Mais de cem pessoas morreram nesse acidente”. Isso é mudança que já vinha antes do cenário novo. Então, na verdade, quando você pega o cenário novo... ele foi um ponto de virada, mas ele meio que trouxe uma mudança que já vinha acontecendo desde muito tempo.

Mas o que levou a isso? Ter uma mudança maior neste ano?

Eu acho que foi uma vontade de aproximação com o público, uma vontade de trazer, vamos dizer, a língua, a linguagem da televisão, do jornalismo, da escrita. O jornalismo quando começou na televisão não havia televisão. Quando a tevê Globo começou e o Jornal Nacional começou em 1969, você não tinha televisão. As pessoas que foram chamadas para fazer o Jornal Nacional eram pessoas do jornal (impresso). Essas pessoas trouxeram a linguagem escrita. Ao longo dessas décadas todas, hoje são quatro décadas e meia, são 46 anos de Jornal Nacional, houve uma evolução da linguagem escrita, quer dizer, dos profissionais que faziam o primeiro Jornal Nacional para trazer para a linguagem falada. Então, é uma evolução normal que a tevê foi tendo, não só aqui, mas no mundo inteiro. É uma evolução natural de você tentar fazer com que as coisas sejam mais informais. Mas também é perigoso você usar a palavra “informalidade”, porque, como eu já disse, não é uma conversa de bar. Você não pode chegar e falar qualquer coisa, como você falaria em uma conversa com os seus amigos, porque você tem que pensar que você está em um jornal que ainda é uma fonte de informação importantíssima para uma parcela enorme da população e essa fonte de informação precisa ser equilibrada. Então a informalidade tem que ter um limite. Porque quando você é informal, você corre o

risco até de ofender alguém. Então não pode ser informal demais. Esse limite, o quanto que você faz, é exatamente o que a gente está fazendo agora. A gente está tentando ser o mais natural possível para que a gente introduza os assuntos, a gente dê as notícias, a gente forneça as informações de uma forma mais natural possível. Até acho que a palavra “natural” seja até melhor do que a palavra “informal” e é um desafio diário nosso.

Vocês chegaram a fazer pesquisas qualitativas e quantitativas para chegar ao formato atual?

Não. Eu não sei dizer se houve uma pesquisa formal, um instituto contratado para que a mudança seja feita. Eu sei que provavelmente pesquisas foram feitas no passado já, mas não sei dizer se houve uma pesquisa especificamente para a mudança no Jornal Nacional. Isso eu não sei. Eu sei que ao longo dos anos, a TV Globo sempre fez muitas pesquisas, mas a gente tem hoje em dia um feedback muito grande das redes sociais: do *twitter*, do facebook. A gente está antenado. O próprio William Bonner já mostrou que, durante o Jornal Nacional, ele sabe o que as pessoas estão comentando, o que estão falando. Isso é um retorno que a gente tem muito grande. A internet aumentou a velocidade desse retorno. Antigamente, na TV Globo, antes de você ter internet, antes de ter celular, as pessoas ligavam pra cá, falavam com a central de atendimento, os relatórios eram elaborados. Existia uma demora muito maior para a gente saber o que o público achava do que a gente estava colocando no ar. Hoje em dia é instantâneo, a gente sabe na hora, por exemplo, quando a gente comete um erro. Outro dia a gente errou um mapa, por exemplo, na hora você sabe que a gente errou o mapa e na hora a gente corrige. Todo erro que a gente comete, a gente corrige na hora. Então a gente sabe o que as pessoas estão pensando da gente com uma rapidez muito maior do que a gente sabia antes. Isso por conta dos novos meios de comunicação.

Essa mudança maior que teve no começo deste ano começou a ser planejada quando?

Esse projeto do novo JN é um projeto do William Bonner com a direção toda envolvida e é projeto que já estava sendo pensado há pelo menos... há mais de um ano; antes do início. Fazia mais de um ano que o projeto começou a ser pensado. Foram feitos vários estudos, vários departamentos foram envolvidos, porque a mudança foi completa. A gente antigamente tinha um tipo de jornal e essa foi a maior mudança do Jornal Nacional. Foi essa mudança de cenário em que os apresentadores são mostrados e você tem a caminhada, você tem o apresentador

aparecendo inteiro na tela e você tem a entrevista ao vivo em que você tem aquele efeito que parece que está perto da pessoa que está no vivo. E isso também ajudou, o formato ajudou nessa informalidade. Antigamente a gente chamava um repórter para falar ao vivo, esse repórter aparecia na tela de uma hora para outra. Agora a gente chama a Zileide, a gente tem um efeito que parece que a Zileide está do nosso lado. Então isso ajudou nessa “informalidade” do Jornal Nacional.

E você sabe dizer o que exatamente mudou em termos de cenário, posicionamento de câmera, movimento?

Mudou absolutamente tudo. Toda a parte, vamos dizer, logística, da operação do Jornal Nacional mudou, porque antes a gente tinha um número determinado de câmeras e essas câmeras faziam movimentos muito restritos. E houve mudanças ao longo de quatro décadas, mas essas mudanças mantiveram o formato que foi idealizado para o Jornal Nacional talvez na década de 1980, ou antes. Agora as câmeras são muito mais soltas, a gente não tem mais trilhos, por exemplo. Os cinegrafistas do estúdio ficam soltos. Você tem infinitas possibilidades de movimentação de câmera.

São câmeras diferentes?

A gente tem uma câmera diferente, que é uma câmera que fica inteiramente solta no ombro de um cinegrafista que, aliás, ele é ótimo. Isso dá uma dimensão, uma agilidade para o jornal. Isso também ajuda na informalidade, porque você tem uma câmera que faz até um movimento. Às vezes, você nota em casa que a câmera não está em um tripé. E a gente também, a gente tem zoom, vem para cá, vai para lá, e isso a gente mudou muito. Então isso tudo foi pensando também. A gente fez diversos pilotos para chegar até uma forma que ficasse legal, que ficasse bacana no ar, nessa forma que a gente chegou agora.

E os âncoras tiveram que mudar roupa, maquiagem?

Não. Sempre houve esse mito de que o apresentador da JN apresentava de bermuda e isso é mentira. Nunca vi. O Bonner eu sempre vi apresentando de terno completo. Não teve uma mudança de roupa. De maquiagem eu não sei dizer. Acho que não. Ficou parecido. Primeiro que agora a gente tem a televisão em HD, que está muito mais presente nas casas e tem um

movimento de câmera que a gente mostra a pessoa mais de perto do que a gente mostrava antes. Mas não se se isso implicou em alguma coisa. Acho que não. Continua igual.

E a mudança no modo de atuar dos âncoras?

Isso mudou bastante. Antigamente você tinha um cenário do Jornal Nacional, que era um cenário mais engessado, vamos dizer assim. Era um cenário que você tinha corte para um, corte para outro, uma câmera aberta e os dois apareciam. Agora, uma das mudanças que o Jornal Nacional conseguiu conquistar é a mudança de que os dois apresentadores estão o tempo todo participando do jornal. É uma coisa que muita gente pode até não perceber em casa, mas existe uma participação dos dois apresentadores. Mesmo quando o apresentador não está lendo aquela matéria, ele está participando daquela matéria, porque ele pode estar enquadrado, pode estar aparecendo em câmera. Isso é uma coisa que mudou: os dois apresentadores estão ali presentes, porque estão sendo mostrados. Por exemplo, se você pega no *Youtube* uma versão anterior do JN, você tinha mais corte de câmera fechada. Era um aqui, outro ali e a câmera aberta. Agora não, é muito maior a quantidade de vezes em que os apresentadores aparecem juntos, tem muito mais do que antes. Eles estão mais juntinhos ali e estão interagindo muito mais.

Você disse que foram feitos muitos pilotos. Identificaram muitos problemas?

Não, até que não. Os problemas maiores foram mais operacionais. Por exemplo, você tem câmeras no estúdio, quando você tem um lugar certinho para aquela câmera ficar, ela não vai sair dali. Quando você tem várias câmeras juntas, você tem que fazer um ballet. É uma coreografia. Todos os cinegrafistas do estúdio tiveram que aprender a fazer essa dança. E você não pode.... De repente tem um apresentador lendo uma cabeça e uma outra câmera passar na frente dele. Você não pode ter isso. Essa foi a maior dificuldade. Coisa operacional de você fazer adaptação para que o novo formato possibilite essa “informalidade” que surgiu com o novo JN.

E tiveram que aumentar o número de câmeras?

A gente está com uma câmera a mais.

São quantas no total?

Agora são quatro.

E mantiveram os mesmos cinegrafistas?

Sim, são os mesmos, um a mais, que é o da câmera solta.

E eles tiveram que passar por algum treinamento por causa desse novo formato?

Não, porque a Globo é uma escola. O treinamento foi um pouco antes, nos pilotos. Não teve nada de muito intensivo, porque eles são craques, dominam bem. Não existiu uma mudança radical, eles sabem fazer o trabalho deles e quanto a isso não teve uma mudança muito grande.

De onde vocês tiraram esse novo formato da previsão do tempo?

Foi aos poucos. A gente sabia que havia uma demanda do público por uma previsão do tempo ao vivo. Isso foi algo que a gente tinha noção. O JN não inovou nisso. Todos os jornais da Rede Globo já faziam isso, os jornais locais também, o Jornal Hoje, Jornal da Globo, Bom Dia Brasil. E a gente sabia que teria que fazer isso eventualmente. O público pedia que a gente tivesse uma previsão ao vivo. Quando a gente começou a testar o cenário e vimos que existia essa possibilidade desse efeito, em que parece que quem está aqui no estúdio do Rio de Janeiro está conversando realmente do lado da pessoa que está em São Paulo. Isso abriu uma janela de oportunidade para a gente inovar no mapa-tempo. Em São Paulo, a gente aproveitou uma estrutura enorme que eles têm lá, que é uma estrutura de arte e tudo mais. A gente foi unindo, juntando. A gente tem o talento da Maju, a forma com que ela apresenta a previsão do tempo, que é sensacional e está fazendo sucesso; o departamento de arte de São Paulo que ajudou muito; os telões. Não sei se você consegue ver em casa, mas quando vamos para a previsão do tempo, a Maju também tem um telão. Na verdade, quando ela aparece pela primeira vez na previsão, você está vendo dois telões: o nosso e o dela. Depois a gente corta para ela e ela mostra o telão dela na previsão do tempo. Quando a gente conseguiu colocar tudo junto, a gente chegou à conclusão que era uma coisa bacana. Vimos que tínhamos a possibilidade de fazer uma coisa bem legal e fomos fazer.

E como chegaram à conclusão de que desse formato seria melhor?

A gente foi fazendo (risos).

E por que a Maju?

A Maju estava se destacando muito nos outros telejornais. Achavam que ela se encaixaria bem. Não sei como foi. Quem escolheu, porque que escolheu. Realmente eu não sei. O que a gente sabe é que ela veio e ela é um sucesso e está indo muito bem. A gente adora a Maju. Ela é impressionante.

Quais foram as principais dificuldades nesse processo de transformação?

A dificuldade que a gente tem é uma dificuldade eterna. É um desafio. Todo dia que a gente bota o Jornal Nacional no ar é um desafio de contar uma história para o público de uma forma que essa história seja clara, objetiva, que ela siga determinados critérios jornalísticos. Todo dia em uma redação você define o que você vai contar, o que não vai contar, o que merece destaque no Jornal Nacional, o que não merece ser contado. Esses desafios vêm desde a época do primeiro Jornal Nacional. Não mudaram. A gente tem o desafio maior hoje que é o desafio de tentar contar as histórias de uma forma mais clara, objetiva, interessante, didática, enfim... A gente quer sempre contar a história de uma forma que faça sentido, que não seja confusa. Esse é o nosso desafio, mas ele não é de hoje, é de sempre. Não é porque o Jornal Nacional mudou que a gente passou a ter esse desafio. É que com esse formato novo ele aumentou. A gente sabe que existe uma expectativa de uma “*informalidade*”, mas a gente não pode esquecer que a gente está lidando com um público que quer assistir ao Jornal Nacional, que quer ver a notícia, que quer ver algo de relevância jornalística, que é o que cabe no Jornal Nacional, é o que se impõe.

Quais são os critérios pra decidir o que vai entrar no Jornal Nacional e o tempo de cada matéria?

Esse é um outro desafio diário nosso. A missão do Jornal Nacional é contar para o Brasil aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia. Isso continua sendo a

linha do Jornal Nacional. Então, os critérios que a gente tem para decidir o que é importante e o que não é importante são esses critérios. A gente tenta e as coisas vão sendo definidas e vão sendo modificadas; ao longo da tarde, as coisas ganham e perdem importância. Isso é algo que a gente vai discutindo e vai debatendo. Não existe um critério fixo, uma fórmula mágica. É muito comum, por exemplo, você tem repórteres do Brasil todo que ligam para a gente perguntando qual é o critério para a matéria deles entrar ou não entrar. E a nossa resposta é: não tem um critério, não tem um manual. O critério é a relevância jornalística daquela notícia, daquele assunto, daquela história que a gente quer contar no ar naquele horário para milhões de pessoas que assistem a gente. Então não existe uma fórmula mágica. É claro que a linha é essa. É um programa jornalístico que tem como missão informar aos brasileiros o que de mais importante aconteceu naquele dia. A gente tenta apresentar um cardápio variado, mas dentro desse cardápio variado sempre o critério maior vai ser o da relevância. Qual é a relevância disso? Isso tem relevância para o brasileiro, para o país, para a dona de casa?

Os jornalistas envolvidos nesse processo passaram por uma espécie de treinamento?

A gente teve algumas aulas com uma professora de português. Não foi bem um treinamento, mas para tentar exatamente fazer essa transformação, para tentar trazer a língua do Jornal Nacional o mais parecida possível com a língua falada, o mais próximo da oralidade, da linguagem que as pessoas falam. Agora, a gente não pode passar de certos limites, a gente não pode cometer erros, por exemplo.

E as aulas duraram quanto tempo?

Foram seis semanas, uma por semana.

Foi só no Rio?

Aqui no Rio, por enquanto, depois isso vai se expandir. Mas não é bem uma aula, foram mais exercícios de como que a gente pode escrever de um jeito que se aproxime mais da forma com que as pessoas falam, mas sem cometer erros de gramática. Isso também é uma missão do Jornal Nacional, a gente não pode cometer erros de português. O Jornal Nacional é assistido por milhões de pessoas, não podemos colocar no ar erros de português, da mesma forma que também não podemos colocar erros de informação. Temos a obrigação de falar corretamente,

mas o nosso texto não é para ser o texto de um escritor. Esse é que é o grande desafio, por isso que acho difícil você usar a palavra informalidade. É um jornal mais informal, mas a gente também não vai cometer erros grosseiros de português que aí tem um limite. Onde é que começa e termina a informalidade? A gente também não pode colocar no ar coisas que são gramaticalmente erradas. Existem muitas formas, muitos gramáticos que permitem certas construções, que a gente usa de vez em quando. Todo dia é um limite, um desafio diário.

Como os repórteres reagiram a essa transformação?

Todos adoraram, porque essa “*informalidade*” ajuda a pessoa. É mais fácil para um repórter escrever de uma forma informal e é mais fácil para você contar uma história de uma forma informal do que você contar do jeito que você contava antes. O difícil é você pegar vários profissionais que escrevem de um jeito já há muito tempo e falar para eles que vamos tentar fazer uma mudança na linguagem, mas a gente ainda é o Jornal Nacional. Não podemos passar de certos limites. É muito difícil você achar essa equação. Era mais fácil para a gente fazer como era antes, mas não antes do novo JN, antes tempos atrás, que era uma coisa mais engessada. Hoje em dia é uma coisa mais livre, mas o problema de se fazer uma coisa mais livre é que você pode fazer uma piadinha, uma brincadeirinha, às vezes pode passar do limite, pode ficar um pouco exagerado.

O Bonner anda fazendo muitos comentários pessoais, brincadeirinhas. Qual é o limite desses comentários? Setembro 3, Fatima, Carlos manga,

Esses comentários têm sido um sucesso. Essas brincadeirinhas são bem-vindas quando o dia permite e tem feito muito sucesso dentro, claro, de um limite. Você vê que não é o tempo todo. O Bonner não fica o tempo todo dentro do jornal fazendo brincadeirinha. A gente também trata de muitos assuntos sérios. Se em um determinado dia, a chuva provocou estragos, não cabe brincadeirinha naquele dia. É um termômetro que a gente vai medindo diariamente, não tem uma fórmula, não existe um jeito.

Tem uma pessoa responsável para ver o retorno do público na internet?

Não. Todos nós, todo mundo está ligado. A equipe do Jornal Nacional é uma equipe atenta.

Percebi que aumentou o número de postagens no facebook...

Sim, a gente tem colocado muito mais coisa no facebook. A gente tem tido uma interatividade maior com o público através das redes sociais.

Essa mudança também tem a ver com audiência?

Não. O Jornal Nacional tem ciclos, mudanças de cenário sempre tiveram. Isso é uma evolução natural da Rede Globo. A Rede Globo sempre vai tentar se inovar. Uma televisão nunca pode ficar estática, ela vai mudando. Quando a gente mudou o cenário, já estava meio que na época de mudar mesmo. A gente já tinha feito uma grande mudança com o cenário antigo, que foi muito legal e agora a gente fez uma mudança ainda maior. Mas isso já estava programado, de tempos em tempos a gente muda mesmo o cenário. Acontece, é normal. O Departamento de Artes gráficas da Globo muda. Até o plim plim da Globo foi mudando ao longo do tempo. Isso é uma evolução natural que a gente vai fazendo, é normal. Como fazem as montadoras de automóveis, que mudam seus modelos, a gente vai mudando com o tempo. É normal que o JN faça mudanças de tempos em tempos. Essa de agora acho que foi a mais impactante, a mais significativa. Foi a primeira vez que um apresentador se levanta, não é? Nunca tinha se levantado antes.

Percebi que tem rosto novo no JN. Já eram da casa?

Os rostos novos já eram da casa, mas com essa mudança para fazer um Jornal Nacional que traga informação de uma forma mais objetiva e, em determinados casos de uma forma mais leve, surgiram novos talentos. Esses rostos novos têm sido muito bem-vindos e têm feito muito sucesso também. Mas sempre foi assim, você pega os veteranos de hoje, eles cobriram o Rock in Rio de 30 anos atrás, eles eram novos lá atrás, eram garotos. O JN sempre teve rostos novos. De vez em quando surgia no JN uma pessoa nova. Só que agora, como mudou tudo, as pessoas estão prestando mais atenção nos repórteres novos. Mas de tempos em tempos, o JN sempre colocou repórteres novos para fazer matéria. Não é exatamente uma novidade, mas é engraçado que está chamando mais atenção. Eu vejo que as pessoas estão encantadas. Mas a Globo sempre teve novidades. Esses repórteres souberam aproveitar o espaço novo que o JN está concedendo a essa nova linguagem.

Tem alguma orientação diferente para os repórteres na hora de fazer as matérias?

Não, não existe nenhuma orientação que não existia antes. O que a gente sempre incentiva é que as matérias sejam cada vez mais atraentes mesmo que seja de assuntos áridos, de assuntos complexos. Por exemplo, você fala de déficit fiscal, que é um assunto importantíssimo, o Brasil agora está lidando com uma crise política e financeira, o grande desafio é justamente tentar transformar assuntos difíceis de serem contados de um jeito mais atraente para o público, é nisso que a arte está entrando muito. É tudo uma parceria, você tem um repórter que tem a missão de contar aquela história de uma forma objetiva, clara, que as pessoas consigam realmente compreender, entender, sem usar frases pesadas demais. E aí vem a arte, os gráficos, a tentativa de fazer de uma forma atraente, de uma forma que seja visualmente legal, bacana.

Conversei com o pessoal da arte de Brasília e eles disseram que agora têm mais liberdade...

E estão fazendo um trabalho sensacional. E em Brasília tem uma dificuldade muito grande, porque os assuntos de Brasília demandam imagens, afinal estamos em uma televisão. A arte está tentando pegar imagens clássicas de Brasília, que já ilustraram muitas matérias, porque às vezes você não tem saída, e está tentando fazer com que tudo seja muito mais atraente visualmente, porque isso também faz parte da nova linguagem do JN. Isso tudo para dar leveza ao jornal.

Esse novo formato mudou de alguma forma a sua rotina e a da equipe?

Todo mundo na equipe sofreu uma sacudida. Todo mundo. Desde da produção, que pensa nas pautas, passando pela edição e os repórteres. Para todo mundo foi passada a missão: contar as matérias de uma forma bacana, legal, atraente, de uma forma leve, objetiva. Vamos tentar sair daquele jeito burocrático, daquela forma que o jornalista trabalha. Vamos tentar ser inovador e isso dá trabalho, porque você tira as pessoas da zona de conforto. Você tem pessoas que faziam aquelas matérias muito parecidas há muito tempo, no automático. Existem determinados assuntos na televisão que você escreve o texto quase que no automático. Agora não. Fazer o diferente, fazer uma matéria com pegada, nosso jargão, a matéria tem que ter uma pegada diferente e isso é um desafio. Está mais difícil, o departamento de arte está trabalhando muito mais.

Essa informalidade está sendo adotada por todas as filiais e filiadas da Globo?

Sim. Isso a gente tem notado e tem ficado bem feliz, porque tem uma tentativa muito grande de todos os repórteres de contar histórias de um jeito mais saboroso. É engraçado que a gente vê que alguns repórteres que tem se destacado e alguns repórteres que faziam de um jeito porque achavam que o JN era “careta” e agora eles tentam contar a mesma história de um jeito um pouco menos “careta” e a gente vê que funciona. A gente tem recebido matérias de praças, que são matérias muito interessantes, muito bem contadas. Às vezes, até assuntos difíceis. Outro dia a gente recebeu matéria de um golpe contra aposentado, uma matéria complicada, e o repórter soube explicar aquilo. E aí é que está, você tem de tomar cuidado com a informalidade, porque é um assunto sério. Você não pode contar a matéria de um golpe de uma forma totalmente informal, o cara que caiu no golpe vai se sentir ofendido, vai achar que a gente está fazendo graça dele e não pode. Então esse é que é o nosso desafio todo dia: a matéria tem que ficar no tom, correta, a gente não deixou de ser o Jornal Nacional, a gente ainda é o Jornal Nacional e ainda tem mais essa missão de contar as coisas de um jeito atraente.

Ultimamente o JN anda maior. Essa nova linguagem prejudica ou facilita na hora de esticar o jornal?

Talvez até facilite. O Jornal Nacional muda muito de tamanho em função da programação da Rede Globo. Claro que é mais fácil você contar uma história em mais tempo do que em menos tempo. É mais difícil você resumir do que dar mais tempo. De modo geral, o aumento do tamanho do JN, ele facilita a linguagem natural. A previsão do tempo aumentou. Por quê? Porque você se levanta, você caminha, conversa com a Maju, tem perguntas que são feitas daqui, porque senão ela iria ficar falando sem parar. Então, o nosso mapa-tempo aumentou.

As perguntas são combinadas?

As perguntas são sempre combinadas porque você tem que ter os gráficos, mas não são combinadas ao pé da letra. É uma conversa mesmo. É uma combinação, mas não é como no teatro, é uma combinação bem informal. Por que como você colocaria aqueles gráficos no ar se não tivesse uma combinação? Mas a interação do Bonner com a Maju, nada daquilo é combinado.

Vocês se espelharam nos outros jornais da casa para fazer as mudanças?

Obviamente que o Jornal Nacional foi o último a mudar. A previsão do tempo já era feita ao vivo há muito tempo, no Bom Dia Brasil, por exemplo, e já se sabia que o Jornal Nacional chegaria ao ponto em que mudaria também. Mas ainda acho que a gente precisa sempre manter a linha do Jornal Nacional.

Então não mudou o que era mais importante para o jornal antes nem o que é mais importante hoje...

Exatamente. Acho que você resumiu muito bem. O que era mais importante para o jornal antes continua sendo o que é mais importante hoje. Isso não mudou. Os critérios jornalísticos não mudaram.

E como é a rotina no Jornal Nacional?

De manhã é oferecido um cardápio por todas as praças. Aí você tem uma reunião às 10h da manhã e você seleciona/ monta o que a gente vai cobrir naquele dia, toca o barco e tudo muda ao longo do dia. À tarde, tem outra reunião em que quem veio de manhã para a reunião da manhã conversa com os editores que chegam à tarde e cada um vai tocando a sua matéria. Tem dias que eu faço a reunião da manhã, tem dias que o Bonner faz.

E como você, como editor executivo, avalia essa mudança?

Eu estou muito feliz. Estou extremamente feliz. Acho que está todo mundo feliz e empolgado. Acho que toda mudança é bem-vinda. Quando você tem algo novo sempre é bacana, sempre é legal. Sair da zona de conforto e fazer algo diferente é bacana.

ENTREVISTA ZILEIDE SILVA

Queria que você falasse um pouco da sua trajetória profissional

Eu comecei em rádio. Eu fiz muito pouco um jornal, um jornal de bairro. Eu sou de São Paulo eu fiz a Cásper Líbero, jornalismo na Cásper Líbero. Aí quando eu concluí, eu senti que ainda

faltava alguma coisa. Eu achei que a faculdade não era suficiente. Aí entrei na USP para fazer história. Aí eu comecei a faculdade de história, mas ao mesmo tempo, eu comecei a trabalhar e comecei a viajar muito. Aí eu tive que trancar a faculdade de história. Não concluí e eu sinto falta. Eu acho que era importante ter concluído história.

Fiz um jornal de bairro, em Brooklyn, jornal do bairro do Brooklyn. Depois eu fui para a rádio. Fiz muito tempo de rádio. Fiz rádio, jornal de São Paulo, depois essa rádio foi comprada pela rádio Bandeirantes. Depois eu fui para a rádio Cultura. E da Rádio cultura eu fui para tv cultura. Aí eu fiz tv cultura, depois SBT e depois Globo.

Qual SBT?

SBT de São Paulo, eu fazia o TJ Brasil com o Boris Casoi. E aí quando ele foi para a Record, eu não quis ir, falei não acho que não. E aí a Globo acabou me convidando, aí eu já vim trabalhar aqui em Brasília. Eu já tava aqui em Brasília. Eu fiquei um ano. Eu comecei no SBT de São Paulo. Aí eu fiquei aqui em Brasília um ano pelo SBT e depois já passei para a Globo.

E você está na Globo há quantos anos?

Olha, na Globo de Brasília, com parênteses, quando fui para Nova York, acho que já to há uns dezessete, dezoito anos.

E quando você fez faculdade, você tinha algum veículo específico em que queria trabalhar? Rádio, Jornal, TV?

Eu pensava em jornal, eu jamais pensei em fazer televisão nem rádio. Eu sempre pensei em jornal impresso. E aí, fazendo faculdade, fiz esse jornal de bairro, aí fui convidada para fazer rádio. E é engraçado, porque eu nunca gostei da minha voz. Sempre achei minha voz muito grave, muito grossa, criança fazendo bullying, que na época nem chamava bullying. “Ah mas você tem voz de homem”. Eu não achava a minha voz legal. No entanto, quando eu comecei a trabalhar, as pessoas falavam: “Nossa, você tem que fazer rádio. Você tem uma voz ótima, vai fazer rádio”. Aí eu fui fazer rádio assim: convite. Aí fui para essa rádio Jornal de São Paulo. Depois fui para a Rádio Bandeirantes. Depois para a Rádio Cultura, e aí na Rádio Cultura, num processo que houve lá atrás, numa crise.... Porque assim, a Rádio Cultura sempre foi uma rádio de música clássica. De repente, ela tentou inovar, e fazer programa para mulheres,

programas para jovens. Não deu certo. E aí, eles iam demitir todo mundo. Aí eles falaram: “Então, vai todo mundo fazer o teste para televisão e quem passar fica”. Aí eu fui fazer um teste assim, porque senão eu ia ficar desempregada. Aí eu fui fazer o teste para televisão e nesse teste que eu passei, fui aprovada. Assim que comecei a fazer televisão. TV Cultura de São Paulo.

E quanto a voz? Teve que trabalhar?

Não, porque as pessoas gostavam da minha voz. Eu fui convidada para fazer rádio. Eu que não gostava. As pessoas gostavam da minha voz. Não tive (que trabalhar a voz). Porque eu tenho sotaque muito de São Paulo, mas a Globo gosta de ter isso: todo mundo com o seu sotaque.

Chegou a trabalhar na Globo de São Paulo?

Nunca trabalhei, já comecei na Globo de Brasília. Depois fui para Nova York. E agora eu faço, uma vez por mês, apresento o Jornal Hoje, que é em São Paulo, então eu vou para São Paulo. Fiz um período o Jornal da Globo, em São Paulo. E quando eu faço o Globo Repórter, aí eu viajo e edito no Rio de Janeiro, mas minha praça é Brasília.

Quando foi Nova York?

Foi em 2001, quando houve o 11 de setembro. Fiquei quase três anos lá. Foi uma experiência maravilhosa.

O Jornal Nacional adotou um estilo mais informal nos últimos meses. Você sabe me dizer como foi esse processo?

Olha, para reportagem não deu para mudar muito em Brasília, porque Brasília é realmente Hardnews. Então a gente fica com assuntos extremamente sérios, extremamente pesados, mas a gente tenta, sim. Sempre foi uma preocupação nossa: ter uma linguagem mais coloquial, uma linguagem que todos os telespectadores possam entender. Mesmo porque o Jornal Nacional é um jornal extremamente difícil, porque ele pega da dona de casa a presidente da República; o operário da fábrica e o presidente da Fiesp, o dono da empresa. Então você tem que

tentar atingir a todas essas pessoas, a todos esses telespectadores. Então, é um jornal mais difícil. E a gente sempre tentou ter uma linguagem mais acessível a todos. É complicado, mas a gente tenta. Então para ter essa linguagem tão mais coloquial, como eu vejo às vezes em algumas reportagens de São Paulo, reportagens do Rio de Janeiro. A praça Brasília é um pouco mais complicada, mas a gente tenta.

Já vi alguns “pô”, “pra”, “né”, em matéria...

Mas isso é muito de cada um, eu não gosto de falar “pra”, então eu não preciso falar “pra”. Eles respeitam cada repórter, cada estilo, o jeito de cada um. Ficaria falso para mim se eu comesse a falar “pra”. Tem alguns momentos que sai algum “pra” naturalmente, mas em outros não. Para mim é “para a Presidente da República”, “para o Congresso”, “para o Governo”. Tem um escopo aí que você tem que seguir, tem que respeitar, uma matéria mais séria não dá para brincar.

E quando você soube que haveria uma mudança?

Um pouco antes da estreia do jornal. Até porque nós fizemos muitos pilotos. Fizemos vários pilotos, porque mudou também o vivo. Normalmente era um padrão americano. Então você entrava ao vivo e falava normalmente. Agora não, muitas vezes nós entramos de corpo inteiro e com duas câmeras. Então isso foi testado, tinha que ver a altura, porque em alguns locais você não tem um espaço suficiente. Então a gente fez vários testes, vários pilotos para esse link.

E quando que esses pilotos começaram a ser feitos?

Um pouco antes da estreia, talvez um mês antes da estreia.

E como funciona essas duas câmeras? Na prática?

Tem uma câmera que você olha para o Bonner, por exemplo. Ele vem conversar comigo. Aí em uma câmera eu estou olhando para ele. É uma primeira câmera. E na outra eu meio que falo com o telespectador, eu me viro para outra câmera.

E como elas estão posicionadas?

Uma ao lado da outra. Uma bem próxima a outra. Porque você nem vira o corpo, você praticamente vira os olhos. Então você está olhando para o Bonner ou para a Renata, aí vira um pouquinho para dar a ideia de que você está falando com o telespectador.

E teve alguém para treinar vocês?

Sim, sim. Toda a técnica, a engenharia foi lá, treinou a gente. Fizemos vários testes: a posição, o enquadramento, como ficar. Tudo isso foi testado várias vezes. Nós fizemos muitos no Supremo Tribunal Federal, e depois alguns no Congresso Nacional, e agora a gente faz onde cabe e onde é necessário fazer esse link.

E foi difícil para você?

O que mudou no link é que agora é muito mais coloquial, é muito mais conversado. Porque antes nós tínhamos assim: você tem 45 segundos para fazer um link, ou você tem um minuto para fazer o link. Então a gente decorava o texto, um minuto, 45 (segundos), um minuto e meio. Nós decorávamos esse texto. Íamos para a frente da câmera e falávamos. Decorado. Agora não. Eles não querem. Porque como é para ser um diálogo com o telespectador, é para ser mais conversado, então a gente não decora mais o texto. A gente entende o que aconteceu e a gente sempre tem duas perguntas. As perguntas são combinadas. Então se eu estou lá no Congresso Nacional, o Bonner fala assim: “Hoje você acompanhou a reforma ministerial. Como que está, Zileide? Caminhou? Andou? A presidente vai conseguir fechar na semana que vem?”. Eu acompanhei o dia inteiro, então eu vou e respondo para ele. Nós temos normalmente dois minutos, dois minutos e meio. Então eu tenho que ter mais ou menos uma ideia de falar mais ou menos um minuto.

Tem der ter o texto pensado já...

Sempre tem de estar pensado. Eu tenho as linhas gerais do eu que vou falar, para eu não me perder. O que eu vou falar para o Bonner? Então eu vou selecionando os pontos que eu acho importantes e vejo “bom, acho que aqui vai dar mais ou menos um minuto”, falo, falo, falo. E aí tem uma segunda pergunta. Ele pode perguntar: “Mas realmente a presidente anuncia antes de embarcar para Nova York?”. Aí eu já tenho mais ou menos o que eu vou falar. Antigamente

eram 45 segundos cravados, um minuto cravado. Você não podia falar nem mais nem menos. Falou, acabou. Agora, não. Agora você meio que dialoga com ele. É legal, é um bate-papo, é quase isso. Você não tem que se preocupar tanto com o tempo, decorar, colocar todas as informações em 45 segundos ou em um minuto e falar de prima. Antes não podia nem falar “hã, esqueci”. Esquecer era complicado, porque até recuperar, você estoura o tempo, porque você vai botar uma frasezinha ali para enrolar o que você esqueceu. Agora, não, porque agora você está batendo um papo. Ficou bem mais tranquilo. Gostei muito desse novo link. Acho espetacular. E eu acho que para o telespectador ficou bem mais interessante. Teve um link, o primeiro que a gente fez aqui de Brasília, que eu consegui até... tinha um aluno atrás de mim, eu falei: “Vai continuar estudando?”. Ele: “Claro”. Você consegue, você está bem mais solto.

Que era algo que não poderia antes?

Não, porque estava cravado. Era um jornal mais engessado. Agora é bem menos engessado. Você vê que ele conversa muito com a Maju, tem muito improviso com a Maju. O jornal está muito mais solto. Então é muito mais legal.

Então para você ficou melhor...

Ficou bem melhor. Ficou menos rígida e você esquece o que falou, você consegue “bom, lembrei que achei importante”. Você consegue ter essa facilidade.

E o que você tem percebido dos outros repórteres? Eles também gostam?

Sim, todo mundo. Os colegas repórteres vem e falam: “Nossa, mas esse link é maravilhoso. Parece que você está lá dentro do estúdio e parece que eles estão dentro do Congresso. Parece um holograma”. Acho que visualmente ficou muito bonito. E como dá essa impressão que a gente está cara a cara é legal conversar, não é legal ficar com o texto decorado.

Você disse que houve um treinamento com as câmeras do novo link. Houve também uma espécie de treinamento em relação ao texto?

Sim, foi conversado. Não houve uma reunião, mas foi conversado. Nosso diretor, que é o Vilela, vinha conversava com a gente, com os editores. “Olha o Jornal Nacional vai mudar, des-

de o cenário até o conteúdo. Então vamos tentar ser mais coloquiais. Vamos tentar conversar mais. Mesmo sabendo que Brasília é uma praça mais difícil, por ser uma praça de hardnews, mas vamos, sempre que possível, fazer uma passagem mais interessante (que é quando a gente aparece na reportagem) ”. Enfim, ter essa preocupação. A arte melhorou muito. A arte hoje é muito mais bonita também.

Você sabe se aumentaram o pessoal da arte?

Não sei. Mas para eles também ficou mais legal. Dá para fazer mais.

Teve um processo de adaptação? Como foi?

Sim, um processo que foi fácil para nós, porque nós saímos daquele texto rígido, decorado, para quase que um bate-papo mesmo, improvisado; eu sabendo os temas que ele vai me perguntar, também não é tão aberto. Eu sei mais ou menos o que ele vai me perguntar. Agora claro que ele pode improvisar lá também e aí eu vou ter de improvisar aqui do outro lado. Se você perceber bem, se pegar um link antigo meu, você vai ver que era uma coisa rígida. Esse não, até a mão você levanta. Você está meio que batendo um papo com o Bonner e com o telespectador; com a Renata e com o telespectador.

Agora o link pega o corpo inteiro...

Pega o corpo inteiro. Exato. Você tem que ter alguns cuidados.

Mudou algo em relação a isso?

Mudou, eu sempre tenho uma preocupação que eu vou aparecer de corpo inteiro. Eu não acho legal aparecer de sapatilha, ou de sapato sem salto. Eu acho que o salto te dá uma postura melhor, já que ele vai te ver de corpo inteiro. O blazer, que normalmente quando você vai gravar, você podia botar o blazer e ia ficar aparecendo a camisa ou uma blusa. Agora já não pode, porque vai ficar feio a composição. Tem que tomar cuidado com a roupa também. Mas como eu cubro muito Congresso, muito Planalto, normalmente eu já tinha uma preocupação com a roupa. Usar calça jeans, nunca. Ir de tênis, nunca. Camiseta, nunca.

Você acha que aumentou, por exemplo, a preocupação com o corpo? Agora que pega o corpo inteiro?

É, a televisão engorda. Naturalmente a televisão engorda. Eu acho que está todo mundo meio preocupado com isso. E dependendo da roupa que você usar, pode, enfim, saia com uma fenda, então, como que aquilo vai aparecer? Passou a ser uma preocupação maior o sapato. A gente não tinha nenhuma preocupação antes com o sapato. Agora, não, você aparece de corpo inteiro e mostra até o sapato. Tem que ter cuidado com tudo. Mas é um cuidado que todo mundo que faz televisão tem, porque você entra na casa dos outros. Eu ouvi isso uma vez e achei isso muito sério. Você não vai visitar alguém, entrar na casa da pessoa, esculachada, desarrumada. E a gente entra na casa de todo mundo diariamente. Eu acho que isso é uma questão de educação. Se eu estou entrando na sua casa, eu tenho que ter uma postura. Eu penso muito isso. Eu ouvi e achei que isso era muito interessante para servir como exemplo. Se eu me arrumo para ir visitar um amigo, para ir fazer uma visita, eu não vou esculachada visitar alguém. E eu estou entrando toda noite na casa de alguém, então eu acho que tenho que ter essa preocupação. Esse link maior passou a ser uma preocupação porque você vai aparecer de corpo inteiro. Então seu sapato, sua saia, sua calça, seu vestido, esse cuidado, mas só isso.

Como é a sua rotina?

Não tem. Você fica meio pela pauta. Você não tem um horário.

Essa informalidade no jornal alterou algo no seu dia a dia?

Não, deixa eu pensar.... Eu penso no sapato antes de sair de casa. Essa passou a ser uma preocupação porque vai aparecer o meu sapato nesse vivo, mas só isso.

Você acha que essa linguagem mais coloquial tem a ver com a ascensão da classe C?

Nós sempre tivemos a preocupação de atingir a todo mundo no Jornal Nacional. Da dona de casa ao presidente da Fiesp, então não mudou muito, porque dona de casa já era da classe C. Agora aumentou esse percentual? Felizmente aumentou, mas essa preocupação já existia, de chegar a todas as classes sociais. Já era uma preocupação nossa. Como foi uma preocupação de mostrar o que aconteceu no país naquele momento quando surgiu uma nova classe média.

Então você não teve que assimilar um novo estilo?

Não, esse cuidado de tentar ser cada vez mais coloquial é o ideal, por isso esse link quase de bater papo. Mas para as reportagens não deu muito para fazer isso, porque é um assunto mais árido. Em compensação, lá atrás eu já fiz uma matéria da macaca Capitu. Tinha uma macaca no zoológico de Brasília que traía o macaquinho dela. Eu fiz essa matéria para o Jornal Nacional, fechou o Jornal Nacional. Então tem um tema leve, um tema solto, dá para brincar.

Aumentou o tempo do jornal?

Alguns dias, sim, mas quarta-feira, por exemplo, é muito curto, porque tem futebol. E depende também muito da notícia. Se está um dia pesado, de você ter muita notícia para botar, então o jornal fica um pouco mais longo. Sempre foi assim. Quando você tem um 11 de setembro, por exemplo, foram quase duas horas de jornal. O fato acaba determinando o tempo do jornal. Menos quarta, porque como está amarrado com o futebol. Então quarta é cruel, tem de ser um jornal curto.

Ando percebendo o jornal mais longo. Há dias em que chega a uma hora.

Tem, mas você vê que estamos em um momento muito difícil. Essa reforma ministerial, a crise, o dólar explodindo. Você tem uma crise política, uma crise econômica. No exterior, você tem uma crise de imigração. Então você está com um factual muito pesado. Você estava com o Papa em Cuba, o Papa nos Estados Unidos. Então acho que o momento também exige uma cobertura maior. O jornal é como um jornal impresso, você tem poder, você tem economia, você tem lazer. Também tem que ter esse lado. O Rock in Rio está acontecendo. Você não pode deixar de dar o Rock in Rio.

Essa linguagem mais coloquial é aplicada a qualquer tipo de notícia?

Às vezes não. Principalmente no caso de Brasília. Se você tem uma matéria de economia tão pesada. Mas dá para você ir na casa de uma família, tentar mostrar como que essa crise chegou até aquela família. Você vai na família, já é mais legal, porque você mostra uma rotina. Você mostra o dia a dia. Então, sempre isso, tentar tirar tão do macro. Tirar do presidente do Banco Central. E a rotina? E quem está viajando? Que está morrendo de medo porque o dólar

vai explodir? Então, sempre você tenta fazer a coisa mais pé no chão, tirar um pouco só do macro. Mas isso é desde sempre e continua com essa preocupação talvez até maior.

Então, no fim das contas, para a reportagem não mudou tanta coisa assim...

Não, talvez para Brasília. Eu acho que se você entrevistar alguém de São Paulo ou do Rio, a preocupação seja ainda maior. Brasília como tem essa questão do hardnews é um pouco mais complicado. Mas mesmo assim a gente sempre tem isso: coloquial, coloquial, coloquial. Evitar, por exemplo, segundo a presidente, por que segundo a presidente? A presidente disse que. O objetivo é que o texto seja mais conversado mesmo. Para você ver o tempo, era aquela coisa chata, mas aí a Maju entra, o Bonner conversa com a Maju, faz piada, ficou tão mais interessante. Já virou uma coisa tão mais amigo, mais próximo. Ficou muito mais próximo. Maju, antigamente era Maria Júlia Coutinho, imagine falar apelido. É Maju, Maju, pronto, é assim que ela é chamada.

E sobre os comentários mais pessoais do Bonner?

As pessoas adoram. Eu acho que isso aproxima muito, tira do pedestal. É quase que um companheiro nosso, conversando e contando o que aconteceu no dia. Acho que isso aproxima bem mais do telespectador.

Você apresenta o Jornal de Hoje, uma vez por mês, que já tinha mudado de cenário antes. Você acha que influenciou na mudança do Jornal Nacional?

Eu acho que sim. Funcionou muito bem. O telespectador começou a elogiar. Os telespectadores amam a Sandra e o Evaristo. Os dois vivem conversando.

É uma recomendação geral ter o texto mais coloquial? Para as cinco Globos e afiliadas?

É geral, porque todos entram no jornal.

Você sabe dizer o que os repórteres mais experientes acham dessa mudança?

Todo mundo já fazia essa linguagem mais coloquial. Antes, o Jornal Nacional que não deixava você fazer tanto. Por exemplo, o exemplo do link, que eu tinha de entrar com 45 segundos ou um minuto decorado. Quando ele me fala: “Para de decorar e vem conversar”. Quando ele me fala: “Pega esse texto e brinca”. Eu só posso comemorar. O link é um bom exemplo, por você decorava o texto, porque você não podia improvisar. Era o jeito do jornal, mais amarrado.

Você acha que ainda tem alguma mudança a ser feita?

Eu acho que é um processo, é um ajuste. Você tem um retorno do telespectador, do IBOPE. Tudo isso a cúpula avalia. Acho que tem ajustes, sim. É um processo para o resto da vida. Tudo vai mudando. A arte vai ficando melhor. A tecnologia vai melhorando.

Essa questão do texto se estende para todo mundo? Até para quem está lá fora?

Sim, para todo mundo.